

Palavras do Alvorecer



Amalia Domingo Soler

Palavras do Alvorecer

Amalia Domingo Soler

1 o SONHO DAS CRIANÇAS

Em uma noite do mês de julho, quando o calor se derramava intensamente, estávamos sentados com vários amigos no salão do Prado de Madri. Falou-se de tudo um pouco, até chegar-se ao Espiritismo e, como é natural, algumas pessoas opinavam favorável, enquanto outras desfavoravelmente. Do grupo, apenas um homem sexagenário, pessoa culta e de fino trato, emudeceu ao referirem-se ao novo assunto. Enquanto todos falavam a um só tempo, ele traçava, com sua delgada bengala, círculos na areia e movia a cabeça, como se estivesse respondendo aos seus pensamentos.

— E você, que diz, Mendoza? perguntamos.

— Não digo nada, Amália.

— Mas você deve ter sua opinião formada.

— Não, senhora, não a tenho.

— Não a tem? Pois é muito estranho, posto que um homem como você, que viajou tanto, conviveu com muita gente e viu tantas coisas, deve ter ouvido falar do Espiritismo.

— Creio que sim! Li também as obras de Allan Kardec e assisti a muitas sessões espíritas; mas, estou assim: creio, e não creio, compadeço-me dos que o negam, invejo os que crêem na sobrevivência do espírito, e deixo os anos passarem, uns após outros, sem decidir-me a negar ou a aceitar. Estou como estava o louco do conto.;

— E como estava esse louco?

— Segundo dizem, ia nu como Adão e levava uma peça de pano na cabeça, esperando a última moda para vestir-se. Eu espero a última crença, para crer. Confesso

que, quanto às crenças, ainda não fixei minhas ideias, embora, pode crer, tive provas em minha vida que poderiam me ter convencido.

— Convencido de que?

— Da verdade do Espiritismo.

— Sim! e como? conte-me.

— A ocasião não é propícia: somos muitos e alguns se ririam.

— Pois fale em voz baixa, e não nos escutarão. Não vê você que os homens falam de política e as mulheres de modas? Não se preocupe, pois não se distrairão.

— Está certo, mesmo porque a você, que é escritora, não será mau conhecer uma nova história.

— Eu o creio; comece, pois, seu relato.

— Não creia que seja algo extraordinário, embora o seja para mim e tenha influído poderosamente em minha vida. Talvez você ignore que sou viúvo.

— Certamente, o ignorava.

— Não estranho; muitos me crêem um solteirão porque não sou inclinado a contar aos outros as coisas que só a mim interessam. Como ia dizendo, faz mais de trinta anos que sou viúvo.

— Casou-se jovem?

— Aos vinte anos. Casei-me como se casa nessa idade: louco de amor. Vivi cerca de um ano no paraíso. Minha esposa era bela como um anjo e boa como uma santa e, ao dar à luz um menino morreu em meus braços. Não posso pintar-lhe o desespero que senti e o ódio profundo que meu filho me inspirou; desde aquele instante, acusava o inocente pela morte da mãezinha, e me enfureci de tal maneira, que não cometi um crime porque uma minha irmã casada tomou a criança, e a criou, salvando-me do parricídio¹.

Estive viajando quatro anos seguidos. Minha irmã me escrevia, dando-me notícias da criança; dizia-me que era tão formosa quanto a mãe, que falava bem e era inteligente, que beijava meu retrato e sempre perguntava quando viria seu pai; mas eu não me comovia

com esses detalhes preciosos. Voltei à Espanha e persisti em não vê-la, sentindo, ao mesmo tempo, um ódio feroz por todas as crianças.

Uma noite, estando no café, vi chegar meu cunhado que corria como um louco e que, agarrando-me o braço me disse: *‘‘Teu filho está morrendo e o pobrezinho te chama; diz que sonhou que vai morrer e quer ver o pai’’. Ao ouvir estas palavras, pareceu-me que tinham me atravessado o coração, e saí correndo, e chorando, como um menino. Que mistérios guarda o coração humano! Havia-o odiado em vida, e o chorava morto!...

Cheguei à casa de minha irmã, que veio ao meu encontro soluçando, e me levou ao quarto do meu filho. O pequeno estava dominado pela febre e parecia dormir. Não sei o que disse; tomei-o em meus braços e o cobri de beijos, pedi-lhe perdão, maldizendo minha loucura de ter fugido àquele anjo! Como era lindo meu filho!

— E o menino, que fez?

— Que fez? Abraçou-me, olhou-me com delírio! Estava louco de alegria e aquela violentíssima sensação lhe foi benéfica, pois segundo disse o médico, conjurou o perigo. Quinze dias vivi extasiado, com meu filho. Você não imagina que talento e que perspicácia tinha! Não quis separar-me dele nem para dormir. Dormíamos os dois juntos. Uma manhã, ao despertar, olhou-me com um sorriso de tristeza, acariciou-me muito e disse:

— Agora sim, eu me vou!

— Onde? disse-lhe tremendo, sem saber porque.

— Vou-me com minha mãe; ela me disse esta noite. —i Que dizes? Não te entendo!

—« Sim. Com esta, ela já veio duas vezes e me disse que, com ela, estarei muito bem. Mas, sinto deixar-te.

— Deixa-te de tolices! — exclamei — agora nos levantaremos e iremos passear.

— Não, não, não quero levantar-me, pois me estão dizendo que, agora, verás como se cumpre o sonho — e,

reclinando sua cabecinha em meu peito, morreu.

— E como você ficou?

— Como um idiota! Durante muito tempo, não sabia o que se passava comigo e, quando saí daquela perturbação, passei a ser atormentado por remorsos tão horríveis que não descansava, nem de noite, nem de dia. Sempre pensava em meu filho, lamentando o tempo que passei longe dele.

Fugi das pessoas e estive pelo menos dez anos sem querer cuidar de nada. Depois, voltei ao meu estado normal: meu pai morreu e, entre arrecadar a herança e cuidar dos negócios, consegui distrair-me e voltar à vida social. Todavia, não olhava para nenhuma mulher, temeroso de constituir uma nova família. Assim estavam as coisas, quando uma noite, no café com amigos, um deles me disse:

— Reparem que semblante distinto tem esse menino que costuma vir aqui! Pena que seja tão pobre!

Todos olhamos, e vimos chegar um menino, que teria seis ou sete anos, vestido pobremente com um cai-xotinho entre as mãos, no qual levava caixas de fósforos. Acercou-se de nossa mesa e nos ofereceu sua mercadoria com uma voz tão doce que nos encantou. Tinha uma fisionomia preciosa. Todos lhe compramos fósforos e lhe demos açúcar. Ele ficou tão contente e tomou tanta confiança que, deixando sua caixa sobre a mesa, acercou-se de mim dizendo-me: “Deixa-me tomar um pouco de café que eu gosto muito”. Lembrei-me de meu filho e suspirei interiormente. Perguntei-lhe se tinha pais, ao que me respondeu: “Tenho minha avó; minha mãe morreu quando vim ao mundo”. Ao ouvir estas palavras, estremei. Perguntei-lhe se tinha pai, ao que contestou negativamente. Nisso, veio o moço que nos servia e, ao ver o menino, exclamou:

— Que criança bonita! e pelo que sei... é tão sagaz!...

O menino entretanto, parecia que me conhecia de toda a vida; pegou minha bengala e passou toda a noite em torno de nós. Quando saí do café, pensei muito naquela criancinha, e fiz mil planos. Para não cansá-la, direi que,

durante uns vinte dias, todas as noites, via o menino no café e cada vez dele gostava mais e propunha-me a tomá-lo sob minha responsabilidade. Mas meu caráter, que é a indecisão personificada, não me deixava decidir de vez. Sentia pena em ver aquele inocente, sozinho, caminhar em busca de sua avó que vendia jornais em outro café; sofria e desejava que chegasse a noite seguinte para vê-lo de novo. Uma noite chegou ao café, e nos disse com muita graça:

— Comprem-me todos os fósforos que trago, pois quando os vendo todos, minha avó me dá uma peseta, e eu quero-a esta noite.

— Para que? lhe perguntamos.

— Para comprar um bolo, pois faz três noites que sonho que vou morrer. Minha avó me disse que quando se sonha, três vezes seguidas, uma mesma coisa, é porque vai suceder. Se vou morrer amanhã, quero comer o bolo esta noite.

— Pois não morrerás com esse sentimento — disse um de meus amigos, dando-lhe a peseta. Pretextei que tinha o que fazer e saí com o menino. Entrei com ele em uma pastelaria vizinha e lhe disse: “Pegue o que quiseres”. Comeu o que quis e, ao sair, me fez acompanhá-lo até sua casa.

— Farás o favor de ir amanhã à minha casa com vosso neto? — disse à avó do menino. Este sorriu e exclamou: “Vovó, quando crês que se cumpre o que sonha três vezes uma criança?”

— Quando Deus quiser, menino — disse a anciã —; deixa-me em paz — e, voltando-se para mim, perguntou afetuosamente a que horas eu desejava que fosse.

Disse-lhe a hora e nos despedimos. O menino quis me acompanhar alguns passos e, antes de nos separar, acercou-se de mim com certo mistério.

— Olhe! — exclamou — é verdade que acontece o que as crianças sonham?

Eu não soube o que responder-lhe: pensava nos sonhos do meu filho e me horrorizava.

— Não sejas tolo — disse-lhe afinal; não faças caso de sonhos, e até amanhã.

Sem replicar-me, tomou-me a mão e a apertou, coisa que nunca havia feito, e se foi. Cheguei à minha casa e, durante toda a noite, não pude conciliar o sono.

No dia seguinte, contava as horas com ansiedade. Deram as onze, que era a hora marcada, as doze, as treze, e a anciã não chegava com o menino. Sabendo onde vivia, fui à sua casa e encontrei a pobre mulher rodeada de vizinhas que procuravam consolá-la. Ao ver-me, a infeliz me disse soluçando:

— Morreu chamando por você. Filho de minhas entranhas! Não era para este mundo!

Levou-me a ver o menino, que parecia dormir. Ao vê-lo, senti o coração despedaçado, como quando morreu o meu filho.

Ordenei-lhe um bom enterro e que o depositassem no jazigo de minha família. Não posso descrever o quanto estive triste e preocupado por algum tempo.

Um amigo espírita, disse-me que talvez eu tenha visto meu filho duas vezes sobre a Terra. Então, eu li, assistí a algumas sessões, çerguntei a médiuns diferentes me disseram que o espírito de meu fi ho tinha uma história muito triste e .original. Que ele era, efetivamente, o pequeno vendedor de fósforos que soube ganhar minha simpatia e que outrora havia possuído o dom de profetizar, mas, tendo feito mau uso das suas faculdades, tinha que pagar algumas dívidas.

Os pressentimentos das suas últimas existências não haviam sido senão manifestações do dom profético que antes possuira.

Eu pedia que meu filho se comunicasse e, uma noite, deram-me uma comunicação, que não sei se seria dele.

— Mas você é médium?

—i Não sei se me inspiram ou se escrevo por mim mesmo. Nunca fiz versos, e o espírito de meu filho ditou-me alguns versos simples, mas cheios de sentimento.

— Você se lembra deles?

- « Unicamente do quarteto final, que dizia:
“A dúvida é teu martírio,
Teu calvário e tua cruz,
Mas os sonhos das crianças Podem dar-te muita luz.”
- E ainda duvidas da verdade do Espiritismo?
- Que sei eu, Amália, que sei eu! Sou a personificação da dúvida; mas, apesar de mim e de tudo, vivem em minha memória esses dois meninos, e estão tão enlaçados em minha vida, que envelheço pensando ne-
- Morreu em minha casa de Aranjuez, não faz mui to tempo.
- Mas eu creio que, se você não se declara espírita, ao menos não o negará.
- Ah não, negá-lo não; faço o que fiz esta noite; calome e, então, parece-me ouvir a voz do meu filho que me diz: *“Lembra-te do sonho dos dois meninos”*, e fico tão absorto em meus pensamentos, que esqueço o quanto me rodeia.
- Que há alguma coisa além do túmulo não resta dúvida; porque, do contrário, não teriam explicação nem as simpatias, nem as antipatias.
- É certo; é preciso estar louco para não crer na vida de além-túmulo.
- Então, minha amiga — disse Mendoza levantando-se — eu devo a razão *“ao sonho dos dois meninos?”*.

2 A CONSTÂNCIA

Iniciar-se no bem todos podem, contudo, os que perseveram são bem poucos. Quando uma nova ideia se apresenta no mundo, muitos se associam a ela por mera curiosidade, pelo interesse momentâneo da novidade. A febre do entusiasmo é flor de um dia; pela manhã, abre sua corola e, à tarde, murcha, sem que o orvalho do estudo logre dar-lhe vida.

Quantos sentimentos nobres morrem aos nascer, em virtude da tendência que temos à volubilidade!

Quantos propósitos de regeneração ficam no projeto, porque obedecemos à lei da inconsciência! Lei criada pelo homem que, com seu livre arbítrio, cria o irrazoável das coisas. A inconstância está em oposição às leis eternas da Criação.

Estudemos a Natureza e veremos que todas as espécies executam, constantemente, o mesmo trabalho, e, como os elementos apresentam, periodicamente, as metamorfoses necessárias para a continuidade e renovação da vida. Só o homem, como Satã da lenda, se rebela contra a suprema vontade do seu destino.

Que é o homem inconstante na vida íntima? É o tormento de quantos o rodeiam e, às vezes, é responsável por mais mortes do que um criminoso que morre no patíbulo, e que, muitas vezes, não cometeu senão uma morte, num momento de obsessão e de loucura. O homem inconstante, geralmente, é dado às conquistas amorosas, e a quantas mulheres galanteia e enamora! Não é raro que algumas cheguem a querê-lo transformando-se, por conseguinte, em suas vítimas. Quantas, quantas jovens dobram seu talo, como os lírios murchos, nos albores do seu sentimento amoroso, por causa da inconstância dos homens! Vede-as! Suas faces perdem o matiz das rosas e adquirem a brancura das açucenas; seus lábios como a flor da romã se cobrem com a cor da violeta; seus olhos, que irradiavam esperanças, perdem seu brilho, empanados pelo vapor das lágrimas e, com esse sorriso divino que distingue os mártires, passeiam seu olhar da Terra ao Céu, morrendo, afinal, sem que a Ciência possa definir a causa de sua morte.

Coube a um poeta defini-la nesta preciosa balada:

A formosa menina voltou à sua casa;

Sua mãe ao vê-la lhe perguntou:

— Por que inflamadas estão tuas mãos?

— Com seus espinhos feriu-me uma flor.

Saiu a menina; voltou à sua casa;

Sua mãe ao vê-la lhe perguntou:

—« Por que estão roxos seus puros lábios?

— Talvez a amora lhes deu a cor.

No outro dia, volta a menina;

Sua mãe ao vê-la lhe perguntou:

— Deus meu! — exclama —j por que tua face,
pálida e triste, enevoa a dor?

— Ah! minha mãe! — desfeita em pranto

diz a menina —, tudo acabou;

Abre o sepulcro para tua filha,

Mãe de minh'alma... adeus! adeus!

Sobre a lápide daquela menina todos lerão esta
inscrição:

“Quando inflamadas teve as mãos, foi porque um homem
as estreitou, quando sua mãe, sua pobre mãe, notou em
seus lábios púrpura cor, foi porque um suspiro deixou...
foi porque um suspiro as incendiou;

Quando a menina, pálida e triste, disse à sua mãe seu
eterno adeus! foi porque o homem que a adorava a
abandonou.

Como Luís Batisboni pinta bem a morte da maioria das
jovens que morrem, assassinadas moralmente pelo
capricho e pela indiferença de um homem!

O homem inconstante, se chega a casar-se, pode ser a
desgraça da sua família, porque vive unido à sua esposa
pelo dever, e não pelos laços do coração. Já se conhece as
tristíssimas consequências dessas uniões indissolúveis na
forma, mas frágeis e quebradiças no fundo. A mulher
vive sozinha, educando filhos sem pai, enquanto este faz
a desgraça de outra família, buscando simpatias e
criando afetos que não podem ser sancionados pelas leis
morais da Terra.

A inconstância, considerada no campo da vida íntima, é
fonte inesgotável de dores; apreciada no terreno da
política e da moral, é manancial de grandes desacertos,
estacionando homens e instituições.

Um homem inconstante, em política, desonra a si mesmo
e ao partido a que pertence. Se certas escolas filosófico-
morais não preponderam em prazo relativamente curto,
é por causa da caprichosa inconstância de muitos dos

seus adeptos. Alguma coisa disto se aplica ao Espiritismo. Pelos seus fenômenos especiais, desconhecidos da maioria, desperta a curiosidade de muitos, pois, o fato de falar com os mortos dá bastante em que pensar. Há quem espera vê-los com sua mortalha, enquanto outros crêem que as comunicações fornecem a chave dos grandes segredos, para obter sem esforço as grandes comodidades da vida. Ao verem que os mortos não se apresentam *vestidos e calçados*, e que suas revelações não fornecem o *manâ* apetecido, os pretensos espiritistas se aborrecem e deixam a crença espírita antes de a haverem compreendido, por conseguinte, antes de a terem apreciado em seu imenso valor.

A constância, utilíssima quando utilizada na prática do bem, na instrução e elevação do nosso espírito, nos serve de poderosa ajuda se recorremos a ela para o estudo do Espiritismo, levando-nos a conseguirmos resultado superior às nossas mais lisonjeiras esperanças.

O Espiritismo é uma mina de progresso indefinido, e o mineiro não encontra nas primeiras escavações seus inesgotáveis filões; precisa trabalhar com paciência, com método e, sobretudo, com uma constância inalterável. Assim, encontrará decidida proteção dos nossos amigos invisíveis, que não nos facilitam tesouros das mil e uma noites, mas que nos inspiram para pregar o amor e praticar o bem.

Dizia um sábio que, gostando da Ciência, se cai na incredulidade, mas, envolvendo-se nela, se retoma à fé. Pois isso se passa com o Espiritismo. Olhado por fora, pelas mesas falantes, os ruídos inusitados e o movimento dos móveis, impressiona momentaneamente, e nada mais; mas, estudando-se suas obras fundamentais e dedicando-se, assiduamente, à comparação dos seus factos reais e positivos com os milagres e as especulações das seitas religiosas, ne'e se encontra a terra prometida das Sagradas Escrituras, porque vemos que o bom é coroado com os laureis da sua vitória, e o pecador tem a

temidade diante de si para arrepender-se de suas faltas e entrar na senda do dever.

Repetimos que a perseverança empregada no estudo é sempre útil, e que aplicada ao Espiritismo proporciona à alma um bem inapreciável, porque o progresso que alcança lhe serve para penetrar em mundos regenerados, dos quais o espírito inconstante está separado por milhões e milhões de séculos. A constância em *querer* progredir lhe encurta o caminho e lhe apresenta panoramas esplêndidos que o homem da Terra, nem em seus sonhos mais formosos, jamais verá!

Sejamos, pois, constantes em nosso trabalho e, nossa constância nos levará às regiões felizes, onde o Amor é uma lei, e a Ciência mais profunda, o conhecimento geral de todos os seres. Onde não há homens ingratos nem almas ignorantes, onde se adora a Natureza, o bem próprio e alheio.

3 A BONECA DE JUANITA

Durante três anos, à noite, e às vezes pela tarde, íamos à casa de nossa amiga Helena, e sempre nos chamava a atenção uma menina que ficava sentada na portaria. Quando a conhecemos teria seis anos e, quando deixamos de vê-la, contaria nove primaveras. Vestia-se pobremente, quase maltrapilha, com o cabelo cortado como os meninos, à ponta de tesoura. Olhos quase sempre doentes, rosto enfraquecido e amarelado, era um ser antipático, até repulsivo, pela expressão do seu semblante, dura e sombria. Mas nos inspirava profunda compaixão porque sabíamos, por Helena, que não tinha pai nem mãe. A porteira da casa da nossa amiga a havia encontrado na porta da rua.

Certa noite, ao fechar a porta, viu um vulto, recolheu-o e deparou com uma menina recém-nascida, enrolada em cambraia de linho e num magnífico chale de cachemira da Índia. Movida pela cobiça, mais que pela generosidade, gabou-se de ficar com a menina, crendo

tirar proveito por encarregar-se de uma criatura envolta em uma manta que valia mais de trezentos duros.

Na esperança de uma boa recompensa, criou a menina, entregando-a a uma ama-de-leite depois de tê-la batizado com o nome de Juanita. Esta cresceu sem que ninguém se lembrasse de reclamá-la, até que, perdida toda a esperança, a senhora Rita, alma vulgar, espírito rasteiro apegado à especulação, se voltou contra a inocente criatura que, para seu cálculo torpe, já lhe servia de estorvo. Não a colocou num asilo face à eventualidade de um dia aparecerem seus parentes, mas a tratava com o maior desdém e a fazia ficar, à noite, vigiando a portaria, enquanto ela percorria todas as casas da vizinhança.

Conhecendo estes antecedentes, olhávamos com pena a pobre Juanita, que, apesar de seus poucos anos, era uma fiel sentinela, cumprindo muito bem sua obrigação, perguntando a quantos entravam a que quarto iam.

Mas se adivinhava naquela criatura um temor contínuo. Quando via chegar a senhora Rita, a infeliz não sabia como ficar, se em pé ou sentada, e lhe apresentava o pedaço de meia que havia feito. Nunca vimos aquela mulher sem sentimentos dirigir-lhe um olhar carinhoso; ao contrário, empurrava-a dizendo-lhe com dureza:

— Trabalhas bem pouco, vadia! Não ganhas o pão que comes!

Dizíamos muitas vezes à nossa amiga Helena:

— Que pena nos inspira a pobre Juanita!

— A mim também — replicava Helena —; asseguro-te que, se meu marido quisesse, me encarregaria dessa infeliz, embora sua madrastra, pois a senhora Rita não merece o nome de mãe, seja como o cão do hortelão que não come, nem deixa comer. Só porque vê que eu a chamo, ao meio dia, para dar-lhe um pouco de sopa, acha de dizer a imbecil:

— Sim, aos filhos criados qualquer um os faz seus. Vou tomar cuidado e, se a trato assim, é por ser muito fingida, parecendo uma mosca morta quando é uma cascavel.

Posso assegurar-te que Juanita vive mortificada e, a infeliz, nunca tem um instante de expansão. Jamais a vi

brincar; para ela não há um dia de festa e todos os dias são iguais. Desde às seis da manhã, até à meia noite, fica na portaria fazendo meia. Se algumas vezes lhe dei algum brinquedo de minhas crianças, sua madrastra me disse:

— Não se incomode, senhora. Não quero que Juanita se entretenha em brincar. Essas coisas são boas para as meninas ricas, mas as mendigas, como esta, não têm outro remédio senão trabalhar.

Por mais que tentasse convencê-la, não o consegui, e se percebe que Juanita tem loucura pelas bonecas. Pobrezinha!

Numa tarde, fomos à casa de Helena e, ao entrar, Juanita nos disse:

— A senhora Helena saiu e deixou a chave para que você suba e a espere.

Ao invés de subirmos, sentamo-nos ao lado da menina e perguntamos pela senhora Rita.

— Está lavando roupa, e não virá até muito tarde — respondeu Juanita com a satisfação de quem pode respirar algumas horas longe de seu verdugo.

— Deves estar cansada de permanecer sempre aqui — lhe dissemos, olhando-a com tristeza.

— Sim, estou — disse a menina — e o que mais sinto é não ter uma boneca. Ah! se eu tivesse uma boneca como a senhorita Susana! Como é formosa!

— Essa Susana é rica?

— Se o é! Tem até um carro! Todas as tardes sai a passeio e leva sua boneca, que é maior!... e seu irmão tem um arco muito bonito com chocalhos.

— Gostarias também de ter um arco?

— Não, não! o que eu quisera ter é uma boneca, mas a senhora Rita não me deixa tê-la, dizendo que as pobres como eu só devem trabalhar. Eu sei que as meninas das trapeiras também são pobres, até andam, como eu, sem sapatos, e, todavia, suas mães lhes compram bonecas. Se eu tivesse mãe, ela também me compraria, porque as mães são muito boas.

Ao ouvir estas palavras, nos comovemos profundamente e beijamos o rosto da pobre Juanita que nos olhou com agradável surpresa. Pouco depois, à porta da casa em frente, apareceram duas meninas e um menino; uma delas levava nos braços uma boneca formosíssima e de grande porte.

Juanita se levantou, exclamando:

— Olhe! Olhe! Como é preciosa! — E assomando à porta, começou a gritar: a— Senhorita! Senhorita! Quer que eu vá ver a boneca? Sem esperar resposta, a pobre Juanita atravessou a rua com a ligeireza de um pássaro e ficou parada diante da elegante menina, que, apesar de vê-la suja, como, sem dúvida, a conhecia, olhou-a sorrindo, ao mesmo tempo que colocava no chão a boneca que se sustinha perfeitamente. Juanita ficou como que extasiada, e se percebia que nem respirava, olhando aquele precioso objeto tão cobiçado por ela. Ficaria ali toda a tarde, se as crianças não tivessem subido no carro que veio buscá-las. Então, Juanita voltou ao seu cárcere, sentou-se para fazer meia, dizendo-me com pesar:

— Ah! a senhora Rita vai pegar-me quando chegar, porque não adiantei a meia. Não sei o que tenho, mas todas as coisas parecem girar. O semblante de Juanita de transformou por completo. Helena chegou, e ao vê-la tão disfigurada, disse com sentimento.

— Esta pobre criatura está muito mal. Que bem faria o destino levando-a para o outro mundo! Vou trazer-lhe um pouco de mingau.

Assim o fez. Mas Juanita se sentiu muito mal, subiu, chamou precipitadamente e quando Helena lhe abriu a porta, ela disse: — Ah! senhora! deixa-me ficar aqui, pois assim a senhora Rita não me pegará. — Nossa amiga, que tem um excelente coração, que é mãe e ama seus filhos, a abraçou dizendo:

— Não temas, minha filha, que agora mesmo vou deitar-te na cama de uma das minhas crianças. Depois de atendê-la, chamou o médico. Quando este chegou,

chegou também a senhora Rita. Helena a tratou carinhosamente para conseguir que ela deixasse Juanita aos seus cuidados, enquanto estivesse enferma. Aquela mulher, rude e grosseira, não queria ceder em seus direitos; mas Helena a persuadiu e o médico lhe disse severo:

— Deves saber que se esta senhora não se encarregasse de cuidá-la, eu daria ordem para que a levassem ao hospital, porque o estado desta criatura demonstra claramente que ela morre de inanição, isto é, que a assassinaram pouco a pouco. Hoje, sua cura é quase impossível, mas, pelo menos que morra em paz.

A senhora Rita emudeceu, e Juanita, nos nove anos que esteve no mundo, viveu só dois meses quase feliz. Enquanto esteve na casa de Helena, parecia outra, apesar de sua enfermidade progredir lentamente. Pelas tardes, segundo contava minha amiga, sempre lhe pedia que a deixasse ir à sacada para ver a boneca da senhorita Susana e, dali, lhe atirava beijos.

Helena se comoveu tanto com aquelas cenas que, sem contar seu plano a ninguém, certa manhã foi à casa da vizinha e pediu para vê-la. Esta a recebeu e Helena lhe disse:

— Senhora, perdoe-me a liberdade que tomo, mas és mãe, eu também, e espero que compreenderás o delírio de uma menina que vai morrer.

— Sim, imagino que vens falar-me de Juanita — respondeu a senhora. A ama já me contou tudo, e minha filha também me contava que, quando descia à porta, pedia-lhe que a deixasse ver sua boneca; agora, talvez, queria vê-la.

— Vê-la, a vê todas as tardes, quando vocês saem; mas eu venho pedir-lhe uma graça. Minha situação não me permite comprar um brinquedo tão caro. Já dei a ela as bonecas de minhas filhas; brinca com elas, mas sempre me diz:

— Quem me dera ter uma boneca como a da senhorita Susana!

— Eu quisera que me deixasse levá-la por dois ou três dias, pois, segundo disse o médico, é o tempo que levará para morrer. Já que a pobre foi tão infeliz eu ficaria feliz se, em seus últimos momentos, fosse ditosa.

A senhora, diante da resposta, entregou-lhe a formosa boneca de luxo, dizendo-lhe:

— Oxalá que, com este brinquedo, lhe possamos devolver a vida. Diga à Juanita que Susana lhe presenteia, que é para ela.

Helena, segundo nos contou, voltou para sua casa e preparou Juanita para que tão grande surpresa não a prejudicasse. Quando lhe apresentou a boneca, disse que a pobre menina demonstrou sua alegria chorando silenciosamente, estreitando contra o peito seu cobiçado tesouro.

Nós a vimos depois, e nos calou profundamente a alegria daquela criatura.

Ao ver-nos, exclamou com alegre acento:

— Veja! É minha! É minha! Ganhei da senhorita Susana. Olhe! como é formosa! — e ficava extasiada olhando sua jóia preciosa.

Efetivamente, a boneca era bonita, estava vestida com seu traje de cetim cor do céu, adornado com rendas brancas, e, em seus cabelos ruivos, descansava uma grinalda de florzinhas azuis.

Juanita viveu oito dias num paraíso. Dormia com a boneca e, ao despertar, sentava-se na cama e falava com ela. Segundo nos contou Helena, dizia assombrada:

— Quantas meninas bonitas vêm ver-me! Quem se rão estas meninas? Nunca as vi.

— Sem dúvida eram espíritos amigos que vinham dulcificar sua lenta agonia; e o conseguiram, porque Juanita, sem cansaço nem angústias, sorrindo à sua adorada boneca, morreu dormindo. Helena, vendo-a tão tranqüila, deitou-se, e ao levantar-se pela manhã, descobriu que estava morta, com a boneca reclinada no seu braço direito.

Em uma caixa simplíssima colocaram o cadáver da pobre menina e, junto a ela, sua amada boneca. Todos os vizinhos foram vê-la, e quem foi desprezada em vida, foi considerada depois de morta. Algumas mulheres choraram ao vê-la abraçada ao seu ídolo.

A quantas reflexões se presta este episódio verídico! Ele nos mostra que, em todas as almas, há esse amor ao belo, essa íntima ternura, essa sede de carinho que muitos seres, como Juanita, não podem satisfazer na Terra.

Como são infelizes as crianças órfãos e pobres!

Sempre que vemos uma menina acariciando uma boneca, nos lembramos de Juanita; nosso coração bate mais depressa, e em nossos lábios se desenha um sorriso enquanto se enchem de lágrimas nossos olhos, ao recordar aquela menina.

4 CADA UM É FILHO DE SI MESMO

Fui dar boas-vindas à minha amiga Clotilde, que acabava de chegar; mulher ilustradíssima, leu quanto de bom já foi escrito, conhecendo o melhor e aproveitando suas leituras admiravelmente.

Encontrei-a rodeada de vários amigos, discutindo o seguinte tema:

O homem não é bom, nem é mau; é massa branda de cera que se amolda às circunstâncias que o cercam, ao ambiente que o rodeia.

— Nego tal tese — dizia Clotilde —. Justamente agora, presenciei em Madri vários fatos, ou melhor, estive fazendo um estudo que me deixou muito preocupada, levando-me a suspeitar do que nunca havia suspeitado: que a alma humana é imortal. Neste caso, sua existência se amolda, não às circunstâncias que a rodeiam presentemente, mas às condições do seu passado. Em um mesmo dia conheci dois meninos e, durante dois meses os vi, pode-se dizer, diariamente. Ambos tinham a mesma

idade — digo tinham porque um deles morreu — e contariam dez anos.

Falemos do que vive. Seu nome é Pedro. É belo, com uma cútis mais alva do que a neve, olhos azuis que fazem crer nos céus, e uma esplêndida cabeleira, de cor ruiva pálida, que lhe cai sobre os ombros, naturalmente penteada. Herdeiro de um nome ilustre e de vários títulos de Castela é o encanto de sua mãe, senhora boníssima, que se casou por amor e que, tendo perdido o esposo, se consagrou por completo ao cuidado do filho. Tanto lhe quer bem que não confia que o menino saia com o pajem ou algum dos professores. Ela assiste a todas as suas lições, acompanha-o ao passeio, despe-o, coloca-o na cama, e dele não se separa enquanto não estiver dormindo profundamente.

Se algum ser, na Terra, cresceu entre delícias, sem dúvida, foi Pedro. Habita em um palácio; seu leito é um ninho de plumas, sedas e flores; está rodeado de amor e considerações e não vê nada que possa endurecer seus sentimentos. No entanto, Pedro odeia todo o belo, e se compraz em destruir o que encontra em seu caminho.

Seu palácio está rodeado de extensos jardins. Um dia, passando por eles, enquanto aguardava sua mãe, chamou-me a atenção não ver uma única flor, apesar de haver muitíssimas roseiras e outras plantas que deviam tê-las em abundância. Perguntei ao jardineiro a causa disso e ele, com acento que denotava contrariedade e pena, respondeu:

— Quando o senhorzinho pode burlar a presença da mãe, em um abrir e fechar de olhos, arranca todos os botões que encontra e, se há alguma camélia aberta, ou alguma rosa, desfolha-a com uma rapidez que assombra. Quando chega sua mãe, mostra-lhe os botões pisoteados e diz:

— Ganhei a batalha! veja quantos soldados matei! A senhora, que é bondosa, o admoesta horas e horas e lhe diz... sei lá! que as flores sentem... que é um criminoso e que as maltrata. Mas, quando pode, retoma e, se não há

botões para arrancar, parte ramos, destroça vasos, apedreja as estátuas; enfim, causa mais dano do que um terremoto, e seu rosto parece o de um anjo... Digo-lhe que se vêem umas coisas tão raras! ...

Nisso chegou a condessa e, como visse talos de açaúce- nas mutilados, voltando-se para mim, disse-me tristemente:

— Que cruz carrego, minha amiga, que cruz tenho! Meu filho parece o gênio da destruição. Tem horror a tudo o que é belo: não se alegra senão destroçando. Estes jardins logo parecerão selvas incultas. Não sei de quem toma esses instintos ferozes, pois nenhuma pessoa estranha teve contato com ele. Eu o amamentei, vesti-o sempre, fui sua ama, sua aia, sua preceptora; embora tenha pajens e mestres, na realidade, sou tudo para ele. Não posso dizer que aprendeu de outros a destruição e a crueldade, porque conquanto eu ponha especial cuidado na escolha das pessoas que devem rodeá-lo, procurando que sejam dignas e de sentimentos elevados, ao fim e ao cabo hão de ser puramente figuras decorativas, porque as substituo a todas. Não pisou nenhum colégio; não vê senão bons exemplos: amor aos pobres, proteção aos animais e às plantas, e, não obstante, todo seu esforço se dirige em despedaçar flores, quebrar jarros e estátuas, martirizar animais e pássaros. Por que meu filho é inimigo do belo? Por que deve pôr na destruição todos os seus gozos?

Nisto chegou Pedro. Fiquei deslumbrada com sua esplêndida beleza. Não adivinharia nunca, naqueles olhos formosos, a perversidade dos instintos. Sua mãe contemplou-o com imenso amor, como se quisesse, à força de carinho, transformar aquele Calígula em potencial...²

As diabruras de Pedro não me teriam impressionado tanto se, ao chegar em casa de minha irmã, não a tivesse visto, sentada na cozinha falando com um menino que vendia areia. Era um garotinho moreno, com o cabelo cortado, porém o bastante comprido para se ver o quanto embaraçado e sujo o tinha. Não calçava meias ou sapatos; sua calça, de cor indefinida, e sua camisa colorida, desabotoada, deixava ver um peito sumido e

ossudo. Teria me parecido repugnante e antipático, se não houvera visto minha irmã falando e lhe sorrindo carinhosamente. Lembrei-me de Pedro e murmurei: “Que diferença! Para aquele... tudo!... Para este... nada!... E... quem sabe! talvez este valha mais!...”

Como se adivinhasse meu pensamento, minha irmã disse-me:

— Aqui tens um bom livro! Este menino dá cabal cumprimento àquele refrão que diz: “*Débajo de una mala capa se encuentra un buen bebedor*”. Deixo-o contigo: fala com ele e estuda.

Fiquei sozinha com o garoto, que me olhava furtivamente, como receoso e eu não lhe inspirasse grande confiança. Para dizer algo, perguntei-lhe:

— Como te chamas?

— Lino.

— Tens família?

— Não.

— Não tens nada?

—« Sim, a tia Esperança, que está cega e pede esmolas na porta de Santo Isidro; à noite, recolho-a e vamo-nos a uma caverna que nos dá um carvoeiro, em Ronda de Embaixadores.

— E tua tia te quer?

— Quando não se embebeda, quer-me muito; mas, como sempre bebe, quando está bêbada, me bate sem motivo, até cair. Meus companheiros dizem que sou tonto em ir buscá-la e dar-lhe dinheiro; mas, como me recordo de que ela me dava de comer quando eu era criancinha, parece-me que tenho obrigação de dar-lhe o que ganho.

Ao ouvir tal raciocínio, olhei-o com doçura e beijei-o com afeto. Aquela carícia reanimou-o. Continuou dizendo:

— Dizem meus companheiros para que eu me emancipe, mas não quero. Embora minha tia Esperança beba muito, no dia em que está boa, vamos para casa contentes: compra-me doces, me abriga com seu manto, fala-me de minha mãe a quem muito queria; me diz que não tire nada de ninguém, e dormimos à vontade ...

— Tens cama?

— O que!... não, senhora: um montão de palha e uma colcha de trapos. Apesar disso, não invejo os ricos, a não ser pelas flores que têm em seus jardins.

— Ama as flores?

— Se as quero!... Passo minhas horas mortas na pra-
cinha de Santa Cruz, onde há muitas e bonitas... Minha
ambição se resume em chegar a ser jardineiro.

Neste ponto de nossa conversa, entrou minha irmã, que
ouvira as últimas palavras, e disse:

— Veja como gosta de flores que, há alguns dias,
trouxe um vasinho de barro com alfavaca, pedindo-me
que o pusesse na janela da cozinha, e todos os dias vem
vê-la, rega-a e a contempla como um enamorado. Não lhe
disse que neste menino, há muito o que estudar?

Que ambiente tão diferente rodeava os dois meninos! Um
vivía no regaço maternal, entre perfumes e rendas; sua
casa era um palácio de fadas; tudo que o rodeava era
belo, mas ele gozava na destruição. Seus instintos
perversos correspondiam ao ambiente que respirava?
Não. Em contrapartida, como vivia o outro des-
venturado? Sem mãe, sem carinho e sem lar. Por todo
seu amparo, contava com uma mulher cega do corpo e,
com frequência, também da alma, embrutecida pelo
abuso do álcool. Seu leito, palhas e trapos. Via-se
golpeado brutalmente e, conquanto isso, havia naquele
ser aparentemente deserdado um grande sentimento de
justiça e um amor imenso: olvidava as constantes surras,
para recordar unicamente o bem recebido em seus
primeiros anos; e se isto não fora bastante para provar a
doçura do seu caráter, amava com delírio o que amam os
corações bons: as flores. Aquele amor ao belo, aquele
sentimento delicadíssimo, era efeito do ambiente que o
rodeava?

Pelo espaço de dois meses, vi Lino todos os dias. Entrava
na cozinha, onde minha irmã lhe servia almoço; comia de
pé, junto do seu vaso, do qual não des- pregava os olhos;

falava conosco e se despidia, dirigindo seu último olhar ao seu tesouro.

Certo dia, veio chorando amargamente, dizendo que haviam levado sua tia para o Asilo do Pardo, por ordem do pároco de Santo Isidro, por causa dos escândalos que armava na porta da Igreja. Minha irmã dirigiu-lhe palavras consoladoras, dizendo que ficaria em sua companhia até que estivesse instruído e encontrasse uma colocação vantajosa. Lino expressou seu agradecimento com a expressão dos olhos, mais do que com palavras. Mas a agradecimento não dissipou sua tristeza. Pensava em sua pobre tia Esperança!

Minha irmã fez prodígios: em poucas horas, Lino ficou desconhecido. Limpo, com o cabelo cortado, parecia outro. Então notamos a extrema fragilidade do seu corpo, e nos alarmamos. Chamamos um médico, o qual, depois de reconhecê-lo, nos disse:

— Este menino tem uma afecção no coração. Para ele não há remédio; viverá muito poucos dias. Com efeito, depois de oito dias, Lino morria, abraçado ao seu vaso, que fez levar à cabeceira de sua cama, e repetindo docemente o nome de sua tia...

Minha irmã e eu, acompanhâmo-lo ao cemitério, espargindo sobre sua tumba as folhas da sua planta predileta.

Eis aqui porque disse que não é o meio em que vive que determina o modo de ser do homem. Estas contradições destroem a suposição de que cada um é filho do meio que o rodeia. Há em cada um de nós algo próprio, subjetivo, que se sobrepõe a todo o objetivo e circunstancial de nossa existência. Somos filhos do passado e não do presente. Cada um é filho de si mesmo. O espírito carrega seu próprio ambiente, que determina seus vícios ou suas virtudes.

5 AS CRIANÇAS

Quanto se escreveu sobre as crianças! Não é estranho porque elas são a imagem da esperança, a realidade da vida, a encarnação do progresso, e nos fazem sorrir ante uma época melhor, pois, geralmente, essa frase que se repete constantemente de que *hoje as crianças nascem sabendo*, é uma grande verdade. Os espíritos que vão renascendo na Terra são muito mais adiantados que os de nossos avós; vêem-se criaturas nascidas de pais fanáticos, que crescem entre costumes perniciosos, e, sem dúvida, o racionalismo daqueles espíritos vence a rotina e a domina por completo.

Conhecemos um menino chamado Henrique:, que teria seis anos, inquieto e revoltado em grau máximo, filho de um casal católico romano que vai à missa quase que diariamente, em particular o pai, que segue com fervor a religião dos seus ancestrais e tem parentes eclesiásticos, de tal forma que o menino não ouve falar de outra coisa senão de Deus e dos santos.

Ultimamente, esteve enfermo e, na sua convalescença, disse-lhe o pai:

— Olha, meu fi^Tho, quando te levantares, iremos à igreja das Mercês dar graças a Deus por te haver curado.

Não quero ir — disse o pequeno, com enfado.

— Que dizes, meu filho? Não queres ir dar graças a Deus, depois de te haver curado?

— Não; não; não quero ir. Por que antes me adoeceu? E o pequeno racionalista não consentiu em ir à igreja.

Fixemo-nos bem no profundo racionalismo deste espírito. O menino ouve dizer constantemente : sucede isto porque Deus quer, aconteceu aquilo porque Deus quis, e todos os atos da vida, por insignificantes que sejam, foram dispostos por Deus. O pequerrucho, de pronto, adoeceu; recebeu aquele mal sem que o buscasse e, quando recobrou a saúde, dizem-lhe que vá dar graças a Deus. Ele respondeu muito oportunamente: — Não quero ir; por *que antes me adoeceu?* Isto é, por que me fez padecer sem motivo?

Que pensamento profundo! Eis aqui um filósofo racionalista que promete ser um livre pensador do século XX.

Pobre religião é aquela que deve ser reformada pelas crianças!

Conhecemos outra menina, quase da mesma idade de Henrique, em cujos olhos brilha a chama do gênio. Se se ouve a pequena Luísa falar, sem vê-la, ninguém acreditará que é uma menina quem reflete com tanto juízo e tanto acerto.

Numa tarde, falando com um dos nossos amigos, dizia Luíza, referindo-se às dívidas:

—i Quando se deve dinheiro, não se pode viver, porque, a cada dia, vem alguém pedir o que lhe pertence, e é uma fadiga. Não, não, eu não quero dever um cêntimo a ninguém.

Pobre menina! Ainda não viu por seis vezes florescer as amendoeiras e já compreende as lutas e as amarguras da vida.

Falando, depois, do céu e das regiões das trevas, disse ela:

— Eu quero ser muito boa, pois assim não irei para o inferno.

— Como Luisita? — disse nosso amigo. Tu que tens tanto talento, crês que há inferno? Crês mesmo nisso?

— Sim, creio — disse a menina encolhendo graciosamente os ombros. — Nosso amigo, então, fez-lhe muitas ponderações sobre essa crença absurda, e, ao final,

Luísa disse com vibrante e evidente intenção:

Bem! Tudo o que você me disse está certo, e creio que é assim; mas meu pai, e minha mãe, me dizem: Sim, Luísa, sim, há inferno. Que devo dizer? Que quer você que eu faça? Digo que há inferno... porque eles o dizem. E o olhar de Luísa se iluminou com o brilho da farsa mais refinada e da mais delicada ironia...

Aquele ser tão pequenino já sabe que deve respeitar seus pais; mas, ao mesmo tempo, ri da sua credulidade, dobra-se, porém, a ela, sem convicção.

Vemos, de vez em quando, uma menina que terá seus sete invernos e é o desespero de sua mãe pelas suas travessuras, por sua desobediência e por responder em todas as oportunidades que a enfrentam; mas, todos os seus defeitos são compensados pelo seu excelente e grande coração. É caridosa sem cansar de sê-lo. Todas as tardes, senta-se na varanda para merendar; mas, se vê passar algum pobre, levanta-se rapidamente, desce a escada como uma flexa, e dá ao mendigo metade da sua merenda.

Costuma ir todas as manhãs, com sua mãe, à praça do mercado, e observa que sua mãe sempre dá dois quartos de peseta a um velho mouro que pede esmola.

Certa manhã, viu que sua mãe passava pelo mendigo mouro sem dar-lhe a moeda costumeira, e disse-lhe:

— Mamãe, hoje esqueces do pobre de turbante.

— Não me esqueço, não; é que hoje não tenho quartos trocados.

— Por que não cuidaste de guardá-los?

— Porque esqueci; olha, por um dia já pode passar.

— Não, mamãe, não pode passar.

— Sim..., eu não posso virar dinheiro; não me restou nem um cêntimo.

— Pois se não te restou nenhum cêntimo, lhe daremos pão. — Com admirável desembaraço tirou um pãozinho do cesto, cortou-o pela metade e, em uma abertura que fez numa das metades, colocou um pedaço de chocolate, que ela ia comendo, uniu-a à outra metade e deu ao pobre, dizendo:

— Toma; come que está bom, adeus, até amanhã.

— Menina, que fizeste? — disse-lhe a genitora — deste-lhe um pãozinho que levava para teu pai.

— Que queria que eu fizesse? Não vês que o pobre nos esperava? Tenho reparado, em outras manhãs, que quando lhe dás os dois quartos, ele vai à padaria que há defronte e compra um pãozinho, e hoje, se o pobre nos esperava, que triste ficaria! Gostarias que papai nos deixasse um dia sem comer?

— Não, não gostaria.

— Ora, esse pobre homem é de carne e osso como nós; por isso, é necessário que lembres de guardar dois quartos, cada dia, para ele.

Sua mãe, ouvindo-a, seguiu dizendo:

— Não penses, embora não lhe tenhamos dado es mola, que pecamos. —Não pecamos? Não disse o Senhor: não faças a , outro o que não queres para ti?

— Mas esse pobre não é cristão como nós, é mouro.

— Que tem isso? Não mantemos aos animais que nada sabem? Mais justo é que favoreçamos aos racionais, seja quem seja.

Como compreende bem a pequena Emma o modo de praticar a caridade! Que bela lição deu à sua mãezinha!

Estes três seres — Henrique, Luísa e Emma — serão três tipos legítimos do século XX. O primeiro será um bom racionalista, a segunda cumprirá fielmente seu dever, a terceira será a caridade em ação. Que formosa trindade!

Quando vemos muitas crianças reunidas, contemplamo^as e dizemos: quantos grandes homens para o futuro!

Sem dúvida alguma, a geração que nos segue é muito mais adiantada que a nossa. O amanhã da Humanidade é esplêndido, verdadeiramente grandioso. Viver sempre! Progredir sempre! Como é grande e bom esperar os prodígios do progresso humano! Uma eternidade sem limites... mundos inumeráveis onde trabalhar, viver com esse ideal de nos acercarmos, com nossas virtudes, do mais belo, do mais sublime, a ciência e a caridade, que são os atributos do sentimento humanitário.

Crianças! Flores da vida! Crescei! Enfeitai com vossas virtudes o árido deserto deste mundo! Sorri! Vosso sorriso é o ósculo de paz que os espíritos invisíveis enviam à raça humana!

6 A SEGUNDA BONECA

Poucas alegrias tive esta vez na Terra. Quando chega a hora do crepúsculo, lágrimas silenciosas rolam por minhas faces e levam-me a recordar muitos dias de angústias, longas noites sem sonho, contrariedades sem conta, sofrimentos aparentemente insignificantes, mas que formam um punhado de agudos e pungentes espinhos.

Quanta ingratidão...! Quão poucas figuras simpáticas ficaram fotografadas em minha mente...! Quanto desagrado em troca da minha tema solicitude... ! Todavia, como não há existência que não tenha seu raio de sol, também a minha tem seu cintilar luminoso que inunda de suave claridade o horizonte sombrio da minha existência. Esse astro que difunde seus fulgores resplandescentes é Nini, uma menina que ainda não conta quatro primaveras, a quem, há um ano, dei sua primeira boneca, e na véspera do dia de *Reis* do corrente ano, levei a segunda.

Sabia que Nini, com uma constância imprópria para sua curta idade, havia prodigalizado as mais ternas carícias à primeira boneca durante o ano transcorrido, não se contentando em querê-la sozinha, mas também exigindo de sua mãe e de sua avó que dissessem *coisas* doces à boneca, já desnarigada e com a cabeça aberta, o que a afeiava ao extremo. Apesar disso, cedia-lhe a metade da sua cama dirigindo-lhe, continuamente, as frases mais carinhosas.

Quando levei-lhe a segunda companheira dos seus brinquedos infantis, antes de mostrá-la, perguntei-lhe pela primeira.

Nini correu diligente e voltou com sua destroçada amiga de papelão, ma apresentando com o mais doce e amoroso sorriso.

— Demonstraste bondade, minha filha; bem mereces uma recompensa. — E lhe apresentei sua nova companheira, que parecia formosíssima em comparação com a outra, infeliz, suja e rota.

Nini lhe estendeu os braços, oprimindo-a docemente contra o peito e dirigindo-lhe um dos seus mais afetuosos sorrisos. Mas, ao mesmo tempo, olhava receosa ! outra, como se temesse ofendê-la com o aconchego prodigalizado à sua segunda amiguinha.

— Que faremos com a boneca velha? Jogaremos ela fora, não é verdade, Nini? — perguntou-lhe a mãe.

— Não, não — replicou-lhe a menina, vivaz. E seus olhares iam de uma a outra, notando-se nela grande perplexidade.

— Guardaremos ela — disse eu — como uma recordação sagrada, uma vez que foi tua primeira alegria nesta vida.

— Isso, isso, isso — exclamou Nini, feliz de que houvessem adivinhado o que sentia, e olhando atentamente sua mãe e a mim que envolvíamos a múmia de papelão com o mesmo papel que havia ocultado em suas dobras a boneca nova.

Quando Nini não teve diante de si a antiga amiguinha, deu rédea solta ao seu regozijo; então olhou nova companheira e brincou com ela e seus risos dourados, dando mostra expansiva de toda a sua inocente satisfação.

Eu estava espiando seus menores movimentos, admirando sua extravagante delicadeza. Parece mentira que, dentro daquela cabecinha possam amadurecer certas reflexões; ela havia sabido pôr freio à sua infantil alegria, por temor de ofender a sua primeira boneca. Era admirável o jogo dos seus olhares; para a múmia de papelão, um olhar compassivo; para a amiga recente, olhares que envolviam doces promessas. Parecia dizer-lhe que esperasse, que aguardasse, que brincaria com ela, que dançariam juntas e que gostava muito dela porque era muito bonita. Rapidamente, voltando a cabeça e olhando a velha de papelão, com sua cabeça rota e seus braços caídos, dizia-lhe de maneira graciosa que também lhe queria bem; por isso, ao vê-la empapelada, exalou um suspiro de íntima satisfação: sua

consciência, sem dúvida, estava tranqui- la. Ainda não tem quatro anos e já sabe meditar. Conhece quais são seus deveres e seus direitos, e não quer ser ingrata. Que espírito tão bom, tão nobre, tão delicado! Se alguma vez sua avó a repreende com acri- mônia, em lugar de chorar, coloca-se diante dela e diz-lhe com a maior severidade:

— A mim não se repreende assim; não se me fala com tanta dureza; deve-me ser dito: “Nini, tens que ser boa, tens que querer muito à tua mãe.”

— E para que vieste a este mundo? — pergunta-lhe a pobre mãe, sorrindo.

— Para fazer-te companhia — responde Nini, com certa gravidade.

Imensa é minha satisfação, por haver proporcionado a uma menina tão tema e tão discreta um dos maiores prazeres de sua infância.

Muito bem se pode fazer na Terra, sem grandes sacrifícios.

Constantemente observei, na casa dos ricos, bonecas abandonadas pelo desagrado das meninas felizes, e disse para mim mesma: milhares de ingênuas pequeninas bateriam palmas, se pudessem possuir essa boneca tão desdenhada por sua dona.

Quantos meninos pobres crer-se-iam ditosos com um cavalo coxo e uma lança sem ponta.. . ! Pobres crianças ... ! Quanta compaixão me inspiram os que não têm brinquedos... !

Sempre recordarei um pequenino que conheci em Madri, filho do porteiro da minha casa. Chamava-se Ângelo. Era um menino débil e anêmico. Nunca saía da portaria e seus pais o obrigavam que estivesse o dia todo em seu posto, enquanto atendiam a outras ocupações. Mas sucedia que, de repente, Ângelo desaparecia e ia-se... brincar com os meninos da rua? quebrar cristais e chamar às portas? Ninguém da vizinhança se queixava dele; mas seu pai o pegava e sua mãe o repreendia duramente por suas escapatórias.

Ângelo se calava e, quanto podia... pés para que te quero! desaparecia como por encanto.

Uma noite se foi e seu pai o seguiu, para descobrir o segredo de suas frequentes ausências. Ângelo correu com a rapidez de um gamo, e cruzou várias ruas, até deter-se diante de uma grande loja de brinquedos, situada fora do alinhamento da rua, o que permitia que, à sua frente, sem estorvar a passagem dos transeuntes, colocassem cavalos de madeira e de papelão de todos os tamanhos. Chegou, sentou-se diante de um formoso cavalo cujas brancas crinas se pôs a acariciar com o maior cuidado. Assim permaneceu meia hora.

O pai de Ângelo, embora homem rude, tinha bom coração e era um bom pai. Comoveu-se profundamente ao ver o filho abraçado ao cavalo e, entrando na loja, perguntou quanto valia o brinquedo preferido de seu Ângelo.

— Cinco duros — lhe responderam.

— Então , meu pobre filho, ficas sem cavalo.

— Ah! É para esse menino que fica todos os dias à porta? Já faz tempo que nos suplicou, com a mais comovedora insistência que o deixássemos ficar entre os cavaleiros. Leve o cavalo, pois seu filho o merece como prêmio da sua constância e da sua persistência. Não passa dia que não o vejamos chegar suando, embora faça frio; senta-se, acaricia o cavaleiro, se levanta, se vai, volta... São uma história suas idas e vindas.

Quando Ângelo se convenceu de que lhe deram o cavalo, seu prazer não teve limites. Foi tanta sua alegria que adoeceu; seu débil organismo não pôde resistir a uma emoção tão forte quanto inesperada e, oito dias depois, morreu abraçado ao seu cavalo.

Pobre Ângelo! Quanto algumas crianças amam seus brinquedos! Nini, antes de ter bonecas, as fazia com embrulho de trapos; hoje, que tem uma nova e bonita, a acaricia comovida, mas não esquece a outra, não é ingrata. A miúde, pede à sua avó que a deixe ver; então olha-a com ternura e, voltando-se para sua gentil

companheira, lhe diz: “Te quero muito, muito; mas a esta pobrezinha! a quero também”. Que alma tão bela!

7 TITO

Uma tarde, visitando o cemitério de uma aldeia, acompanhados de vários amigos, nos encontramos com uma senhora de meia idade, em luto rigoroso, que carregava um formoso ramo de flores. Cumprimentou-nos, correspondemos à saudação, e iniciamos conversação acerca da beleza melancólica daquele lugar, precioso jardim no qual os mortos pareciam descansar num ninho de verde folhagem, pois cada túmulo era um pequeno vergei. A dama enlutada nos respondeu afavelmente, e estabelecemos uma conversação que chegou a ser interessantíssima, depois que ela deixou, em uma sepultura, sua poética recordação.

Dita sepultura era simplíssima; duas lápides de mármore branco, de forma ovalada, descansavam sobre a grama verde, rodeadas de uma moldura de flores murchas, que a dama tirou, colocando em seu lugar as flores recém-colhidas que trazia. Em cada lápide, havia um nome inscrito: em uma “Angela”, e, na outra “Tito”. A senhora, ao chegar diante da tumba, afogou um gemido, prosternou-se, e rezou alguns momentos; depois, pôs-se a limpar as pedras com seu lenço. Um dos nossos amigos se ofereceu para esse trabalho, e a dama lhe disse:

— Aceito, porque sempre que venho a este lugar, perco as forças.

— Talvez você tenha aqui dois filhos? — pergunta mos-lhe. com interesse.

—i Tenho uma filha, minha Angela! que era o anjo da minha vida. Pobre filha querida! Morreu aos treze anos e — sem qualquer paixão de mãe —, era a alegria e o consolo desta aldeia. Todos os seus habitantes a queriam, e desejavam que chegasse o verão para que ela viesse, porque parecia a deusa da fartura. Ao seu lado, ninguém

sofria. Todos a amavam, até os idiotas! Até os desprovidos de sentimentos: feras tomavam-se dóceis ovelhas, quando tratavam com ela.

— Por isso se foi — dissemos-lhe — as almas boas, real mente boas, não podem permanecer na Terra.

— Sim, já o podes dizer! Iguais à minha filha, não vieram duas ao mundo. Ela me ensinava a ser caridosa, e sinto não ter correspondido totalmente ao seu desejo. Mas, enfim, sei que se não a satisfiz, foi por respeitar a opinião do meu marido. Ah! se soubesse que partiria tão cedo, não a contrariaria em nada.

— Que desejava ela? Se nossa pergunta não é imprudente, gostaríamos de saber...

— Oh! sim, eu contarei, mesmo porque meu único prazer é falar de minha pobre filha. Se vocês não se incomodam, iremos ao cume daquela colina, de onde se abre uma vista magnífica, e existem dois cômodos bancos naturais onde sentarmos.

Todos concordamos, e nos dirigimos a uma elevação vizinha, de onde, efetivamente, se contemplava uma paisagem encantadora, porque não há nada mais belo que um vale florido, entrecortado por pequenos lagos, defendido por verdes e suaves colinas, e, ao longe, em apertado abraço, o mar unindo-se com o céu. Sentamo-nos. Nossa companheira de passeio, por alguns momentos, pareceu reunir suas recordações, e, dirigindo-nos um olhar triste e expressivo, iniciou seu relato da seguinte maneira:

— Comecei a viver quando Ângela veio ao mundo. Embora tenha tido, antes e depois dela, vários filhos, nenhum ocupou o vazio da minha alma tanto quanto a que dorme, hoje, seu último sono. Minha pobre Ângela! Desde muito pequena, já revelava seus bons sentimentos e sua inesgotável caridade.

Todos os verões, venho passar três meses em uma casa de campo que meu marido tem perto das *Três Cruzes*. Faz catorze anos que o padre da aldeia batizou minha Ângela. Terminada a cerimônia, uma pobre mulher de

má-vida apresentou-se ao cura pedindo-lhe a graça do batismo para um filho seu, que, logo depois, soube terem posto o nome de Tito e, porque aquela criança tinha a mesma idade da minha filha, mandei à sua infeliz mãe uma quantidade regular de dinheiro. Ela, agradecida, esperava-me muitas tardes e saía ao meu encontro para mostrar-me seu filho. Quando Ângela e Tito completaram dois anos, morreu a mãe do menino e o pobrezinho ficou aos cuidados de todas as mulheres do povo; comia em um lugar, almoçava em outro, dormia hoje aqui, amanhã ali, e assim ia vivendo. Infelizmente, viemos a saber que Tito era idiota, absolutamente idiota, e por acréscimo, com intenções más; por suas infernais travessuras, era odiado por quantos o conheciam. Minha filha era a única que o tratava com carinho e a única, também, que ele olhava com certo respeito, a ponto não só de não quebrar, como não tocar, nos seus brinquedos.

Durante o verão, Tito era feliz, pois quando chegávamos à nossa propriedade, ele lá se instalava e, Ângela e ele, corriam pelo bosque e brincavam juntos todos os dias. Quando regressávamos para a cidade, minha filha ficava triste e me dizia: “Mamãe, leve o Tito; tenho tanta pena dele! Porque é idiota e não sabe o que faz, todo mundo se ri dele e o maltrata; ele se aborrece e age muito mal. Quando está ao meu lado, é melhor, não colhe frutas, nem destroça sementeiras, nem quebra telhados, ninguém dele se queixa, segue-me como um cãozinho e só faz o que quero. Pobre Tito”.

Ao ouvir minha filha, eu o teria trazido, a fim de contentá-la, mas meu marido se opunha, dizendo que era loucura, que Tito era um semi-selvagem cujas brincadeiras brutais não se poderiam tolerar dentro de uma casa bem mobiliada; que o colono informou que o menino era insuportável, quebrava tudo e, quando se aborrecia, parecia uma fera. Minha filha respondia: “Creia-me, papai, tudo isso acontece porque não o entendem; ele me obedece a um simples olhar, porque sabe que o quero, que lhe dou da minha comida e,

embora seja tonto, eu não o nego, precisas ver como é razoável quando me conta que todos lhe dão pão duro e sobra de comida, a juntando: “Veja Ângela, tratam-me como a um cão e, já que me acreditam cão, se posso, os mordo; mas a você quero muito, porque me dás do que comes e pão novo, que como apenas quando estás aqui; leva-me contigo, que serei bom”. Já vê, papai.

— Não, não — replicava meu marido — darei ordens para que o tratem bem, mas não te empenhes em trazê-lo aqui, pois não é conveniente.

Para abreviar, lhes direi que todos os anos era a mesma história. Quando aqui chegávamos, encontrávamos Tito, que parecia um urso, com todo o cabelo emaranhado, sujo, delgado como um esqueleto, e os colonos desfaziam-se em protestos, dizendo que ele não deixava cortar o cabelo, que se negava a lavar-se, que era insuportável. Ele, porém, mal se acercava de minha Ângela, dizia-lhe sorrindo: “Agora farei tudo o que quiseres”; depois de oito dias, parecia que o tinham trocado, e Ângela dizia: “Vês, mamãe, como é obediente comigo? Pena que sua inteligência esteja tão tolhida!” Ângela quis ensiná-lo a ler, mas não o conseguiu, aliás, a única coisa que dele não conseguiu. No resto, era maravilhoso o poder que ela exercia sobre Tito.

Minha filha, aos dez anos, tocava piano admiravelmente e, enquanto ela tocava, ele ficava sentado aos seus pés, olhando-a com adoração, chorando, às vezes, silenciosamente.

No verão passado, meu marido disse-me: “Este ano não vamos à quinta; iremos a Deva para que Ângela veja novas coisas.” Quando comuniquei à minha filha o plano de seu pai, afligiu-se, dizendo-me que, se não viesse aqui, morreria. Apressei-me em vir com ela, e , seu pai veio depois.

No primeiro encontro de Tito com minha filha — nunca o esquecerei! — os dois manifestaram tanta alegria em se verem, que me comoveram profundamente as manifestações de carinho mútuo. Durante alguns dias,

correram por esses vales como dois pequeninos. Todavia, logo minha filha começou a se sentir cansada, a empalidecer e a perder as forças, de tal forma que não pôde abandonar o leito. O pobre Tito, então, pareceu recobrar a imaginação, a inteligência. Sentado junto à cama de minha filha, adivinhava seu menor pensamento, ao ponto do meu esposo dizer: “Quando Ângela ficar boa, vou conceder-lhe o que tantas vezes pediu, Tito não se separará de nós, porque é admirável a influência que ela tem sobre ele.” Minha Ângela o olhava, e nos olhos de Tito se via brilhar grandeza; então, sorria dizendo-lhe: “É certo que queres isto ou aquilo”. E nunca se enganava. Afinal, os médicos me disseram que minha filha estava morrendo. Ela, conhecendo a gravidade do seu estado, disse ao pai:

— Papai, vou morrer e, para morrer tranquila, prometa-me que não abandonará o pobre Tito!

Imaginei se eu e meu esposo não prometeríamos a Ângela cumprir religiosamente seus desejos, nós que lamentávamos não havê-la satisfeito antes; mas, o menino, ao ouvir seu pedido, disse-lhe, resolutivo:

— Se te fores, eu irei contigo, porque, quando não estás, todos me tratam mal, me dão pão amanhecido e a comida que lhes sobra. — Por mais que Ângela tentasse convencê-lo, ele respondia sempre: — Ninguém me quer mais do que você, e eu irei contigo.

Ah! cumpriu com a palavra. Ângela morreu, às três da madrugada e, às cinco da manhã, não sei quem deu pela falta de Tito. Começaram e procurá-lo e o encontraram no tanque, nas últimas convulsões da agonia.

Afetou-nos tanto sua morte que meu marido, e eu, decidimos enterrá-lo junto à nossa filha; já que tanto se quiseram em vida, ficaram juntos na sepultura.

— Pobre Tito! — exclamamos todos — a ternura da sua alma venceu a sua idiotia!

Visitamos novamente a sepultura dos dois adolescentes, acompanhamos a pobre mãe até sua casa, onde a deixamos, e quando nos achamos a sós, nos entregamos

a profundas reflexões, suscitadas pela história de Ângela e a desventura de Tito.

Ângela se percebe que era um espírito de grande progresso moral, pois, pelo amor, afugentou as trevas que envolviam a alma de Tito que, sem dúvida, rebelde demais, e tendo feito mau uso da inteligência, teve que viver sem ela, lutando com as inumeráveis contrariedades resultantes da miséria do corpo e da inteligência da Alma. Mas toda a prostração do espírito não basta para rechaçar os eflúvios divinos do amor; por isso, Tito sentiu sua influência regeneradora e, ao perder Angela, teve necessidade de acompanhá-la, uma vez que se rompeu o único laço que o prendia ao mundo.

No dia em que todos os habitantes da Terra forem tão bons quanto Angela, todos os idiotas recobrarão sua inteligência, porque seu entendimento será revigorado pelo vivificante calor dessa ternura íntima, que tem poder suficiente para fazer progredirem todos os habitantes de um planeta.

O amor é a lei do mundo! Deus é amor! Quem sabe amar, quem se compadece dos pobres em inteligência, e com seu olhar luminoso penetra no túnel do idiotismo, onde vegetam almas enfermiças, esse espírito, seja qual for sua condição social, é o melhor sacerdote da verdadeira religião. Angela cumpriu a lei de humanidade.

Vendo Tito com seu olhar extraviado, com seu entendimento tolhido, com sua infantil travessura, e, às vezes, com sua ferocidade indômita, quem diria que guardava, em seu coração, um amor imenso, um amor tão íntimo, tão verdadeiramente profundo que ao perder o ídolo da sua alma, correu atrás dele, convencido de que na ternura daquela menina estava sua redenção? Em que planeta se reencontrarão esses dois espíritos, unidos por essa tema simpatia, por esse amor providencial que purifica e engrandece o que toque?

Angela e Tito! Onde estais?

Respondei; dizei-nos se, no espaço, estais envolvidos por raios luminosos. Amantes na Terra, deveis sorrir no

Infinito. Quem eras, pobre Tito?

8 A MULHER DO FUTURO

Visitei, há alguns dias, um colégio para meninas, desses de grande luxo, com muitas professoras, mestres de desenho, de idiomas, de música, de canto, um bom ginásio e todo o necessário para uma esmerada educação e desenvolver, ao mesmo tempo, as forças físicas; exercício muito benéfico para a geração que nos segue, débil, enfermiça, anêmica, raquítica, etc., etc., pois a generalidade das meninas parece bonecas de porcelana, ou, dizendo melhor, de confeitaria, delgadas, pálidas, para converter-se, na juventude, em um molho de nervos inservíveis para a luta da vida. Mas, vamos ao meu assunto. Estive falando com várias meninas, que responderam como louros e papagaios às minhas perguntas. Em nenhuma delas encontrei originalidade, nem bom sentido. Recitavam, como relação de cego, fábulas e conselhos, sem saber o que diziam. Cansada de tanta conversa inútil disse à boa amiga que me acompanhava:

— Vamo-nos, Rosa, minha visita foi de todo improdutiva.

— Por que?

— Porque nenhuma destas meninas disse nada à minha alma. Não são estas, indubitavelmente, as mulheres que engrandecerão o futuro da Humanidade. Não observaste que, em nenhuma delas, há essa chispa do gênio, da soberania da inteligência, dos esplendores refulgentes da razão? Não pensam, não discorrem; que espíritos tão atrasados! pobres famílias, as que se formarem à sombra destas mulheres de amanhã!

— Tens razão no que dizes. Vejo que não me cega o carinho quando, escutando minha neta Fifi, digo à minha filha: “Esta menina será uma grande mulher do futuro”.

— Creio que estás certa, porque observei que sua neta não raciocina como uma menina.

— Pois que!... se a mim dá vinte voltas, e à sua mãe também. Nunca diz ou faz uma coisa sem meditar detidamente. Às vezes lhe pergunto sobre qualquer assunto e, por trivial que seja, não responde em seguida; olha-me fixamente e, afinal, dá uma resposta tão categórica, tão certa, que me deixa atônita. Para que julgues, contar-te-ei algo dos nossos diálogos.

Como sabes, estamos na maior miséria e, tanto sua mãe como eu, lhe dizemos todas as manhãs:

— Pifi, rogue a Deus para que a divina Providência não nos abandone. Tu não podes, todavia, trabalhar, porque não tens mais do que quatro anos, tua mãe está enferma e tua avó está muito velha. Já vês, que será de nós se não rezares e não implorares a proteção do céu?

Eu observava que cada vez que dizíamos a Fifi que rezasse, fazia um gesto de desgosto, até que uma manhã, ao dizer-lhe sua mãe o de costume, respondeu Fifi, resolutamente:

— Mas se Deus vê como estamos, se lhe disse muitas vezes, por que repetir mais? por que pedir a quem tudo dá? Não dizes que Deus fez o sol, as estrelas, os mares, os peixes, os pássaros e as flores? Pois bem, dará pão a quem não o tenha, como dá a nós, pois vejo vir Margarida que dissimuladamente te dá um papelzinho com dinheiro; se a Providência vem, por que a hei de chamar?

Efetivamente, Margarida é uma nossa amiga que, sempre que pode, nos auxilia, e tem a delicadeza de nada dizer diante da menina; no entanto, veja como nos observou e diz muito logicamente: — Se nos dão, por que pedir?

— Certamente que raciocina com lógica.

— É inimiga de falar em vão. Diariamente, faço-a rezar um *Pai Nosso*, e ela fixou que não compremos pão todos os dias. Uma manhã, ao lhe dizer: “Fifi, reza o *Pai Nosso*”, disse-me ela: — Hoje, por que dizer o *pão nosso de cada dia dai-nos hoje*, se estou vendo em cima da mesa um pão inteiro? por que queres que peça o que já temos?

— Eis aí um espírito inimigo declarado da rotina e do velho costume de rezar sem tom nem som.

— E se visses que bom coração tem e como ama aos pobres! Já podes supor que, em casa, faltando o mais necessário não sobrará o supérfluo; pois bem, seu maior prazer é dar esmola aos necessitados.

Este verão, lhe presentearam com um chapéu de palha. Ficava contente quando o usava; mirava-se na própria sombra, punha-se bem direita e dizia à sua mãe: — Sempre que saís, quero que me ponhas o chapéu.

Uma tarde, saiu com sua mãe e viu muitos pobres no Bosque de Catalunha: uns coxos, outros cegos, paralíticos e, ao ver tantos desditosos, Fifi exclamou:

— Mamãe, por que há tantos pobres?

— Porque o dinheiro está muito mal repartido, e porque muitos ricos não se lembram dos que não têm pão. Vês tantas senhoras com chapéus e tantas meninas tão bem vestidas? Pois se tivessem coração, não haveria tanta miséria no mundo.

Fifi emudeceu. Chegou em casa, deitou-se e, na manhã seguinte, disse à sua mãe:

— Mamãe, embora eu goste muitíssimo, não me ponha mais o chapéu, porque quero amar aos pobrezinhos que não têm pão, não quero ser como essas meninas que dizes não se lembrarem dos que sofrem.

— Quanto proveito escutando-te! Tua neta é uma mulher do futuro, como a sonho, a pressinto, a quero. Fala-me dela, pois aprendo ouvindo-te, porque me ensina mais um menino do que um sábio célebre, e embora um menino precoce seja uma notabilidade de *ontem*, como manifesta suas ideias com tanta naturalidade, sem a mais leve sombra de orgulho ou vaidade, aceito suas razões com tanto prazer que não me canso nunca de ouvir a um pequenino de inteligência clara.

— Pois eu te asseguro que terias em minha neta uma excedente companheira, porque é capaz de distrair e de ensinar, como dizes, a quem presume e alardeie ser muito entendido. Outro dia, lhe deram uma estampa

muito bonita, que tem dois anjos abraçados, e ela, olhando atentamente as figuras, disse à sua mãe:

— Por que estas crianças têm essas coisas salientes nas espáduas?

— Não sei, essas coisas são asas — e como minha filha não quer que Fifi se inteire, por mínimo que seja, de nada que diga respeito à religião, guarda-se muito bem em não falar-lhe de anjos, serafins, querubins e todo o exército de gente alada que voa nos céus católicos; assim é que Fifi não tem a menor ideia dos anjos, nem de nada que se lhes assemelhe. Mas, chamando-lhe a atenção o aditamento das asas, apenas olhava a estampa com mais firmeza, até que, afinal, voltando-se para sua mãe, disse gravemente:

— Sabes por que estas crianças têm asas?

— Por que?

— Porque, indubitavelmente, quando o artista as pintou, estaria pensando em pássaros; e pensando neles, pintou estas asas tão preciosas.

Se seguisse contando suas ocorrências, minha tarefa seria interminável. Quando sua mãe fala-lhe de Deus, lhe diz:

— Hás de querer a Deus sobre todas as coisas, porque Deus é teu pai.

— Então eu vi Deus.

— Vê-lo precisamente, não.

— Então, que enredos me armas? Recordo-me do meu pai, daquele que me queria tanto, que me ensinava canções, me fazendo dormir sobre seus joelhos; logo morreu, quer dizer, foi-se para o espaço e já não tenho pai. Dizes que Deus é meu pai, quantos pais eu tenho?

— Deus é o pai da tua alma, e o que está no espaço é o pai do teu corpo.

— Ah! isso é outra coisa. Mas quero mais o pai que vi, porque me queria muito.

E sustenta, com sua mãe, polêmicas que me assombram. Creio que se continuar assim será uma grande mulher ilustrada.

— Isso depende de sua mãe, e me agrada o caminho que empreendeu não lhe ensinando nenhuma religião positiva e rotineira. Nada de céus imaginários, de infernos aterradores, de santos nem legiões seráficas. A virtude como princípio constituinte da moral eterna, a ciência como o desenvolvimento natural do entendimento, e o exato cumprimento de todos os deveres, em todas as idades e situações em que o homem se encontre. Que melhor Catecismo?

Nada de confusões teológicas, nada de histórias ou tradições religiosas!

— Não te incomodes com isso pois, ainda que minha filha quisesse, Fifi rechaçaria todas as mentiras; quer, e busca, em tudo uma consequência lógica.

— Que formosa esperança para o futuro! A mulher, que forma a família, quando seja verdadeiramente racionalista, dará homens ao mundo que valerão mais do que todas as celebridades dos séculos passados. Da mulher depende a regeneração da raça humana. Nem os Redentores, nem os guerreiros, nem os grandes sábios, nenhum fará um trabalho tão benéfico quanto a mulher educada e instruída, sem falsas crenças, inculcando em seus filhos o amor universal e a adoração, o culto reverente a todas as ciências, às belas artes, às boas letras e o trabalho, porque estas são a Bíblia Sagrada onde se escreve a história das verdades supremas.

Amanhã, no dia em que Fifi formar uma família numerosa, seus filhos serão os mais úteis à Humanidade. Bendita sejas, Fifi! Levas em teu espírito a semente preciosa que, ao florescer amanhã, fará de ti a mulher dos meus sonhos, a mulher do futuro!

9 ANTES MORRER DO QUE MATAR!

Desde pequena, as grandes livrarias atraíam poderosamente minha atenção, e nelas entrava com respeito religioso. Recordo-me que, há muitos anos,

estando em Deva, visitei o palácio de Dom Leopoldo Augusto de Cueto e, ao entrar em sua biblioteca, verdadeira maravilha em todos os sentidos, ao ver as estantes artísticas que continham o que de melhor se escreveu entre os povos civilizados, confesso ingenuamente que não me prostrei de joelhos temendo que rissem de mim; mas se a alma pudesse tomar alguma postura, indubitavelmente a minha teria se reclinado, orando fervorosamente naquele magnífico santuário da sabedoria humana.

Nunca me esqueci daquele salão, no qual *tudo falava*; ali se respirava uma atmosfera diferente e, em nenhuma das catedrais que vi, senti aquela religiosidade e admiração que experimentei na biblioteca de Augusto de Cueto.

Refiro-me e estas recordações do meu passado para demonstrar que sou amante fervorosa da leitura. Mas, uma vez que para ler com proveito se necessita de tempo, que sempre me falta por diversos motivos, eis o motivo porque aproveito, em muitas ocasiões, as histórias que uns e outros vêm me contar, e até a opinião e o parecer dos seres mais humildes e ignorantes, seguindo nisto o conselho amigo que me deu, em Madri, o inolvidável escritor Roque Barcia que, com seu modo particular de gracejar, disse-me:

— Minha amiga, você riria se conhecesse alguns críticos das minhas obras. Não costumo consultar meu mais íntimos amigos, por duas razões muito poderosas: a primeira, porque o carinho cega a alguns; a segunda, porque a outros o verme da inveja lhes rói as entranhas, e o voto de nenhum deles tem valor para mim.

Minha mulher observou, durante algum tempo, que quando o carvoeiro vinha à minha casa, ao sair, parava diante do meu escritório e escutava com deleite o que eu lia em voz alta, fazendo sinais de aprovação, nos pontos mais culminantes dos meus escritos. Tenho o costume de escrever e ler cada parágrafo que traço no papel.

Certa manhã, fiz o carvoeiro entrar no meu escritório, dizendo-lhe:

— Vamos homem, minha mulher disse-me que és inteligente, e vou ler-te um capítulo de uma obra que estou escrevendo, para ouvir o teu parecer.

O moço sentou-se muito sério e voltou-se, todo ouvidos, para escutar minha leitura. Quando concluí, olhei-o e vi que em seu semblante se retratavam o desgosto e a contrariedade.

— O que te parece? Não gostou do que li?

— Não, senhor.

— Por que?

— Porque você ficou muito satisfeito insultando, mas não estarão assim os insultados. Você fere com esse escrito; mas não ensina, como em muitos outros, da sua autoria, que li.

O carvoeiro se foi, e voltei a ler o capítulo censurado, rasgando imediatamente as páginas porque, na realidade, nunca havia escrito nada pior em minha vida. Levei muitas vezes em conta as advertências daquele ser tão humilde, veja você, atendente de uma carvoaria: teria sido um crítico admirável.

Mas vejo que, entregue às minhas recordações, distanciei-me algum tempo do objetivo principal deste artigo, que é o de tributar uma homenagem de profunda admiração a dois homens que nunca vi, que não sei como se chamaram e que, todavia, se me fosse possível, faria uma viagem para deixar em sua tumba um ramo de flores.

Falando, há alguns dias, com um guarda civil, espírito muito adiantado, muito estudioso e muito observador, disse-me o seguinte:

— Amália, já que te fixas tanto nas coisas, contar-te-ei um fato raríssimo, que um companheiro meu presenciou, merecendo ele toda a minha confiança, e que, além disso, ouvi vários outros se referirem ao mesmo fato. Mas meu amigo, sobretudo, é para mim a melhor garantia da sua autenticidade, porque quanto à forma e à verdade não há quem o supere.

A província de Extremadura, há muitos anos, viu-se invadida por foragidos, de tal forma que a guarda civil não tinha descanso nem sossego, sempre na perseguição dos salteadores que roubavam, matavam, incendiavam, e eram o terror e o espanto dos pobres lavradores que perdiam suas economias, suas casas e até a vida. A tanto chegou o descaramento e a ousadia dos malfeitores, que o general que comandava a guarda civil ordenou que, sem formação de processo, se fufasse os bandidos onde fossem encontrados, pois só arrancando a erva má pela raiz, poderiam viver tranquilas centenas de famílias consagradas aos trabalhos mais rude.

A ordem foi obedecida e, nos bosques daquela pequena ndia da Espanha, pagaram com a vida, por muitas ações más, uma grande parte daqueles facínoras sem coração.

Uma tarde, um pelotão de guardas civis, comandados por um sargento, prendeu nove salteadores. Amarraram-nos fortemen®, e empreenderam caminhada até chegar a um lugar apropriado para despachá-los para o outro mundo.

Entre os guardas, havia dois indivíduos que fazia pouco tempo que haviam se incorporado à força que perseguia, sem quartel, os bandoleiros; inteiraram-se, como os demais, do que tinham a fazer com os amigos do alheio e calaram, porque quem manda manda, e nada se pode fazer.

O sargento fez alto em uma taberna, esperando que o sol se pusesse. Os presos, bem custodiados, estavam sentados ao pé de alguns arbustos, e os guardas, uns passeavam esperando a ordem de marchar, e outros permaneciam sentados. Entre estes, estavam os dois indivíduos que tinham chegado ultimamente. Ninguém estava contente, porque matar a sangue-frio não é tarefa agradável. Mas, como na milícia quem não obedece paga com a vida, ninguém dizia uma palavra, nem má nem boa.

Afinal, disse o sargento: marchem! e os bandidos foram os primeiros a se porem de pé, rodeados pelos guardas,

empreendendo, todos, o caminho; mas, depois de poucos passos, disse o sargento, com estranheza:

— Aqui falta gente. Voltou o rosto, e viu dois guardas sentados, mais distante, ao pé de pequena elevação. Estranhou tanto a desobediência que, ele mesmo, retrocedeu e, chegando até os dois, tocando bruscamente no ombro de um deles, exclamou: Até quando durará esse sono? Ao tocar-lhe, o guarda se inclinou sobre seu companheiro e os dois caíram, rodando pelo solo como massas inertes. O sargento retrocedeu, assombrado; aqueles dois homens estavam mortos...!

O chefe das forças cumpriu sua tarefa e, em dois carros, foram conduzidos os cadáveres ao cemitério de povoado vizinho. Fizeram autópsia nos dois guardas mortos, e os médicos que a realizaram, disseram que não tinham lesão alguma; que eram, ao contrário, dois corpos sãos e robustos; que haviam morrido de angústia!

Os outros guardas recordaram, então, inclusive o sargento, a repugnância, o nojo que haviam mostrado ao saber que deviam matar os salteadores. Conforme viram que se aproximava a hora, que sensação tão dolorosa deveriam sentir, que angústia tão extraordinária experimentariam aqueles dois espíritos, para separar-se do seu organismo forte, são, vigoroso, no esplendor da juventude! Para romper tais laços, deveriam sentir todos os horrores da mais cruenta agonia, dizendo com a fortaleza dos mártires: *Antes morrer do que matar!*

Que dois espíritos tão elevados! Que almas tão desprendidas das misérias terrenas! Eis aí dois heróis, dois redentores, que preferiram morrer a destruir a sangue frio a vida dos outros! Como me seria agradável receber uma comunicação desses dois espíritos! Quem diria, ao vê-los de uniformes, que eram dois espíritos que odiavam os procedimentos da força? Tomaram por expiação tão nojenta carreira, e não puderam dobrar-se às suas horríveis exigências? Quem sabe...! Há tanto o que estudar na vida eterna do espírito...!

Às vezes, no lodo, se encontram pérolas e, entre flores perfumadas, répteis repugnantes que se ocultam entre suas matizadas folhas.

Quantos dos que passam por filantropos e por homens de coração, dão de ombros quando estão na intimidade da família, se ouvem o relato de uma desdita horrível!

Por outro lado, outros, que querem uma nivelação social, quando vêem uma dessas cenas dolorosas, estremece e, se não têm o que dar, pedem uma esmola para socorrer os que choram!

Quão poucos espíritos vivem no seu meio! Que nos ensina isto? Que esta vida é um capítulo da nossa história; não pode ser de outra maneira, deve-se admitir a sobrevivência da alma.

Muito me fez pensar a morte dos dois guardas civis que viveram fora do seu meio. Por que elegeram a carreira das armas? Por que estiveram tão em contato com os vingadores de ofício de ações ilegais?

âlmas generosas! Eu as admiro e lhes consagro minha recordação crendo que, ao chegar ao espaço, minha primeira pergunta será: “Onde estão aqueles dois espíritos que disseram na Terra: *Antes morrer áo que matar*”? Talvez uma voz amiga me responda: “Vês aqueles dois sóis, cujos raios não podes fitar por sua refulgência deslumbrante? Pois é a nuvem fluícUca que envolve esses dois espíritos, cuja luz ainda não podes contemplar sem cegar-te com seus vivos resplendores”.

10 CELSO!

Folheando um jornal, lemos esta pequena notícia:

“Noites atrás, ao revisar os carros de terceira classe do trem-correio de Tarragona, os empregados da companhia encontraram, sob um banco, um menino de sete anos que, furtivamente, se introduziu no trem. O menino, apesar dos seus poucos anos, explicou com o maior desembaraço, que vinha de Valên- cia, que sua mãe pedia esmola nessa cidade, que o autor dos seus dias cumpria

pena no presídio de Tarragona, e que só o desejo de ver seu pai o induziu a esconder-se no trem; mas tinha dez reais que um passageiro lhe havia dado, que bastariam para pagar a passagem, comprar umas alpercatas e o restante entregar ao seu pai. Os empregados da estação estranharam e ver-bosidade e a desenvoltura intelectual do menino que, com as maiores considerações, foi posto à disposição do governador de dita província, para que o entregue à sua família.”

Pobre menino! Tão pequeno e já começa a sofrer e a pensar! Que sede de progresso têm esses espíritos que, desde a infância, revelam tanto sentimento e força de vontade!

Este episódio nos lembra a conversa que tivemos, há algum tempo, com um nosso amigo, juiz de profissão, homem de belíssimos sentimentos, mas profundamente incrédulo, que ri de todas as crenças, sendo o Espiritismo uma das que mais excitavam seu enigmático sorriso.

Certa noite, fomos à sua casa, visitar a esposa que estava enferma e, ao chegarmos, nosso amigo nos saiu ao encontro, dizendo-nos, carinhosamente:

— Vens visitar Magdalena?

— Certamente.

— Pois bem, por enquanto contente-se em falar comigo, pois minha esposa dorme depois de ter passado um dia fatal; creia que, não sei se por vê-la sofrer, também estou enfermo e, além de tudo, preocupado, muito preocupado.

— Tão mal está Magdalena? Que disse o médico?

— Não é precisamente pela gravidade do mal, mas porque me ocorre uma coisa muito particular, e alegro-me que tenha vindo para fazer-lhe muitas perguntas, ou melhor, para contar-lhe o que me ocorre.

Entremos em meu escritório, 1 falaremos.

Seguimo-lo ao aposento indicado; sentamo-nos frente a frente, ao lado de sua mesa, e ele me disse, procurando sorrir:

— Você já sabe que costumo rir de todas as religiões, com suas aparições e suas lendas, e muitas vezes lhe disse que era uma pena você dedicar-se a escrever esse conto de crianças chamado Espiritismo; pois bem, minha amiga, agora toca a você rir-se de mim à vontade, porque creio que os mortos aparecem.

— Até que enfim! — exclamamos.

— Não fale muito alto, pois não sei ainda se não voltarei atrás do que digo; mas, enfim, hoje asseguro que creio.

Ao dizer isso, vimo-lo empalidecer e levantar-se conturbado.

— Que tens, meu amigo? — lhe perguntamos com ansiedade, saindo do nosso lugar.

— Nada, nada — replicou tornando a sentar-se; é que vi Celso outra vez.

— Quem é Celso?

— Um morto, um espírito como diz você, uma alma sofredora como dizem os católicos; mas o certo é que o vejo. Agora, está sentado onde costumava sentar-se. Que é isto? Não o sei; contarei e você julgará. Faz sete anos, mataram e roubaram uma pobre mulher em uma vila próxima, tendo-se, em seguida, capturado os presumíveis agressores, que eram três homens. Um deles, de boa família, viúvo, com um menino de nove anos, segundo ele mesmo me informou. Depois de poucos dias que os criminosos foram encarcerados, uma tarde, quando eu saía de audiência, acercou-se de mim um menino de porte decente, de olhar triste e sorriso amargo, que me disse com voz resoluta:

Æ- És dom Justo Escobar?

— Sou; que queres?

~ "Senhor... ! Preciso falar com você.

— Tu...! — disse-lhe sorrindo — e o que tens para dizer-me?

Muitas coisas, senhor, mas não aqui; quero falar com você em sua casa.

Não sei porque, aquele menino me chamou a atenção, me impôs respeito com o seu tom imperativo e, ao mesmo tempo, com a doçura dos seus olhos, implorava algo inexplicável para mim. Foi assim que lhe disse:

— Bem, homem, iremos à minha casa, e me contarás tudo o que quiseres.

Seguimos juntos até minha casa, mas, ao entrar neste mesmo aposento, o menino impalideceu e caiu sem sentidos.

Prestei-lhe os socorros necessários, e um amargo pressentimento me fez pensar que aquele infeliz teria desfalecido de fome. Ao voltar a si, perguntei-lhe se fazia muito tempo que não comia, ao que me respondeu com voz balbuciada que fazia dois dias.

— Pobrezinho!

— Sim, pode dizê-lo, fiz que lhe dessem sopa e uva e, quando recobrou alento, disse-me:

— Sou filho de dom Celso Rodrigues, acusado injustamente de homicídio, e me chamo como meu pai, que é inocente do crime que lhe imputam. Creia, senhor, que meu pai não matou, neste mundo, nem a uma mosca, porque meu pai é muito bom.

— E como se encontrava ele entre os assassinos, no justo momento do crime?

— Ignoro-o — replicou o menino —; meu pai colocou-me num colégio, onde passava todo o dia em semi-internado; à noite, vinha buscar-me e ceíávamos juntos na hospedaria, e depois levava-me à casa de uns seus amigos, onde cuidavam de nós. Ele e eu, dormíamos no mesmo quarto. Meu pai é de caráter bondoso, nunca me bateu nem repreendeu e, nos dias de festa, se tinha dinheiro, comíamos no campo ou me levava ao teatro, conforme eu quisesse.

No dia que o prenderam, não pôde vir a mim mas, como já acontecera outras vezes, não me assustei. Vendo que não vinha, fui procurá-lo na hospedaria. Depois, em casa. Finalmente, eu soube que estava preso. No dia seguinte, quis vê-lo, porém, não me deixaram. Fui todos os dias

com os amigos de meu pai, sem nada conseguir, até que soubemos que o trouxeram aqui. Então, sem nada dizer em casa, vim a pé. Quando cheguei, entrei numa estalagem e com os trocados que tinha, pedi do que comer. Perguntei onde era o presídio e, buscando-o, surpreendeu-me a noite, que fui obrigado a passar escondido entre alguns carros. Recentemente, achei o presídio, porém não consegui ver meu bom pai. Por sorte, uma boa mulher que lá havia, escutou-me com muita atenção e me disse: “Eu te acompanharei à Audiência, onde vão muitos júizes e, entre eles, um que se chama Justo Escobar, que é muito bom, pergunta por ele, que te escutará”. Acompanhou-me, perguntamos por você ao porteiro, e este nos disse a hora que você saía. A boa mulher se foi, e eu fiquei esperando para dizer-lhe que me leve a ver meu pai, que deve estar muito triste, separado de mim.

Você não pode imaginar o quanto me impressionou o relato daquele menino, aquela força de vontade, o amor imenso que tinha por seu pai, aquela fé profunda com que exclamava: meu pai é inocente!

Aquela confiança me atingia a alma, pois, naquele mesmo dia, havia interrogado o pai de Celso, e ele havia confessado que não deu o primeiro golpe, mas havia ajudado a terminar o assassinato. Pobre menino! Decidi não desampará-lo e fazer o que pudesse por ele e seu pai.

Comuniquei à Magdalena e você a conhece, acariciou Celso, deu-lhe alimento, e decidiu ficar com o menino até ver em que resultava a causa do seu pai.

Toda a inquietação de Celso, era perguntar-me se o levaria a vê-lo, e não se tranquilizou até prometer-lhe que, no dia seguinte, o levaria comigo.

Cumpri o prometido. Quando o pobre Rodriguez viu seu filho, ficou tão perturbado, comoveu-se tanto, que não pôde pronunciar uma só palavra. O menino estava radiante, perguntando ao seu pai com voz vibrante:

— É verdade que és inocente, papai? Não podes ter matado ninguém sendo tão bom! Quero ficar contigo para defender-te.

Enfim, Amália, seria muito longo contar; mas posso assegura-te que Celso era a admiração de quantos o escutavam e que me dominou pelo imenso amor que dedicava ao seu pai. Todos os dias deixava ir vê-lo e, para mostrar-me seu agradecimento, você não imagina o quanto era carinhoso com Magdalena e comigo. Aquela criatura tinha uma inteligência tão lúcida, um discernimento tão admirável que encantava, e tínhamos decidido educá-lo, porque sabíamos que seu pai, se bem que não fosse um homem habituado ao crime, tinha sido criminoso. Dos três autores do delito, um foi condenado à morte, e Rodriguez e seu companheiro, a vinte anos de cadeia. Quando Celso soube que seu pai deveria ir para o presídio de Tarragona, para cumprir sua pena, ficou como que petrificado.

Na véspera de Rodriguez partir, deixei Celso com seu pai, por mais de duas horas, para satisfazer o menino. À tarde, Celso saiu sem Magdalena se aperceber e, quando voltei e notei sua falta, mandei procurá-lo, embora inutilmente. Eu mesmo corri em diversas direções, porém, em vão. Já noite, e fatigado, ia para casa, quando me avisaram de uma tentativa de evasão de vários sentenciados, entre eles Rodriguez que, com outro, conseguira escapar saltando por uma janela, mas com tão má sorte, que fraturou ambas as pernas.

Seu filho o esperava ao pé da janela. Os sentinelas fizeram fogo, feriram gravemente o companheiro de Rodriguez e mataram Celso, que fazia esforços desesperados para chegar-se ao seu desventurado pai. O pobre menino morreu vítima do seu amor filial. Quando vi o cadáver daquele filho modelo, chorei como uma criança e não podia separar-me dele.

Acompanhei-o até o cemitério, e podes crer que não senti por ninguém o carinho que aquela criatura me inspirou. Estive muito tempo preocupado com aquele tristíssimo

fato, e pode-se dizer que não o esqueci até que recebi um grande desgosto com a morte de um irmão.

Naquelas horas de angústias, pareceu-me ver Celso, que me olhava sorrindo. Tratei de repelir aquela alucinação, mas, apesar disso, via Celso, durante muitos dias, constantemente ao meu lado. Um ano depois morreu minha filha, e tornei a ver o filho de Rodriguez. Hoje, quando o médico me falava dos seus temores, quanto ao estado de minha esposa, vi-o outra vez, primeiro aqui, depois no quarto da enferma, sentado junto à cama e olhando-a temamente.

— Apresenta-se vestido como quando você o conheceu?

— Nas outras vezes, sim; hoje, não. Vi-o com uma túnica branca, de uma tela transparente e luminosa, como envolvido por uma nuvem, mas com o mesmo rosto, com seus olhos tristes. Pareceu-me que magnetizara Magdalena, porque esta dormiu docemente. Se os mortos vivem, por que não vêm meu irmão e minha filha para que os veja como a Celso?

— Porque não sabemos em que estado se acharão esses dois espíritos. Celso, sem dúvida, sente por você uma imensa simpatia e gratidão sem limites, pois você, como homem, não pôde ser melhor para ele. É de se presumir que, quando o vê padecer, vem prestar-lhe consolo e alento. Amou muito na Terra, e continua amando no espaço.

— E como soube amar! Sentia adoração por seu pai. Nunca pôde crer que seu pai fosse um criminoso. Com quanto entusiasmo me contava os menores detalhes da vida do autor dos seus dias! Na verdade, não compreendo como aquele homem, que era bom no fundo do coração, converteu-se em assassino.

— Ele vive ainda?

— Sim, em Tarragona está o infeliz.

Algum tempo após esta conversação, Escobar assistiu à várias sessões espíritas, esperando que Celso se

comunicasse, obtendo-se finalmente, esta concisa comunicação:

“O menino que morreu para salvar seu pai é um espírito cujo trabalho ativo o separa dos lugares que frequentou na vida terrena e só retoma a eles quando dois seres queridos, que deixou entre nós, sucumbem ao peso da prova. Seu pai ignora totalmente onde se encontra o filho que sempre recorda, e tu, mais feliz que o pobre presidiário, pudeste vê-lo quando chega ao teu lado para tranquilizar-te e dizer-te: “Quem amparo presta, proteção recebe”. O menino de ontem, o que viste desfalecer de fome, é o espírito forte de hoje. Não duvides: os mortos vivem. Celso está contigo, sempre que dele necessitas; ama-te e será dos primeiros a te darem boas vindas nos mundos de luz”.

Esta comunicação deixou nosso amigo tão satisfeito, que leu as obras de Kardec, estudou-as profundamente, e hoje é um bom espírita, sendo seu melhor conselheiro, nos lances mais difíceis da vida, o espírito de Celso.

Quem diria ao juiz da Terra, quando recolheu em sua casa aquele pobre menino, que chegaria o dia em que aquele ser desvalido, que viu cair aos seus pés vencido pela fome, seria mais tarde seu guia, seu espírito protetor, para pagar-lhe uma dívida sagrada, contraída pela mais profunda gratidão.

11 DIZEM AS CRIANÇAS O QUE

Cada um tem sua mania: a minha, é a de ouvir as crianças. Depois de ouvir as frases dos pequeninos, faço meus comentários, mais ou menos certos. A ave enjaulada no meu cérebro estende suas asas, e meu pensamento vai longe, muito longe. Minha alma sorri alvoroçada e exclamo com íntima satisfação: — “Que belos serão os dias do porvir!... Quantos livre-pensadores difundirão a esplendente luz da verdade!...”

As crianças mo demonstram isso com o que dizem; são filósofos em miniatura.

Conheço um menino, chamado Miguelin, que ainda não completou seis anos; tem mãe, avó e um irmão maior que lhe serve de pai amorosíssimo. As duas primeiras levam-no todos os domingos à missa. Talvez por isso, entre seus muitos brinquedos, está em primeiro plano um altar com muitos santinhos, livrinhos de orações, candelabros com seus correspondentes círios e, sobre uma poltrona pequena, todo o paramento necessário para vestir-se de sacerdote e dizer a missa.

É a criança mais mimada que já vi na Terra.

Como a felicidade absoluta não existe no mundo, Miguelin, que podia ser ditoso, e é uma criatura formosa e adorável, tem seu débil organismo por encarniçado inimigo, e, frequentemente, em sua cabeça desenvolvida ao extremo, se aglomera tal quantidade de sangue que o pobre menino, aturdido, oprimido por um peso irresistível, fica acamado, passando a chamar, angustiosamente, seu irmão Pepe, distinto médico que, quando vê Miguelin enfermo, toma-se louco e revolve todos os seus livros, pedindo à ciência torrentes de luz, mananciais de sabedoria para salvá-lo.

Recentemente, esteve enfermo, chegando a tal ponto sua gravidade, que todos desconfiavam não tomar a vê-lo correndo pela casa. Enquanto Pepe chamava outros colegas para que unissem seus esforços inteligentes aos seus, sua avó, santa mulher que, em sua simplicidade, confia na proteção divina, tirava de sua uma uma imagem da Virgem, autora de muitíssimas graças, e a encostava ao lado de Miguelin dizendo: — “Veja, meu filho, peça com fé, e eu prometo que se ficares bom, comprarei um vestido magnífico e uma coroa nova para ela, como prêmio ao bem que terá feito intercedendo por ti, para que seu divino Filho te permita sair para ouvir uma missa na catedral”.

Miguelin repetia docilmente as palavras que sua avó ia ditando, ao mesmo tempo que Pepe devorava os livros e

consultava seus companheiros, mudava os medicamentos e velava, incansável, ao lado do pequeno enfermo.

Felizmente, o menino recobrou a saúde. Sua avó, crendo que a Virgem era a autora do milagre, vestiu a imagem com o maior luxo, pôs-lhe a coroa prometida e arrumou o altar, dizendo nunca ter gasto em sua vida tanto dinheiro com igual satisfação. Tudo lhe parecia pouco para celebrar o restabelecimento do neto.

Levaram o menino ao campo, onde recobrou as forças perdidas com a enfermidade.

Uma tarde, conversando com sua genitora, contava-me ela todo o referido. Miguelin, sentado sobre os joelhos maternos, brincava distraidamente com algumas bandeirinhas de papel.

—* Sim — dizia sua mãe —, sua avozinha o quer tanto, que até tirou a Virgem do altar para que se encostasse ao menino e o pusesse bom; e graças à Virgem Santíssima, curou-se.

Enquanto a mãe amorosa falava, eu olhava atentamente o menino. Pareceu-me que em seus lábios se desenhava um sorriso de incredulidade, e lhe perguntei:

— E a ti, quem te parece que te curou, a Virgem ou Pepe?

— Pepe, que foi quem me deu os remédios. Os santos de pau não podem fazer nada.

— Magnífica contestação — disse à sua mãe —, eis aqui um livre-pensador do futuro. E não se diga que este menino cresce entre gente descrente, pois você e a avó levam-no todos os domingos à missa; entre seus brinquedos, dominam os objetos religiosos; sua avó, em supersticiosa devoção, chegou até a tirar a imagem do altar para colocá-la em sua cama. Apesar de todos os esforços para que o menino acreditasse em um milagre, Miguelin soube apreciar e medir a imensa distância que existe entre a ciência e a fé religiosa, e crê que os desvelos do seu irmão valem mais do que todos os santos de madeira.

Com que prazer, contemplei Miguelin! Como sua clara inteligência se abre passo a passo através das crenças da sua família!

Ele será um livre-pensador do futuro.

Outro menino, Victor, é uma criança, grave e melancólica, que contará três anos. Contemplo-o, muitas vezes, sentado junto a uma mesa, apoiando o rosto entre as mãos.

Que haverá dentro daquela cabecinha coberta de cabelos ruivos? Há poucos dias, tive resposta para esta pergunta, e já sei que dentro daquele pequeno cérebro há o nobre esforço de investigar.

Victor fez não sei que travessura, e sua mãe lhe disse:

— Fica quieto, menino, e te recomendo que, quando vier teu pai, não o incomodes porque muito irado ele virá.

— E por que virá nervoso?

—! Por que o terão posto de mau-humor.

— Quem?

— Um homem.

— Quem é esse homem?

— Um que tem negócios com teu pai.

— E por que o põe de mau humor?

— Porque as coisas não lhes vão bem.

— Por que não lhes vão bem?

— Que sei eu! Deixa-me em paz, não sei.

— E por que não sabes?

A mãe, ao ouvir a última pergunta do filho, ficou perplexa, e não sabendo o que responder, levantou-se e saiu do aposento. Mas não se livrou das perguntas de Victor, que foi atrás dela, repetindo com impaciência:

— Mas por que não o sabes?

Com o tempo, talvez, Victor será um segundo Leibnitz, que consagrará sua existência à procura do por *quê* do para *quê*!

Visitou-me, não faz muito, a pobre Joana, a inditosa viúva de um suicida a que me referi em outros artigos, e, deixando-se cair em uma poltrona, disse-me com amargura:

— Ai!... ai, senhora! como estou cansada de lutar! Confesso que, mais de uma vez, penso em meu marido, e digo: “Ele não era mau e matou-se; bem que posso me matar, eu que não tenho suas virtudes, e talvez, morrendo, serei mais útil aos meus filhos”.

— Deliras, Joana!

— Não, não deliro; como meus filhos têm mãe, não os recebem em nenhum asilo, e vi como recolheram a cinco órfãos no momento em que enterraram sua mãe. Podes crer que sirvo de estorvo aos meus filhos.

— Estás louca, Joana: o beijo de uma mãe, vale mais do que todos os asilos do mundo.

—! Assim pensa minha Angelita, que terá uns seis anos. Eu não sei que intuição tem esta criatura, mas posso assegurar que devo a ela não ter já me atirado pela sacada. Faz dois dias, estava tão desesperada ao ver que não posso trabalhar, e tinha fome carecendo de pão para a aplacar, que firmei o propósito de suicidar-me.

Levantei-me e abri a sacada com o maior cuidado, para não fazer ruído e chamar a atenção de minha filha, que brincava com outra menina. Chorando silenciosamente, oihei o céu, olhei as casas defronte que são novas e, banhadas pelo sol, respiravam alegria; fixei meu olhar em uma sacada cheia de vasos de flores, e murmurei quase com inveja: “Feliz daquele que tem tranquilidade para cuidar de plantas*.”

Já ia lançar-me no espaço, quando senti que me abraçavam a cintura, e via minha Angelita que me atraía para si, enquanto exclamava com inefável ternura:

— Minha mãezinha, dá-me muitos beijos! Verdade que não queres morrer? Não fiques triste porque não tenho pai: tendo-a tenho tudo, pois me queres pelos dois. Não é verdade que me queres muito mãezinha?

E não se cansava de beijar-me. Naqueles momentos, senti haver querido morrer. A todo custo queria viver para minha filha, quer dizer, para todos os meus filhos. Angelita pode estar brincando com outras crianças, mas, quando entro, ainda que não me queixe, ainda que não

chore, ela conhece quando sofro muito. Então se abraça a mim, e me diz baixinho:

— Não te aflijas porque não tenho pai: tenho a ti e, em ti, tenho tudo.

E olha-me de maneira que me faz estremecer. Que acha você disso tudo?

— Que muitas vezes, se prestássemos atenção no que dizem as crianças, aprenderíamos mais do que revolvendo livros nas bibliotecas.

As crianças são os homens de ontem e de amanhã.

O que dizem as crianças não responde sempre ao seu presente: é um eco do passado, a voz das gerações que semearam na Terra a semente do progresso, cujos frutos recolhem no presente e recolherão com abundância no futuro.

12 R E M I N I S C Ê N C I A S D O P A S S A D O

Visitamos uma cidade, há algum tempo, da qual muito gostamos, pois passamos ali uma longa temporada descansando das nossas tarefas habituais. Nessa oportunidade, pudemos estabelecer muitos laços de amizade que permaneceram sempre bem vivos em nossa memória, ao longo da nossa penosa peregrinação terrena.

Nesse retomo, como é natural, procuramos rever os amigos, na expectativa de que se recordavam de nós, registrando com alegria que éramos lembrados pela maioria deles, sem que o tempo e a distância tivessem podido apagar-nos da sua memória.

Entre essas almas generosas, que não nos esqueceram, encontra-se um homem, cuja esposa nos era um modelo de virtudes, que nunca pudemos imitar.

Quantas vezes, recordamos aquela família boníssima! Compunha-se do casal e quatro filhos, embora tivessem sido cinco os frutos daquela união feliz. Quando conhecemos Marta, e seu esposo Andrés, ainda

choravam a morte do filho mais velho, ocorrida há cinco anos, mas que para eles parecia recente, tão profundo o sentimento que experimentavam.

Marta, mãe amorosa, havia guardado religiosamente todas as roupas de seu filho, seus livros, e o único brinquedo, um enorme cavalo de madeira engenhosamente construído e que, por um mecanismo simples e aperfeiçoado, corria por si mesmo deslizando sobre rodas, a grande velocidade, e cobrindo um longo percurso. O curioso objeto era muito cobiçado pelas demais crianças, no entanto, nunca lhes foi permitido brincar com ele, temendo-se que quebrassem, perdessem ou es- tropiassem aquela preciosa recordação do filho ausente, o único brinquedo que o menino havia pedido, insistentemente, à sua mãe.

Como o costume toma-se lei, a família toda havia se acostumado a olhar com certo respeito o cavalo de madeira; para eles, não era um brinquedo, mas um objeto artístico e que, colocado no escritório particular de nosso amigo Andrés, ninguém se atrevia a tocar.

Quando chegamos, pela segunda e última vez, à residência de Marta, nos apressamos em vê-la, mas, no tempo transcorrido, quantas mudanças tristes ocorreram no seio daquela família, outrora tão feliz!

Marta, a fiel companheira de Andrés, que, durante trinta anos, sempre teve para o esposo um sorriso e um olhar de amor, havia abandonado a Terra, deixando-o prostrado nessa dor sem nome, nessa profunda melancolia, na qual o homem vive sem chorar e sem rir.

Que impressão dolorosa recebemos!

Marta era uma dessas mulheres nascidas para a sociedade, sabia receber e fazer as honras da casa de uma forma tão afetuosa, tão cordial, tão delicada, que os pessoas desejavam sua amizade; por isso, estava sempre rodeada de amigos. Seu palácio era o centro mais animado do lugar e seu marido, amante da sociedade quanto ela, tratava com tanto carinho os que o visitavam, que a casa dos nossos bons amigos mais parecia um

cassino, do que casa particular, e nada mais risonho e alegre do que aquelas reuniões. Duas meninas e dois meninos eram o encanto de Marta e de Andrés, e todas as crianças da vizinhança eram admitidas a brincarem com eles.

Parece que ainda vemos Andrés sentado junto ao piano com sua filha Leonor, tocando lindas valsas, que as crianças aproveitavam para dançar, enquanto Marta, rodeada de amigos e admiradores, organizava visitas a enfermos pobres, procurando fazer todo o bem possível, porque era uma alma verdadeiramente boa e generosa.

Quando entramos na casa de Andrés, este saiu ao nosso encontro, sorriu com doçura, e nos disse com voz apagada:

— Que mudança, Amália! Que mudança! Ontem... pois os anos são um sopro, e embora tenham se passado muitos, não deixam de ser menos que segundos na eternidade. Ontem... você se lembra? Esta casa ria; hoje, se estas paredes pudessem chorar, chorariam sem consolo. Faz dois anos que perdi Marta, e esta casa parece uma sepultura. Venha, venha, estou sempre no quarto em que ela morreu.

Cruzamos vários salões e, num deles, vimos o piano coberto com um envoltório verde. Andrés nos olhou e, quanto nos disse com seu olhar eloquente!

Há olhares que são um poema de dor. Chegamos ao aposento de Marta e aí encontramos todos os seus móveis prediletos, sua mesa de trabalho, sua cômoda antiga, seu pequeno sofá e suas cadeiras de palhinha. Sentamo-nos e, depois de Andrés nos contar todos os pormenores da morte da esposa, o casamento de suas filhas, o engajamento dos meninos, que eram militares, terminou dizendo com amargura:

— Vê você, minha amiga, que triste fim! Meus filhos apenas se lembram de mim; suas cartas são como as estações, vêm quatro por ano. Minhas filhas são mais afetuosas, contudo, meus genros, que são pouco afetuosos, não combinam comigo. A única companhia que

tenho é o filho maior da minha Leonor, que vem aqui com frequência; confesso que o quero de toda minha alma, porque é o retrato fiel do meu filho maior que morreu. Nunca vi ninguém tão parecido, no semblante e no caráter.

— Quem sabe se não é o mesmo?

— Qual! Qual! eu não creio nisso, minha amiga; sei, pela imprensa, que você se converteu em paladina das ideias espiritistas, que são boas, mas... ah! Amália, os que se vão não retomam mais...

— Pobre amigo! Como me compadeço de você!

— Sou digno de compaixão e creia que sou infeliz. A morte de Marta me deixou tão só!... Era uma mulher que me compreendia tanto!... que embora eu não lhe dissesse nada, ao sentarmo-nos na mesa e servir-me a sopa, dizia-me: “Ponho-te pouca porque, como estás desgostoso, não comerás muito”, então eu lhe contava tudo que me ocorria, e falava... falava sem parar com ela, não havendo, para mim, tristezas no mundo. Mas agora... sinto-me só à mesa, olho em tomo como por instinto de conservação, nada mais, e me levanto fugindo de mim mesmo. Não fora por meu netinho... Parece que a adversidade se irrita comigo. Quando estou mais desesperado, chega meu netinho, me abraça e me diz:

— *Eu estou aqui!* Não pode você imaginar a impressão que estas palavras me causam, porque, ao dizer *Eu estou aqui!* parece-me ouvir meu filho maior que, quando chegava do colégio, entrava no meu escritório e, achando-se em meus braços, dizia-me alegremente da mesma forma: *Eu estou aqui!*

— Como o pensamento às vezes é louco! Em que acreditas que me lembro agora?

— Como posso saber! Diga, Amália.

— Daquele cavalo de madeira que você mantinha tão conservado.

— E que ainda o tenho bem guardado. Tirei-o do escritório, há muito tempo, porque hospedamos uma

nossa irmã que se acompanhava de crianças capazes de quebrar o Alcácer de Sevilha; para evitá-lo, guardei-o com outros trastes em um aposento separado, onde conservo o pobre cavalo adorado por meu filho, único brinquedo que pediu em toda a sua vida. Ah! se fosse certo o que você diz, que os mortos vivem... como ficaria feliz se pudesse falar com meu filho e minha mulher!

Nesse ponto do diálogo, ouvimos um barulho infernal, formado pelos gritos de um menino, o ruído de um móvel que rodava e pelas vozes dos criados. Andrés se levantou, sem dúvida, para ver o que ocorria; porém, antes que saísse, entrou no escritório um menino formosíssimo, que teria quatro ou cinco anos, puxando um cavalo de madeira, o que tão bem Marta e Andrés haviam guardado. Dois criados seguiam o menino, querendo tirar-lhe o cavalo, mas este se agarrou em seu avô, dizendo com acento veemente:

—i Avozinho, diga-lhes que deixem meu cavalo, porque é meu, é meu.

— Como é teu? — perguntou Andrés tratando de pôr-se sério.

— Sim, é meu; este era o cavalo que eu te pedia, e é o meu cavalo. — E, subindo no brinquedo com muita graça, disse ao seu avô: — Vamos, empurra-o para que corra muito.

Andrés obedeceu maquinalmente ao menino, e empurrou o cavalo, que saiu rodando, embora não com a velocidade que o pequeno queria, pois pediu a um dos criados que puxasse o velho alazão. Todos saíram quando apareceu uma anciã que exclamou:

— Creia, senhor, que não pudemos evitar. Entrei no quarto, descuidei de fechar a porta, e Adolfinho entrou; em seguida, deu um grito, dizendo: Ah! aqui está meu cavalo o que eu estava procurando”, — tirou-o

— Bem, bem — disse Andrés — deixa-o brincar; assim fará mais barulho.

A boa mulher se retirou e, quando ficamos sós, nos olhamos fixamente, um ao outro, e parecendo ler meu

pensamento, nos disse com gravidade:

— Que pensa você disto? Faz um ano talvez que, passeando com Adolfo, disse-me uma tarde: “Dá-me o meu cavalo”. Credo que se expressava mal, disse-lhe: “Não se diz dá-me o meu cavalo, mas, compra-me um cavalo”.

— Eu quero meu cavalo — replicou o menino —, o meu, o meu. —> Não lhe fiz caso, mas, agora, o sucedido me chama a atenção. Coisa estranha! De pronto, pensei no Espiritismo e quero ler suas obras, sem que ninguém o saiba. Podem os espíritos encarnados, como vocês dizem, reconhecer objetos que lhe pertenceram outrora?

— Deverão reconhecer e recordar. Não faz muito tempo, testemunhamos o seguinte: uma amiga tem um menino que deve contar quatro anos e que, às tardes, acha de dizer à sua mãe: “Põe-me a minha roupa azul”, mas o menino nunca teve nenhuma roupa dessa cor; é africano e nossa amiga, que é mulher de muito bom gosto, não usa cores que enfeiem seu filho. Muitas vezes o menino diz: Mamãe! Mamãe! — Que queres? — Pergunta sua mãe. — Não é a ti que estou chamando — responde o menino — chamo à *outra mamãe*. — Ora, o menino não tem nem avó materna, nem paterna, tem uma inteligência lúcida e uma compreensão admirável. Logo, ao chamar a outra mãe e pedir uma roupa que não tem, é prova evidente de que se recorda de algo do passado, lembranças que se apagam com o transcurso dos anos.

— Pois bem, mande-me as obras espiritistas, sem que ninguém saiba. Prometo-lhe escrever sobre o fruto que tire delas.

Despedimo-nos de Andrés e, ao sairmos, vimos Adolfo muito atarefado, fazendo seu cavalo correr.

— Agora, sim, estás contente? — perguntamos-lhe.

— Encontrei o que queria!

Ej Sim, já tenho meu cavalo; este é o meu — e o menino lhe dava palmadinhas na cabeça, como se, com suas carícias, saudasse o antigo companheiro.

Beijamos Adolfo, que é formosíssimo, tem olhos encantadores e cabelos preciosos, irradiando em todo o seu semblante uma expressiva simpatia.

Três meses depois, recebemos a seguinte carta de Andrés:

“Minha amiga. Quem diria que um brinquedo de meu filho seria a causa da mudança radical das minhas ideias? Hoje não me rio do Espiritismo, mas, leio, melhor dizendo, devoro as obras de Allan Kardec, encontrando nelas novos e amplos horizontes. Já creio ser possível que os mortos vivam e não acho estranho que espíritos reencarnem na mesma família, onde acharão um mundo de amor.

Muito lhe devo, minha amiga. Já não estou só, pois tenho completa segurança de que Marta me acompanha, e, ao olhar meu neto, parece que alguém murmura aos meus ouvidos: “Ama-o, pois voltou à Terra apenas para consolar tua velhice”. Quero-o tanto, sou tão feliz com ele e associo-me de tal maneira aos seus caprichos, que não quer mais se separar de mim. Todas as tardes, saímos juntos, acompanhados do velho cavalo de madeira. Mistérios! Que arcanos a vida guarda! Ao ver esse brinquedo, quem acreditará que lhe devo indiretamente a tranquilidade da minha velhice e... sem dúvida, o progresso do meu espírito”.

Certamente, parece uma coisa providencial guardar com tanto cuidado aquele objeto, que deveria servir de instrumento para despertar a atenção de um espírito atribulado, que cruza sozinho a terra inculta desta vida.

Tudo serve para o esclarecimento da verdade, desde o estudo mais profundo, até um cavalo de madeira que serve de brinquedo a um menino.

A verdade é como o sol: seus raios esplendentes chegam a toda parte.

13 VOU-ME PARA O CÉU!

Existem seres neste mundo que muitos julgam ter nascido em dia consagrado aos azares, tantas são as suas penas e as suas angústias.

Entre estes aparentemente deserdados, entre estes mártires, figura em primeiro plano uma pobre mulher que conheci em uma das épocas mais tristes da sua vida: a morte lhe havia arrebatado o esposo, deixando-lhe, por herança, seis filhos, o maior deles com quatorze anos, e uma miséria espantosa, uma dessas situações difíceis em que, de qualquer ângulo que se olha, não se vê senão abismos insondáveis.

Certa noite, dormia tranquilamente a infeliz Joana, em companhia do esposo; este se levantou de madrugada, procurando não fazer ruído, mas a esposa despertou, sem estranhar, uma vez que seu marido se levantava muito cedo, para começar seu trabalho, antes que a rósea luz do alvorecer tingisse o horizonte com suas nuvenzinhas multicoloridas.

Inexplicavelmente, apesar de não ter dado a mais leve importância à ação do marido, que se levantou quando ainda as sombras da noite estendiam seu manto sobre uma parte da Terra, Joana sentiu uma sensação estranha, quando seu companheiro lhe disse: “Abriga-te mulher, que faz frio, e dorme tranquila porque ainda tardará o amanhecer”.

Pedro saiu de casa e Joana, obedecendo à sua recomendação, envolveu-se no cobertor, procurando conciliar o sono. Mas seu empenho foi em vão: começou a sentir angústia, e o calor a sufocava, sem embargo de estar em pleno inverno. Lutou mais de uma hora em semi-sonolência, agitadíssima, até que teve de exclamar com voz angustiantemente:

— Pedro! Pedro!... dá-me um copo de água, não sei o que tenho...

Joana esperou alguns segundos, e tornou a chamar seu marido. Ninguém lhe respondeu. Dominada por um temor indefinível, levantou-se e percorreu sua pequena morada, apressadamente, sem encontrar Pedro. Saiu ao

saguão, convertido em oficina de carpintaria e, como a lâmpada que pendia do teto estava à meia-luz, não viu, de pronto, o corpo de seu marido que balançava diante da porta de entrada.

O infeliz havia se enforcado. Ao descobri-lo, com a rapidez de um raio, tomou de uma ferramenta e cortou a corda, caindo, Pedro, contra o peito da infeliz, que com ele rolou pelo solo.

Aos gritos horríveis de Joana, as crianças despertaram, levantando-se e encontrando o pai morto e a mãe desmaiada.

Que quadro espantoso!... Em nenhuma novela de jornal se descreveu jamais uma cena tão sombria e aterradora. Quando Joana voltou a si, o cadáver do pai dos seus filhos já não estava ali: a justiça havia cumprido com o seu dever, levando o suicida.

Desde então, a pobre Joana foi se consumindo lentamente. Algumas vezes, me visita para contar-me suas desventuras e, ao vê-la, não posso deixar de dizer para mim mesma — “De que valem as imagens das *Dolorosas* em comparação com este rosto macilento, estes olhos fundos arroxeados pelo pranto, cujo olhar revela um sofrimento inesgotável?”*

Na última vez que a vi, encontrei-a mais triste do que de costume.

— Que tens? — perguntei-lhe —; que nova calamida de se abateu sobre ti?

— Desde que morreu meu marido, nem uma só vez pude sorrir. A miséria mais horrível me fez sentir todos os tormentos da fome e do frio. As ameaças e os insultantes desprezos de meus credores me humilharam e me abateram; mais de uma vez, não sabia onde refugiar-me, ao chegar a noite. Mas tudo sofri com resignação, com tudo me conformei pensando que, se tal era a minha sorte, devera merecê-la. Mas, ai! a perda que acabo de experimentar me tomou a alma de tal modo que não sei explicar-me o que sinto. Acreditei, depois da infelicidade de meu esposo, que nada neste mundo me

faria chorar, e que seria insensível a toda desdita, a toda morte. Havia chorado tanto, que podia acreditar esgotado o manancial das minhas lágrimas! Eu não sabia o quanto se quer aos filhos! Ignorava que pudessem haver palavras ditas por uma criança que não se olvidam nunca!...

Dizendo isto, a pobre Joana cobriu o rosto com as mãos e começou a soluçar, no mais profundo desconsolo.

Deixei-a chorar o quanto quis. O caudal do pranto me inspira mais veneração do que todos os rios sagrados das religiões. A água da dor é uma chuva bendita que regenera o espírito mais culpado, e dá novo alento ao ser mais abatido.

Joana chorou largo tempo e, quando se tranquilizou, disse-lhe:

— Das tuas palavras, deduzo que algum dos teus filhos deixou de existir.

— Sim, um que tinha cinco anos: o pobrezinho morreu, pode-se dizer, de fome. Como estou sempre enferma, e meu filho maior ganha tão pouco, nossa alimentação é insuficiente. Aconselharam-me que internasse em um asilo de beneficência os dois menores, mas, Emílio, o que morreu, se alguém falasse, diante dele, em interná-lo para que estivesse melhor, agarrava-se ao meu vestido e dizia com voz muito grave: “Não, não quero sair da minha casa; eu não sou pobre, porque tenho minha mãe”.

Quando adoeceu, falei de levá-lo ao Hospital, onde não lhe faltaria, como lhe faltava ao meu lado, o indispensável para a sua cura. “Não, minha mãe — disse-me —, não me separe de ti; se devo morrer, quero morrer em teus braços”.

Na manhã do dia em que morreu, veio visitar-me uma senhora. Saí de casa por um momento, e ouvi quando meu filho lhe dizia:

— Senhora, agora que minha mãe não está, vou lhe pedir um favor.

— Que queres, meu filho? — ela lhe respondeu, acercando-se da cama.

— Quero que me deixes algum dinheiro para comprar um pão muito grande...

— Tanta vontade tens?

— Não, não é para mim! é para minha irmãzinha que gosta muito de pão. Eu não necessito de nada, porque hoje mesmo *vou-me para o céu!*

Ao ouvir aquelas palavras, não pude conter-me: corri e abracei-me ao meu filho que se incorporou para dizer-me: “Não chores, que *vou-me para o céu!*”. Efetivamente, abraçado a mim, morreu sorrindo como nunca o havia visto sorrir.

Poderá você acreditar que estou ouvindo sempre as palavras do meu filho? Repito-o: a todas as dores me resignei, mas esta perda me transtornou por completo. Há momentos em que duvido de tudo. Minha vida é um inferno horrível. Quantas vezes recordo meu filho que, abraçado a mim, dizia:

—» Diga-me que me queres muito, minha mãe! e dá-me muitos beijos, pois quando tu me beijas... não tenho fome...

Jamais esquecerei suas últimas palavras: “Eu não necessito nada; *vou-me para o céu!*” o

A quantos comentários se presta este relato verídico! Se não houvesse *passado e amanhã* na vida do Espírito, seria de enlouquecer pensar nessa *causa* desconhecida que a alguns seres, como a desventurada Joana, dá como patrimônio a dor e a desesperação.

Pobre mãe! Ela diz que não pode esquecer as últimas palavras do seu filho.

Também eu, desde que Joana contou-me tão triste e comovedor episódio, às vezes parece-me estar ouvindo uma voz dulcíssima que murmura aos meus ouvidos: *vou-me para o céu!*

14 AMOR DEPOIS DA MORTE

Recordo-me que disse um poeta:

“Enquanto houver uma mulher formosa, haverá poesia!

Creio que deve dizer-se:

Enquanto existirem almas que se amem, haverá poesia!

Porque o amor, à semelhança do sol e do vento, penetra tanto no palácio real quanto na humilde choça, sentindo todos os habitantes da Terra a sua influência, ainda que em meio das maiores torturas. Disto acabou de me convencer e persuadir a conversação que tive com uma pobre mulher, da qual me ocupei em vários artigos, pois sua triste história dá suficientemente para se escrever muitos volumes.

Joana veio contar-me suas desventuras, há alguns dias, e eu lhe disse:

— Até parece impossível que possas sofrer tanto, pois cada dia te traz uma nova dor.

— Já o podes dizer. Graças, porém, que ele me sustenta com suas palavras e seus conselhos. Ah! se não fora por ele! onde eu estaria!

— Quem é ele?

— Ora, meu marido.

— Teu marido!... Mas não se suicidou?

— Sim, senhora, enforcou-se. Mas, não se ria do que vou contar, porque é tão certo e verdadeiro como o é que nós duas estamos falando aqui.

— Não temas que me engane.

— Assim o creio, e verás. Eu e ele nos casamos enamoradíssimos, nos queríamos com delírio; ele não podia ficar sem mim e eu sem ele. Jamais tivemos uma rixa: se havia um pão ele o repartia e me dava a maior parte, dizendo:

— Come, come que eu sou mais forte e não necessito de tanto alimento. Tenho mais resistência física.

Nossos seis filhos eram seu encanto, mas eu, sobretudo, era para ele a mais formosa de todas as mulheres. Quando me afligia porque ele não tinha trabalho, sempre me dizia:

— Mulher, tem paciência, saiba que a infelicidade é como uma tormenta: o céu se faz muito escuro, chove, relampeia, trovoa, caem raios, e logo sai o sol, e tudo recobra nova vida. O mesmo sucede com nós outros, os pobres: vem uma temporada sem trabalho, empenha-se o pouco que tem, vende-se o que estorva, je- jua-se, embora não se esteja em quaresma; mas se um casal se quer, o amor que os une é o sol que pode mais do que todas as nuvens do infortúnio, e saem adiante vencendo os tropeços.

Olha, Joana — dizia-me muito sério —, eu te quero tanto, tanto, que se morrer antes de ti, ainda que me vá ao céu, como não poderia ver-te desde ali, não estarei tranquilo. Ai de ti se te casares! pois eu te juro que não ficarias viva a segunda noite de núpcias. Eu te amarei, depois de morto, tanto quanto te amo agora, estejas certa.

Devo advertir-te que meu marido não era espiritista, nem acreditava que houvesse algo depois da morte, e ria dos milagres, das aparições e de todo sobrenatural; dizia; “o pão é pão e o vinho é vinho, deixa-te de contos”. Ao mesmo tempo, sempre que falava da morte, dizia-me:

— Lembra-te, Joana, que eu não te deixarei nunca e que me verás sempre para que não venhas a querer ninguém mais do que a mim.

Eu ria porque, em verdade, nunca acreditei que se pudesse ver os mortos, e como minhas convicções religiosas eram muito arraigadas, fora delas nunca procurei saber mais do que, de boa mente, sabia.

Quando menos esperava, quando mais alento e esperança meu marido me dava para sobrelevar as muitas lutas e escassez que nos rodeavam, por falta de trabalho, uma madrugada se levantou, como você sabe, cobriu-me muito bem, dizendo-me:

— Dorme, que faz frio. — Dirigiu-se à oficina e ali matou-se, sem fazer o menor ruído. Você sabe como fiquei, não somente por tê-lo perdido, se não também porque não saía do meu assombro recordando seus

constantemente conselhos de que tivesse resignação e não perdesse a esperança, pois, depois de um dia nublado, brilhava o sol.

Passou muito tempo sem que eu soubesse dar-me conta do que sentia. Mas a morte de um dos meus filhos, a separação, ainda que momentânea, de minha filha menor que, como você sabe, coloquei na Casa de Caridade e a tirei poucos dias após, a ingratidão do meu filho maior que me abandonou por completo, a contínua angústia que me atormenta, sem deixar-me um minuto de tranquilidade, pensando no senhorio, porque de todos os lugares me despejam, pois não tenho dinheiro para pagar mais do que o primeiro mês, as convulsões que me dão cada segunda e cada terça-feira que não me deixam um osso são, todo esse acúmulo de angustiosos sofrimentos, fizeram-me pensar e dizer: “Meu marido era muito bom. Era o homem mais honrado que havia debaixo da abóbada celeste. Se ele, com toda sua bondade, quando não pôde mais resistir matou-se, eu, que estou bem longe de ser boa como ele, posso me matar sem o menor remorso. Não tiro meus filhos de nenhuma dificuldade, mas Deus olhará por eles. Não posso resistir mais, as dúvidas me agoniam, não tenho mais do que minha vida e pagarei com minha morte a tantos credores que, viva, me encheriam de impropérios e, morta, talvez, me encomendem a Deus.”

Persuadida de que não poderia fazer outra coisa melhor do que matar-me, uma noite, sabendo que no dia seguinte colocariam no meio da rua os poucos trastes que tenho, decidi acabar de uma vez e esperei que meus filhos mergulhassem no primeiro sono.

Que noite! Oh céus, que noite! Minha filha menor, abraçada ao meu pescoço, olhava-me fixamente e dizia: “Dorme, mamãe, dorme! Enquanto não dormires eu não dormirei”, e me cerrava os olhos a pobrezinha, arrumando-me como se eu fora uma criancinha e ela a mãe amorosa. Afinal dormiu, e eu me desprendi dos seus bracinhos. Contemplei meus filhos, beijei-os mil vezes

com o pensamento para que não despertassem, e descalça, sem fazer ruído, dirigi-me à janela que intencionalmente havia deixado entreaberta e, quando me dispunha a atira-me à rua, senti-me tocarem o ombro e voltei a cabeça espantada, pensando que fosse meu filho; verifiquei que era a sombra do meu marido, com seu traje cinza dos dias de festa. Era ele, e colhendo-me pelo braço, fez-me retroceder, dizendo-me: — Infeliz! e nossos filhos? Não me tomes por exemplo.

Fui um criminoso!... e meu remorso é tão grande quanto a minha culpa!

Fiquei sem saber o que se passava, mas não duvidava de que meu marido estava ali: era sua voz, sentia o calor do seu hálito. Dei alguns passos e abracei minha pobre filha, que despertou gritando com meus beijos, não sei se de espanto ou de alegria, e vi meu marido que se afastava, percebendo seus soluços.

Fiquei tão cansada que caí no sono, do qual despertei na manhã seguinte, graças à minha filha que, à força de beijos e abraços, devolveu-me à vida real.

Ao levantar-me, pareceu-me que havia nascido de novo. Meu corpo estava mais leve e, apesar de ter as mesmas penas, encontrava-me mais forte, mais animada. Lembrei-me de que meu marido me dissera muitas vezes, que não me deixaria nunca e, quando chegou a noite, disse:

“Espíritos! Se não foi uma alucinação, que eu veja outra vez o pai dos meus filhos, que ouça sua voz”. Tornou a se apresentar a sombra do meu esposo, dizendo-me:

“Sempre estou ao teu lado. Meu castigo é ver o teu infortúnio, o teu sofrimento. Não pretendas morrer, porque não se morre. Chama-me; meu amor me une a ti e jamais nos separaremos. Jamais!”

Desde então, muitas vezes vi meu marido, que se inclina para dizer-me, baixinho:

“Sempre estou contigo!”

O que estou lhe dizendo, não disse-o a ninguém, para que não se riam; mas eu sei que você é espírita e não

estranhará o que me sucedeu.

Nem meus sofrimentos, nem minha falta de tempo, nem meu modo de ser, me inclinaram a pôr-me em averiguações ou estudos de mortos e vivos. Mas posso assegurar-te que vi, e vejo, meu esposo com muita frequên- cia e, para certificar-me de que não estava enganando a mim mesma, disse uma noite:

— Espíritos! Se isto é verdade, porque minha mãe, que tanto me queria, não vem consolar meus sofrimentos? Naquela noite, não veio ninguém. Quando menos esperava, estando, uma madrugada, chorando minhas angústias, vi de pronto uma claridade como se estivesse amanhecendo, claridade que foi aumentando, enchendo minha casa de uma névoa, na qual pareciam nadar chispas de fogo; formou-se uma nuvenzinha muito branca, que depois se rasgou, e vi a cabeça de minha mãe, que estava rodeada de um vivo resplen- dor. Desde então, não me ficou a menor dúvida de que os mortos velam pelos vivos.

— Meu marido cumpriu sua palavra: seu amor não me faltou nem depois da morte! ³

Quanto me alegrei escutando a narração de Joana! E gozei porque em seu relato encontrava a verdade. Não é uma imaginação sonhadora, não é mulher que apele para a ficção, nem à mentira, para comover ou interessar a alguém. Simplesmente é uma mártir da miséria que não teve, neste mundo, outra glória além de ser amada.

Em meio do seu atual abandono, enferma, cadavéri- ca, ao falar do seu marido, ainda que arroxeados pelo pranto, seus olhos se animaram e um relâmpago de prazer os iluminou. Embora suas faces pálidas se colorissem suavemente e seus lábios brancos e secos se enrijessessem, como se recebessem um beijo de amor, o mais doce sorriso deu ao seu semblante um ar de felicidade. Eu a contemplei avidamente, sem perder o mais leve detalhe daquela prodigiosa transfiguração e, quando lhe disse *adeus*, murmurei, ao vê-la afastar-se:

Enquanto existirem duas almas que se amem, haverá poesia!

15 A CEGUINHA

Entre os infelizes que habitam a Terra, nenhum me inspira tanta compaixão como uma menina cega.

Uma criança!... símbolo da alegria... do movimento contínuo... mariposa de prismáticas cores que voa de flor em flor, com o sorriso nos lábios, a luz divina nos olhos, a esperança no rosto... cantando como os passarinhos, sem recordações penosas, nem pressentimentos sombrios.

O que há de mais belo do que os olhos de uma criança? A mim, encantam, seduzem, parece-me que vejo em todos eles os resplendores dos astros, todas as magnificências dos céus. Se tivesse me dedicado a descrever o paraíso das religiões positivas, indubitavelmente, para inspirar-me, para conceber e ver em minha imaginação todas as belezas dos édens com que sonharam as humanidades, teria necessitado olhar, atentamente, o rosto de uma formosa menina.

Agradando-me tanto essas bonequinhas graciosas, compreender-se-á melhor o quanto me impressionará uma menina cega, com quanta pena verei os seus olhos mortos!

Estando uma vez em uma reunião de livre-pensadores, ressoou ao meu lado uma voz que, doce, acariciante, dizia com grande sentimento:

— Graças a Deus que a conheço!

Voltei a cabeça e vi uma menina de uns doze anos, pálida e enfermiça, que estreitava meu braço entre suas mãos com verdadeira paixão. Olhei-a atentamente, e vi seu rosto animado por um desses sorrisos indefiníveis que encerram todo um poema de amor.

Mas algo faltava ali, pois naquele céu não havia luz: os olhos da menina, profundamente retraídos, estavam hermeticamente fechados. Era cega!

Cega!... Ao convencer-me do seu horrível infortúnio, beijei seu rosto com religioso respeito e a estreitei contra meu coração, enquanto dizia:

— Tinhas vontade de conhecer-me?

— Sim, senhora, muita; embora, para dizer a verdade, já a conheça há tempo, pelos seus escritos, pois sempre procuro alguém que os leia para mim.

— Alegro-me, isso prova que te agradam.

—« Oh! sim, muito, porque você se recorda sempre dos desditosos.

— E estás entre e'es, não é mesmo?

— Pense nisto: creio que pagar uma dívida não é uma pena, mas o cumprimento de uma lei.

— Tens razão, minha filhinha; quantos filósofos não teriam acertado pensando tão profundamente como pensas!

— Acredite também que, por esta vez, tocou-me pagar uma conta muito grande, porque tudo o que me rodeia me é adverso: minha família era rica, mas, antes de eu nascer, começaram os reveses de fortuna e, quando vim a pedir-lhe carinho, não encontrei senão tristezas. Antes de completar dois anos, dizem que, sob o efeito de dores agudíssimas, me esvaziaram os olhos. Há oito anos, meu pai está paralisado; minha mãe, quase sempre, enferma; meu irmão padece febres contínuas; a única que goza de boa saúde sou eu, e, com tudo isso, nossa situação é tão miserável que não contamos com outros recursos para viver senão o que ganho cantando pela rua, pois, todas as noites, saio com minha mãe ou com alguma vizinha, que me acompanha. Por aí você vê que quadro é minha casa!... Apesar de tudo, sou a alegria dos meus pais: por mim riem, por mim não desesperam. Sempre lhes digo que se estamos assim é porque não merecemos mais e, diante da eterna justiça, não resta senão dobrar a cabeça.

— Tens muitos conhecimentos para progredir, minha criança; e não te entristeces, alguma vez, considerando-te privada do precioso dom da vista?

— Não, senhora; e até me alegro por não ver, porque assim pecarei menos e, quando voltar à Terra, não terei tantas contas a pagar.

— Admiro-te e invejo-te, pois, se ficasse cega, seria profundamente infeliz.

— Você se resignaria como eu.

— E em teus sonhos, nunca vêes a luz?

— Jamais; sempre estou na obscuridade. Mas, enquanto durmo, estou rodeada, sem dúvida, por muitos seres amigos, uma vez que, ao despertar, recordo-me do que disseram: falam-me com especial carinho, embora, pela voz, não conheça a nenhum deles.⁴

— De sorte que não tens a menor ideia da luz e das cores?

— Sim, tenho-a; e tenho minhas cores favoritas: sempre digo à minha mãe que, se alguma vez puder, compre-me um vestido branco e outro azul. Oh! a cor azul é preciosa!

— Como a imaginas?

— Não posso descrevê-la, mas sei que é muito linda e que a luz e a cor azul precisam estar unidas para ostentar toda a sua beleza.

— Que maravilhosa intuição a tua! Pobre menina, como pintas bem o que há de mais belo na Terra: o sol com todos seus esplendores, a atmosfera azulada, o céu! Com que admiração contemplo o semblante da menina cega!... A luz que falta em seus olhos parece querer irradiar-se de seu lábios e de seu rosto.

Quanto diz seu sorriso! Como são expressivos seus movimentos! ... quão agradável sua voz! com que carinho se dirige aos que a rodeiam, para perguntar-lhes se a querem muito!...

Percebe-se que é um espírito decidido a progredir, tão decidido que não desmaia diante dos grandes obstáculos que encontra em seu caminho. Seu pai, que devia dar-lhe sombra, está prostrado em uma cadeira, sem poder dar um passo; seu irmão morre lentamente; sua mãe, débil e enferma, ocupa todo seu tempo em atender os afazeres

da casa, e seus enfermos. Ela, cega e anêmica, é que tem ao seu cargo a manutenção da sua desvalida família.

Paz poucos dias, disse-me tristemente:

— Não me sinto bem; não posso cantar. E fico assustada com a ideia de que falte o necessário aos meus pais... Que má já fui, não é verdade? porque Deus é justo.

— Crês que seja assim?

— Oh, sim, senhora!

— Então, filhinha, não te chames cega: brilha em teu cérebro a razão com divinos esplendores.

Quantos se crêem sábios eminentes, e não raciocinam tão perfeitamente quanto a pobre ceguinha! Felizes os que, com os olhos do entendimento, vêem a verdadeira luz!

16 O GRANDE PROBLEMA

“No mundo, o mais difícil, o que chega a ser pouco menos do que impossível, é que alguém possa se consolar quando é vítima de calamidades e contrariedades sem conta”.

Isto me dizia, uma tarde, minha boa amiga Clara Ledesma, mulher que nasceu com *má estreia* (como se diz vu'garmente), uma vez que sua mãe morreu ao dar-lhe a luz, e seu pai, não sabendo o que fazer com aquela criancinha, casou-se com a primeira desesperada que encontrou em seu caminho. O que Clara sofreu em sua infância, e enquanto esteve sob a tutela da sua madrastra, não é para se contar, pois esta fez quanto pôde para martirizá-la, unindo-se, à sua má intenção, uma série de circunstâncias todas desfavoráveis para a pobre menina, sendo a principal delas a prodigiosa fecundidade da mulher do seu pai, que dava à luz crianças em pares. Clara foi a pagem e a ama seca de todos eles, alvo de todas as suas diabruras e malignidades, dado que se tratava de uma caterva de pequenos, capazes de acabar com a paciência até de Jó. Farta de sofrer por todos os motivos, quando se lhe apresentou um pobre diabo,

poeta de profissão, com mais fome do que um mestre-escola ou um desempregado, casou-se com ele, pondo em prática o amoroso adágio: “Contigo pão e cebola”. Tantas foram as penas do enamorado casal, tantos os dias que jejuaram, que o marido não pôde resistir, e uma tuberculose galopante fez a caridade de acabar com a sua existência.

A infeliz Clara ficou viúva, com dois filhinhos e em estado interessante.

Seu desconsolo não teve limites, porque alguma coisa havia de feliz em sua vida, seu marido sempre a quis com delírio, com verdadeira idolatria; até lhe havia dedicado os mais belos versos de sua fantasia.

Em meio à sua espantosa miséria, quando chegava em casa, depois de trabalhar o dia todo em sua oficina de modista, encontrava os braços de seu esposo, do seu enamoradíssimo Romeu, os lábios cheio de riso, uma vez que ouvia as frases mais apaixonadas e as palavras mais belas e consoladoras, anunciando-lhe dias de repouso e de próxima prosperidade, quando encenaram *seu último drama*.

Nem só de pão vive o homem, e Clara tinha meia vida assegurada com o estranho carinho de seu pobre marido, rico em ideias e transbordante de lirismo.

Por isso, ao perdê-lo, se não pôs fim em seus dias, deveu-se aos seus filhos que, pobrezinhos, retratos vivos do pai no físico e no moral, agarravam-se à sua saia, e à ponta do seu casaco, e não a deixavam, dia e noite.

Pobres criaturas!

A desditosa Clara foi vivendo por milagre. Não houve associação religiosa que não lhe desse esmola alguma semana, nem confessor, nem pregador, que não a recomendasse às suas devotas. Entre uns e outros foi vivendo, e vive, todavia, sempre recordando seu marido, ouvindo missas por sua alma e levando os filhos ao Campo Santo para que se reúnam sobre a tumba comum, onde sabe que arrojaram os restos do defunto, e ali rezem pelo eterno descanso do pai.

Em meio de suas desditas, que não são poucas, de sua viuvez, de sua miséria, de suas enfermidades, pois seu cubículo parece um hospital em miniatura : quando não tem dois dos seus filhos enfermos, ela o está... Clara tem a sorte, a única, de ser muito simpática a todos que a conhecem, assim a gregos como a troianos. De uma honradez exemplar, ninguém pôde encontrar nela o mais leve defeito, com relação à sua probidade.

Podem lhe entregar ouro moldo, que se ela nota cair ao solo uma só partícula do pó aurífero, procura, olha, se desdobra, até encontrar o ponto luminoso que afinal sua nobre boa vontade acaba por descobrir. Onde quer que vá, é recebida com carinho, e nunca falta mão compassiva que deixe, na sua, o óbolo da caridade.

Mas, como disse muito bem Fernán Caballero, o pão da esmola alimenta, mas não nutre, Clara está cansadíssima de viver.

— Estuda o Espiritismo — disse-lhe —, e acharás consolos que não conheces, e descobrirás as leis do infortúnio e da sorte, podendo preparar-te para existências mais ditosas.

— Para novas existências... ! — replicou Clara com amarga ironia —. Se a que tenho pesa mais do que a cruz que deram ao Nazareno, vou estudar para inteirar-me de que deverei voltar? Qualquer dia me interesse por essas curiosidades!... Não fora por meus filhos, teria me deixado morrer sobre a terra que cobre os restos do meu inolvidável esposo! Muito tenho que fazer com minha desdita, meu isolamento, minha falta de saúde e minha grande escassez; por onde quer que olhe, não vejo outra mulher tão desditosa como eu...

— Estás errada— disse-lhe —; há outras mulheres muito mais infelizes, muitíssimo mais sofredoras.

— Impossível! Impossível sob todo ponto de vista. Não sabes o que sofro, porque não tiveste a sorte imensa de encontrar um homem que te amasse como meu marido me amou, desde que nos conhecemos. Verdade que

éramos muito pobres. Certo que, quando ele vivia, eu não encontrava a proteção que tenho agora. Todavia, ao chegar em minha casa e encontrá-lo balançando o berço de nossos filhos, ao mesmo tempo que escrevendo seus dramas ou copiando folhas de um tabelião; ao encontrar em seus braços um calor que não se parece com nenhum outro, esquecia todas as minhas penas e me sentia feliz. Talvez, agora, não fique um dia sem comer; mas... estou tão só! Meus filhos, sem dúvida me querem muito, suas carícias me ajudam a viver, mas o vazio que aquela morte deixou em minha a¹ ma, eles não podem encher. Logo, é tão triste viver de esmolas!... Bem o sabes, não me recuso a trabalhar; mas, das quatro partes do ano, três delas passo enferma, e na outra quarta parte os meus pobres filhos; assim, vivo incomodando todo o mundo, exposta à crítica de uns e à mentira compassiva de outros. E ainda tens coragem de me assegurar que há mulheres mais infelizes do que eu?

— Repetirei cem e cem vezes : há.

— Onde estão? Quero vê-las.

— *i* Não te incomodes por isso; irás vê-las esta noite.

— Esta mesma noite?

— Sim; sairás comigo e te convencerás que, na escala da dor, da mesma forma que na escala do prazer, nunca se chega ao último degrau; sempre há graus para subir ou descer, já que a felicidade está colocada no cume e a desventura no fundo do abismo.

E, efetivamente, naquela noite saímos, Clara e eu. Depois de percorrermos algumas ruas, chegamos à Praça do Bonsucesso, onde lhe disse:

— Agora vamos passar pela rua de Ramalleras, onde há algumas casas que albergam várias mulheres mais infelizes do que tu.

— Entraremos nessas casas? — perguntou Clara com febril ansiedade.

— Não será necessário; na porta desses tugúrios, encontrarás algumas delas, e só por vê-las sentirás imensa compaixão.

Entramos na dita rua, encontrando a poucos passos um casebre em cujo portal, estreito e obscuro, se destacavam duas mulheres vestidas de branco, encostadas nos batentes da porta. Detive-me a curta distância, dizendo a Clara:

— Fita essas duas infelizes, que passarão muitas horas da noite observadas pelos transeuntes. Perderam a noção do pudor, que é o aroma da mulher, e mancham seus lábios com as frases mais soezes e repugnantes. Suas maneiras desenvoltas revelam o esquecimento de todos os preceitos sociais. Convertidas em *coisas*, vendem seu corpo a quem mais oferece. Para elas não existe a santidade do matrimônio, nem o sacerdócio da maternidade; se, por acaso, algum espírito procura abrigo em seu seio, deve desprender-se de seu filho no momento que ouvem o primeiro vagido. A meretriz é uma escrava, e sua escravidão é mil vezes pior do que sofre a raça negra; as mulheres de cor, ainda quando seja por egoísmo dos seus donos, podem amamentar seus filhos e recolher seus primeiros sorrisos, escutando ao mesmo tempo suas primeiras palavras. Todavia, a escrava branca, ou se converte em assassina do filho de suas entranhas, ou se separa dele para sempre.

Se algum dia se arrepende, se se propõe entrar no bom caminho, todas as oficinas lhe fecham a porta e, como ao judeu da lenda, todos lhe dizem: “Caminha... caminha! não queremos acalmar tua sede; não te detenhas em nossa casa; carregas sobre ti a marca da tua infâmia e da tua degradação.”

Algumas associações religiosas lhes estendem os braços, mas para elas isto não é mais do que uma mudança de martírio; as *boas madres* as obrigam a trabalhar de um modo brutal, atirando-lhes em rosto seus extravios passados, com malícia refinada e sátira cruel, como mestras especializadas do vício... Dir-se-ia que foi para elas que Dante escreveu aquelas terríveis palavras: “Renunciai a toda esperança!” Não, nenhuma esperança lhes resta. Que fiquem enfermas e vão parar no hospital?

Ali não podem receber visitas, nem de parentes nem de amigos e conhecidos; todos os doentes têm o consolo de ver, pelo menos duas vezes por semana, as pessoas queridas, todos, menos elas; e quando podem deixar o leito por algumas horas, as irmãs de Caridade lhes obrigam a executarem trabalhos grosseiros: essa é sua convalescença.

Sigamos adiante... vês? Outra casa de lenocínio e outra miserável à porta pedindo uma esmola ao vício. Considere bem todo o horror da existência dessas mulheres. A mulher! O ser que nasceu possuído do mais doce sentimento, o da maternidade; que desde pequena ensaia seu papel de mãe ninando e arrumando sua boneca, vestindo-a, desnudando-a, arrumando sua casinha, preparando-lhe os utensílios de cozinha, fazendo sua comidinha, vendo-se em todas as suas tendências e aspirações a ordem do lar abençoado e sua divina missão maternal...

A prostituta é a negação de tudo isso, a contradição viva da natureza feminina. Nela, nada resta da mulher senão um organismo de barro, mais ou menos belo, mais ou menos grosseiro na forma. A sua mente, poderia se dizer que é um deserto de ideias, se nela não dominasse um desejo, melhor dizendo, um instinto, da exploração, do engano e, muitas vezes, do crime... Queres infortúnio maior? Nascer para ser anjo primeiro, santa depois, com essa santidade sublime da maternidade, e converter-se no ser mais abjeto e degradado, sem vontade, sem liberdade, ao ponto de, quando alguma dessas desventuradas rompe violentamente suas cadeias, a autoridade civil obrigá-la a voltar ao seu cativeiro, entregando-a à sua dona, que recolhe ansiosa a escrava rebelde que, fugindo da sua tirania, lançou-se por uma porta da rua. Queres maior desventura humana?

— Não quero ver mais; dou-me por convencida! — disse Clara, tremendo convulsivamente —. Que horror! ... Meu marido falou-me algumas vezes dessas infelizes, mas suas palavras não me causaram a impressão dolorosa

que produzem as tuas. Tens razão; em comparação com essas desventuradas, eu sou feliz!... Minha alma sedenta de carinho encontrou sua alma gêmea. Quando o sacerdote abençoou nossa união, encerrei-me com meu amor em um ninho muito pobre, é verdade, mas onde nunca chegou um olhar malicioso que pudesse profanar nossa ventura. Ao morrer meu esposo, seu único rogo foi para que não desse padraсто a seus filhos; rogo inútil, porque para mim já não havia homens no mundo. Careço de tudo, é certo, mas tenho o direito sagrado de não separar-me de meus filhos; abraçada a eles entrego-me ao sono, e suas carícias me despertam; quando estão doentes sou sua enfermeira e a caridade entra em minha choça deixando-me o mais indispensável para alimentá-los. Quando tudo me falte, quando a desesperação murmure em meus ouvidos palavras de morte, virei pelo pensamento a esta rua e contemplarei as escravas que a noite me deu a conhecer.

Acompanhei Clara, até deixá-la em casa. Nunca vi seu rosto mais satisfeito do que quando seus filhos disputavam suas carícias. Todos queriam ser os primeiros em lhe dar um abraço e dizer que foram admitidos na escola, onde além de lhes ensinarem as primeiras letras, lhes dariam a comida do almoço.

Clara deixou-se acariciar pelos filhos, e me olhou de modo muito significativo.

Quanto, quanto me disse seu olhar!...

Muitos seres que crêem ser os mais infelizes do Universo, se consolariam se soubessem resolver o *grande problema* de saber ver.

Há tantos lugares de expiação! : os prostíbulos, os presídios, os hospitais, os asilos de beneficência, os tugúrios dos mendigos, etc., etc., que, bem considerado, ninguém tem o direito, ninguém pode dizer em absoluto: “Não há dor que se iguale à minha dor”.

17 PRÓLOGO DE UMA HISTÓRIA

Em uma conferência espírita, chamaram-me a atenção uma mulher de idade regular e uma menina de uns doze anos: a primeira, o tempo todo se entregava ao sono, enquanto a menina escutava atentamente a discussão dos vários temas em renhida controvérsia.

A mulher estava probremente vestida, mas a menina ostentava um traje modelo de elegância e de riqueza. Nada mais belo do que seu vestido de veludo negro, adornando de arminho, o chapéu branco, de finíssimo castor, com longas e penteadas plumas cor de neve, que lhe descansavam sobre os ombros como uma carícia, enredando-se às vezes, com seus dourados e flutuantes cabelos encaracoladas.

Não sei porque, o luxo daquela menina me fazia mal. Tinha vontade de falar-lhe, e ao mesmo tempo o temia; mas foi maior meu desejo do que o temor e, uma noite em que consegui sentar-me junto dela, soube que se chamava Pura e que não tinha pais; que uma senhora muito boa encarregou-se de educá-la; que estava em um colégio semi-interna e, à noite, sua protetora, que a queria muito, a fazia acompanhar ao teatro, ou aonde a menina desejasse, por aquela mulher que merecia toda a sua confiança.

— Por que preferes — disse-lhe — vir aqui a ir ao circo de cavalinhos ou ao teatro?

— Porque aqui aproveito mais: tomo conhecimento dos direitos da mulher e é o único local que me agrada e onde sofro menos.

—* Sofres?... mas que te falta? Dizes-me que tens todas as comodidades, que teu quartinho é encantador; que teu leito é precioso, coberto de branquíssima tapeçaria, com lindos laços de fita; que no colégio não te obrigam nem te hostilizam para que aprendas; que nos dias de festa passeias onde desejes; que queres mais?

— Quero ter minha mãe!

E, ao dizer isso, os olhos de Pura se inundaram de lágrimas.

—Tens razão, minha filha: não há prazeres, nem riquezas, nem afagos que possam encher o imenso vazio deixado pelo coração maternal.

— Reconheço que nada me falta e, no entanto, parece que me falta tudo. Sem poder explicar a causa, tenho medo, muito medo, muitíssimo, e quisera colocar-me sob o amparo da autoridade.

— Não te compreendo.

— Nem eu tampouco sei o que quero. Sucedem-me umas coisas tão raras... À noite (não se ria) ouço a voz da minha mãe que me diz: “Fuja!... fuja, minha filha!...”

— Isso ouves sonhando, não duvides.

— Não, senhora, desperta e bem desperta. De dia a ouço também, e sempre me diz a mesma coisa: Fuja!... fuja, minha filha!...

— Pois creio que serias uma ingrata se abandonasses tua protetora.

Pura olhou-me fixamente, de um modo tão especial, que li toda uma história de lágrimas em seu olhar. Quis falar, mas sua companheira despertara e a menina mudou o rumo da conversação, fazendo-me um sinal de inteligência, como se quisesse dizer-me: Por hoje não posso falar mais.

Olhando-a com mais atenção, observei que seus grandes olhos estavam rodeados de um círculo violáceo, e o rosto infantil não tinha o viço da criancice: estava lânguido, melancólico. No seu relato, devia ter me ocultado muitas e importantes coisas que quase adivinhei na palidez do seu semblante.

Há seres que atraem, que impressionam, que têm uma atração especial, e Pura, indubitavelmente, possuía esse inexplicável encanto.

Ao vê-la, a gente sentia desejo de chorar, apesar de vê-la engalanada e acompanhada de uma mulher tão humilde e carinhosa, que estava completamente às suas ordens. Mas eu via ali truncadas as leis naturais, porque uma

menina da sua idade vive sob a obediência de alguém, e Pura desfrutava de uma liberdade inacreditável. Ela não tivera infância: do berço passou bruscamente para a juventude, e aquele salto violento havia comprometido seu débil organismo. Pobre menina!

Quando saiu estreitou a minha mão entre as suas, com verdadeira efusão.

Esperei, impaciente, a próxima conferência para vê-la. Fui mais cedo do que de costume; sentei-me onde ela se sentava, e aguardei; mas foi em vão, porque Pura, que nunca faltava, naquela noite não compareceu.

Que lhe teria acontecido? Estaria enferma?... Tampouco apareceu na conferência seguinte. Alguns meses transcorreram, e ninguém mais viu Pura. Perguntei, indaguei, inquirei, e soube que Pura... queria ser tão pura como o seu nome.

Soube que sua protetora era uma dessas mulheres abomináveis, para quem seria recompensa merecida, se existisse, o inferno da religião católica: mulheres degradadas, infames, sem coração, que se enriquecem com o tráfico de brancas, causando mais danos à Humanidade do que todos os répteis que se arrastam na terra.

Pura, embora tarde, compreendeu que tinha aberto um abismo aos seus pés, e escutando, sem dúvida, a voz da sua mãe, pediu ao governador que a amparasse, abrigando-a onde um beijo impuro não manchasse seu rosto, e entrou em um Asilo de órfãs, renunciando à sua liberdade e ao seu luxo. Mas Pura é muito bela, muito distinta: seus olhos grandes prometem um céu de felicidade. Sua protetora alega direitos sobre a órfã, dizendo que sua genitora a entregou, pouco antes de morrer, mas Pura prefere vestir um hábito religioso a cair num abismo. Quem vencerá?

Qual será o destino de Pura?

Não era em vão que ela me inspirava compaixão tão profunda; pobre menina!

Sempre recordarei a atenção com que escutava todos os oradores espiritistas, e as demonstrações de entusiasmo com que ouvia toda ideia nobre e progressista. Eis aqui um espírito que se livra de cair na degradação; sozinho se levantou, sozinho fugiu do contágio e procurou a senda da virtude.

Tudo quanto a rodeava, lhe induzia a cair; mas quando a alma se decide a progredir, nada a detém, nada a impede de alcançar o triunfo.

Qualquer que seja a sorte que a espera, terá ela sempre a seu favor o passo que deu, fugindo do precipício para conservar puro seu nome.

Ditoso aquele que, à beira do abismo, sabe, como Pura, levantar-se e dizer: “Preferível a morte, a orfanda- de e a pobreza, a uma história de infâmia”.

Belo é o prólogo da história de Pura!

18 O CEGUINHO

Durante longa convalescência de uma grave enfermidade que nos afligiu há tempos, passeávamos diariamente pelos formosos jardins do Bom Retiro, ocasião em que nos tomamos muito amiga de uma graciosa jovem, filha de um dos guardas, que encontrávamos todas as manhãs em uma praça, perto de sua casa, cosendo, afanosamente, a roupinha de uma criança que, passados alguns meses, a chamaria com o dulcíssimo nome de mãe!...

Joana, sem ser bonita, era uma dessas mulheres de semblante expressivo, olhar magnético, bastante instruída e, sobretudo, adornada de belíssimos sentimentos. Fizemo-nos íntimas amigas, porque sentíamos que ela também se alegrava com a nossa amizade e gostava quando falávamos de seu marido, intrépido marinheiro,, então ausente.

Certa manhã, passeando com nossa jovem amiga, chegamos à praça que lhe servia de local de trabalho, e lhe dissemos:

— Como se percebe que você gosta deste lugar! E, por certo, não é um dos mais agradáveis do Retiro. Este lugar parece sombrio, triste...

— É verdade.

— Cometeu-se aqui algum crime?

— Não que eu saiba, sei apenas que aqui morreu de pesar um menino cego.

— Um menino cego?

— Sim, um menino cego. Pobrezinho!

—» E como foi isso?

— O que vou relatar-lhe é rigorosamente histórico; pode perguntar à minha mãe e à toda a família. Apenas ninguém se interessou tanto como eu por aquele pobre ser e, talvez, dirão que o ceguinho morreu casualmente, porque tinha que morrer. Mas eu, que o tratei, e estudei muito seu caráter, estou certa de que morreu de pesar.

— Com este preâmbulo, você está despertando poderosamente a minha atenção.

— Não acredite que seja uma história muito interessante, embora o seja para mim, porque, em pouco tempo, tomei muito carinho por aquele inocente.

— Bem, bem, comece seu relato.

— Casei-me há cerca de dois anos e, depois de alguns dias, meu marido viajou. Fiquei muito triste, e gostava deste lugar retirado para ler, sozinha, as cartas do meu esposo. Certo dia, depois das doze horas, como de costume, vim sentar-me neste mesmo banco e surpreendi-me de aqui encontrar um menino. Ao perceber meus passos, e acompanhando-se de um pequeno órgão que portava, fez ouvir sua voz doce, cantando melancolicamente:

Del pobrecito ciego la pena consolad! Sentid de amor el fuego Y haced caridad!

Al pobre pequenito que no ha visto la luz, ayudadle um poquito para Uevar su cruz!

Consuelo necesita quien vive en el dolor; dadme una limosnita con carino y amor! ⁵

Eu que, então, estava sempre disposta a chorar, ao escutar aquelas palavras, chorei, e beijei repetidas vezes o pobre ceguinho.

—i Que idade teria?

— Não sei! O pobrezinho era de uma constituição raquítica e parecia menor do que, em realidade, o era. Vestia-se decentemente. Era branco como a neve. Seus cabelos, quase brancos, de um loiro puro; seus olhos grandes, negros, mas sem brilho, sem vida, abertos, fixos, pareciam os olhos de um morto. Tinha a cabeça muito avultada; suas mãos e pés eram extraordinariamente pequenos. Deixou acariciar-se e, ao perguntar-

lhe como se chamava:

— Não sei — respondeu com voz triste.

—* Tens mãe?

— Não sei.

— Tens pai?

— Não sei.

— Quem te trouxe aqui?

— A mulher boa.

— Gostas dessa mulher boa?

— Sim, porque me trouxe ao Bom Retiro. É verdade que isto é o Retiro?

— Sim, meu filho. Que queres fazer no Retiro?

— Olha, cantar — e tomou o menino a repetir sua melancólica canção.

— Vem comigo — disse-lhe. Tomei-o pela mão e levei-o para minha casa. Minha mãe ficou penalizada; fez-lhe muitas perguntas e a tudo respondia: “Não sei”. Minha mãe dizia: “Este infeliz é tonto e deve ter fugido da sua casa; cuidemos dele até que alguém o reclame e, se não aparecer ninguém, daremos ciência às autoridades, para que cuidem dele”. Eu disse, então, que se ninguém o reclamasse, ele ficaria conosco. Para me agradarem, meus pais consentiram. A fim de não cansá-la, direi que ninguém reclamou aquele des-venturado, apesar dos avisos que meu pai colocou nos jornais.

—* E ele não se impacientava?

— Não, não; coloquei uma caminha junto à minha cama e ele dormia muito tranquilo.

Pela manhã lhe perguntava:

— Onde queres ir?

— Onde estava ontem — dizia-me, sorrindo.

Passaram-se muitos dias e ninguém se apresentou para reclamá-lo. Desejava-o tanto que me alegrava por ninguém ter vindo e, como era um ser tão inofensivo, não estorvava minha família.

Comia muito pouco; um passarinho podia levar seu alimento no bico.

Fazia-lhe mil perguntas, mas, o infeliz, sempre me respondia vagamente. Via-se que era meio idiota, ou talvez, pelo muito que deveria ter sofrido, o pobre estava como desmemoriado.

Posso dizer-lhe que estava muito contente com ele, e que meu marido escreveu-me dizendo que estava muito contente comigo.

Uma tarde, quando estávamos os dois aqui sentados, vieram algumas meninas, com suas amas, e se puseram, a brincar de roda. O ceguinho, tomando seu pequeno órgão, iniciou sua canção costumeira.

As meninas, vendo-o, quiseram fazê-lo alvo de suas brincadeiras. Eu já estava me incomodando, quando uma delas, a mais crescida, à qual as outras chamavam Albertina, acercou-se do menino, olhou-o atentamente e exclamou:

— Calai, tagarelas! Pobrezinho! Ele não é feio! Verdade que não é feio?

E passou-lhe a mão pelo rosto, perguntando-lhe o nome.

O menino fez um esforço, como se quisesse recordar algo; moveu a cabeça e não respondeu. A menina reiterou sua pergunta, acariciando-o e, então, ouvi que dizia, em voz muito baixa: — chamo-me João.

Ao ouvi-lo responder tão corretamente, alegrei-me muitíssimo. contei à menina o que ocorrera com o infeliz e, desde aquele dia, todas as tardes, as meninas vinham

brincar naquele lugar. Albertina fazia o ceguinho brincar com elas; tomavam-no pela mão e o faziam dar voltas na roda, enquanto ele cantava, com uma voz expressiva e tema, que dava gosto ouvi-lo.

Durante mais de um mês, aquelas meninas vieram todas as tardes. João parecia que ia recobrando a memória e contava-me muitas coisas, embora confusamente. Na minha opinião, haviam-no roubado de sua casa, fazendo-o mendigar, porque me contava umas histórias da mulher má e da mulher boa, que eu não entendia.

Eu o deixava falar, para ver se sua inteligência adormecida despertava, chamando-me a atenção o fato de que, durante o sono, chamava muitas vezes por Albertina. contei à menina, e ela exclamou:

— Pobrezinho! Vê-se que me quer muito, e eu também o quero. Tenho muita pena!

Certo dia, vieram como de costume, e Albertina deixou-se cair no banco, dizendo a João: — Não quero que brinques hoje, porque estou mal e não posso brincar; estas loucas te deixariam cair.

— Estás mal? — disse o menino.

— Sim, estou mal. Parece que as árvores andam e se não fosse por ver-te, não teria vindo.

João não respondeu, mas chorou silenciosamente. Albertina, que era uma menina que refletia, disse-lhe com ternura.

— Não sejas bobo, não chores; amanhã estarei boa, e correremos muito. Hoje vais cantar muitas coisas para mim.

Nunca os esquecerei. Parece que ainda os vejo sentados neste lugar. Ela o acariciou muito e fê-lo cantar. Ele cantou sua canção costumeira e outras que eu nunca havia ouvido, mas, com voz tão triste e tão sentida, que eu e Albertina o cobrimos de beijos, parecendo-nos que cantava um anjo.

Por fim, a menina se foi, repetindo várias vezes: — adeus, João! até amanhã!

Mas aquele amanhã não chegou. No dia seguinte, as meninas vieram, mas Albertina teve que ficar na cama. João não quis brincar. Passaram-se alguns dias sem que as meninas viessem, e João deixou de se alimentar.

Parecia incrível que aquele infeliz pudesse viver. Por fim, uma tarde, vimos quando chegaram vestidas de branco, como de costume, mas com faixas negras e gaze preto nos chapéus de palha. Albertina não veio; sal-tou-me o coração, e perguntei por ela a uma das amas.

— Minha mãe me disse que ela foi para o céu — respondeu uma das meninas.

— Morreu — disse a ama, com tristeza. Que menina infeliz!

João, que estava agarrado à minha saia, soltou-se, deu um grito horrível, e caiu no solo para não mais levantar-se. Estava morto.

Fiquei doente de tristeza; impressionei-me demais. Parecia incrível que um ser, aparentemente tão pequeno, pudesse ter tanto carinho e sentir tanto. Pobrezinho!

Que dias passou antes de morrer, sem se alimentar e chamando Albertina durante a noite!

Às vezes, parece-me que ouço sua voz; se aqui venho ao amanhecer, creio mesmo vê-lo e escuto sua triste canção. Meu marido disse-me que, se não fosse um menino, teria ciúmes, tão viva está sua lembrança em minha memória. Pobre ceguinho!

Comoveu-me muito o relato da nossa jovem amiga e, pouco depois, quando conhecemos o Espiritismo, tivemos oportunidade de ler as seguintes, e inspiradas, linhas:

“O menino cego, esquecido por todos, em outra existência subiu os degraus de um trono, e o espírito conhecido na Terra com o nome de Albertina foi sua esposa, o anjo de amor encarregado de regenerar aquele espírito indomável e rebelde, que recusava ternura e sentimento. O mendigo de hoje, monarca poderoso ontem, dono do seu livre arbítrio, olhou com profunda Indiferença a abnegação e santa ternura da sua companheira, que se entregou a mais austera penitência

para servir de vítima expiatória e aplacar a cólera provocada pelos grandes desacertos do seu régio consorte, e, enquanto este era o terror dos seus vassalos, ela morreu de pena, crendo que seu adorado esposo se condenaria por toda uma eternidade.

O feroz monarca, ao deixar a Terra, compreendendo o valor do nobre espírito que não soube amar, e que só viveu para ele, se propôs a amá-la eternamente e buscá-la, em todas suas existências, para oferecer-lhe seu amor. Terrível é sua história e grande o seu débito.

Nas suas encarnações, busca o seu anjo de redenção, e, em todas, o encontra por breves instantes. Seus corações batem uníssonos alguns segundos e, depois... cada qual segue sua eterna viagem, até se encontrarem de novo em outra estação da eternidade.

Amai, amai aos meninos cegos, que, talvez, sejam os cegos de outras épocas!

Amai, que amando os engrandecereis!

Amai, que amando os regenerais!

Amai, que amando purificareis a atmosfera viciada do vosso Planeta!

Amai, que amando saneais o pântano das vossas misérias, e dais novas condições de vida ao vosso triste cárcere da Terra!

Amai, amai, porque o amor é o verdadeiro batismo das almas!"

É certo; o amor universal será o que, um dia, regenerará a Humanidade!

19 DUAS ALMAS VESTIDAS DE LUZ

Os que alardeiam sentir pela Humanidade o mais nobre e desinteressado dos amores, os que predicam por ruas e praças os mandamentos da lei de Deus, quando vistos mais de perto, quando tratados com alguma intimidade, à semelhança dos castelos de cartas que com um só sopro se desfazem, ou a bolhas de sabão que, quanto maiores

se formam, mais depressa se rompe seu cristal de espuma, assim também muitos pregadores, muitos apóstolos de novas e regeneradoras ideias, convertem-se em criaturas hipócritas, em sepulcros caiados, em fariseus, ou seja, rezadores de ofício, não restando, de suas decantadas virtudes, mais do que a triste e desconsoladora realidade de seus muitos defeitos. E isto acontece em todas as classes sociais. À semelhança de Diógenes, que ia com uma lanterna pelas praças de Atenas, à luz do sol do meio-dia, procurando um homem, assim também o espírito fatigado se deixa cair dizendo: Quanta sombra! Os raios de sol, apesar de tão potentes, não podem iluminar os antros tenebrosos de tantas consciências adormecidas no sonho do crime.

De minha parte, confesso ingenuamente que não me canso de procurar almas boas. Não posso convencer-me de que a Terra seja um covil de víboras, pois creio que, se assim fora, seria impossível resistir às más influências de tantos espíritos perversos para as almas que, desejosas de progresso, não tenham cometido grandes desacertos há alguns séculos.

Creio que, assim como se procuram as minas de ouro e de diamantes nas entranhas da terra, e as pérolas e os corais no fundo do mar, de igual maneira, para se encontrar as virtudes, não deve alguém se contentar com as que afloram à superfície social. Deve-se ir além, subindo às alturas dos palácios e das classes privilegiadas, porque os que vivem fartos, se do que lhes sobra dão algumas migalhas, não é nenhum sacrifício, não é nenhum feito heróico, que mereça ser gravado em mármore e em bronzes. Por outro lado, o pobre que carece do mais necessário, do mais indispensável, se se lembra dos que não têm pão, e se apressa em repartir com o desventurado sua escassa ração, este é digno de louvor, deste se pode dizer que cumpre estritamente as leis humanas e divinas.

Eu que, nesta existência, rendo culto ao progresso e sonho com uma Humanidade regenerada, busco, sem

descanso, os seres virtuosos para seguir seu exemplo. Se não tenho sua força de vontade, nem seu generoso desprendimento, apresso-me, em compensação, em relatar os feitos mais culminantes de sua ignorada história, para que outras almas se impressionem e sigam pelo mesmo caminho daqueles heróis ocultos. Há muitas almas muito boas, boníssimas, mas que, semelhantes às violetas que se ocultam humildemente entre as folhas, assim passam completamente despercebidas em sua modestíssima posição social.

Conheço duas mulheres do povo, e as conceituo como duas almas vestidas de luz. As duas vivem na maior miséria e carregam a cruz da sua expiação com a resignação do mártir; têm filhos que reclamam suas carícias e, conquanto esteja desenvolvido nelas o puríssimo sentimento da maternidade de modo admirável, as duas disseram: — Sejam nossos filhos todos os que choram — e, com abnegação sem limites, com constância a toda prova, quanto bem fizeram estas duas mulheres ao desvalidos!

As duas acodem aos hospitais, as duas visitam as crianças e outros enfermos, mas os pequeninos com preferência. As duas pedem roupa para o desnudo e pão para o faminto; e o fazem com tão nobre impulso e com tanta esperança, que não há quem resista às suas súplicas.

Ultimamente, falei com uma delas, e quanto aprendi ouvindo-a! Que lição me deu! Falava-se da propaganda espiritista e disse-me ela, seriamente:

— Creia-me, o Espiritismo não está tão propagado como deveria, porque não há espiritistas; não, senhora, não os há. Não negarei que há muitos que escrevem, e escrevem coisas muito boas, de muita instrução, de grande interesse, mas à palavra escrita há que se unir a ação. Eu que sou uma ignorante, que para compreender o que leio devo ler um parágrafo cem vezes, quando vou ao Hospital e ao Cárcere, os enfermos de ambas as partes, porque (para mim) um criminoso é como um enfermo que

tem tifo ou varíola, e ainda em piores condições, porque dos males do corpo se pode livrar, mas os da alma nem no campo santo se deixam, posto que aqui só fica um montão de ossos e o espírito reencontra seus vícios ao chegar ao espaço, se não pôde, ou não quiz, desprender-se deles; pois bem, quando vou ao Cárcere ou ao Hospital, deverías ver com que alegria me recebem aqueles infelizes!... E não é porque lhes leve muita coisa, pois você sabe que não há quem ganhe para a pobre de mim; mas, a uns e a outros, falo do Espiritismo, conto-lhes as comunicações que escuto no Centro Espírita, digo-lhes, segundo meu alcance, o que devem fazer para diminuir a carga da sua expiação. Ah! se visses quão contentes ficam!... Não querem que os deixe, sempre lhes parece que chego tarde e vou-me cedo. Que olhares os daqueles infelizes! Eu creio que os enfermos e os presos olham de outra maneira. Quanto dizem seus olhos!... Saiba você que, se eu, que sou uma infeliz, que não tenho onde cair, que não lhes posso levar nada que valha uma peseta, que não tenho instrução nenhuma, que não possuo o dom da eloquência, os consolo com minhas visitas e lhes dou ânimo com minhas palavras, o que não fariam os espiritistas que têm bens de fortuna e que possuem profundos conhecimentos? Pois fariam, creia-me, uma verdadeira revolução social. Não tenhas a menor dúvida, se os espiritistas quisessem, quanto bem fariam ao infelizes! senhora; se eu o faço, eu que sou a última palavra da crença; mas digo: se falando e pedindo posso vestir um desnudo e dar de comer a um faminto, falarei a tempo, e fora de tempo, como dizia São Paulo; a questão é servir para alguma coisa, e não retornar ao espaço da mesma forma que vim.

A quantas considerações se prestam os argumentos usados por esta mulher do povo!

Quanta razão tem ela! É nos antros da dor que os espiritistas deveríam ir pregar a boa nova, ali onde tudo é sombra e onde deve brilhar o sol esplendoroso da

verdade suprema. Mas, escasseiam tanto na Terra as almas vestidas de luz!

A mansão predileta dos justos não é uma penitenciária. Cabe a nós sanear estes pântanos insalubres, arrotear a terra endurecida, abrir novos caminhos, cortando os espinheirais. Temos à nossa disposição tempo sem fim, inteligência perfectível em vias de completo desenvolvimento e provas inegáveis da vida de além-túmulo.

De minha parte, farei quanto me seja possível para seguir as pegadas de duas mulheres do povo, que me ensinaram a sentir compaixão. Sempre que as vejo, não aparecem aos meus olhos com seus humildes trajes, pois suas virtudes as transfiguram, e quando se afastam parecem que vão envoltas em túnicas flutuantes de tule impalpável que tem todas as cores do arco-íris; quando desaparecem, quando delas só resta um vago esplendor, escuto uma voz que murmura docemente aos meus ouvidos:

— Benditas sejam as almas vestidas de luz!

20 POBRES OS MENINOS

Mendigamos nosso sustento em encarnações passadas? Teremos que implorar a caridade pública em nossas sucessivas encarnações futuras? Recordamos ou pressentimos? Contemplamos o nosso passado ou adivinhamo o nosso futuro? Por que olhamos com tanto cuidado os meninos pobres? Por que espreitamos seus sorrisos, correspondemos às suas conversas e nos interessam, tão intimamente, os menores detalhes da sua vida?

Este sentimento vivo de profunda compaixão deve obedecer a uma causa, deve ter sua razão de ser, porque se vemos tantos quadros tristes no mundo, nenhum não nos interessa tanto como o dos meninos esfarrapados que pedem uma esmola tristemente.

É muito doloroso ver um velho tremendo pelo frio dos anos e oprimido pelo enorme peso das suas desventuras, e isso bastaria para nos comover, no entanto, confessamos ingenuamente nossa fraqueza: os meninos pobres são os que mais nos atraem, sentimos por eles algo que não podemos explicar nem definir.

Na infância, tudo é belo e nos agrada olhar os meninos ricos, embora os olhemos como uma coleção de figuras bonitas: apraz-nos sua gentileza, o precioso adorno das suas roupas; todavia, não nos sentimos atraídos a ler em seus olhos a história palpitante de sua alma. Por outro lado, os meninos pobres são para nós um livro de estudo que suscitam, em nossa mente, um mundo de considerações filosóficas.

Conhecemos um pobre cego, que tem três filhas. De uma delas nos ocupamos extensamente, há tempos, em artigo que lhe dedicamos, intitulado *Amparo!* Depois, conhecemos a filha maior, pálida menina que conta oito anos, e, ultimamente, conhecemos a menor, que faz duas primaveras que está. neste mundo. Dolores, ela se chama, *dores* revelam seus olhos formosos e *dores*, sem dúvida, veio buscar na Terra.

Regressávamos certa noite à nossa casa, e o vento forte levantava uma nuvem de pó impalpável. Um menino colocou-se à nossa frente, dizendo-nos docemente:

— Dá-me uma esmola para o pai de Amparo.

Olhamos o menino e exclamamos: — Que dizes criança?

— Eu a conheço — replicou o menino sorrindo — você é a senhora que dá muitos beijos à minha prima Amparo; olhe, aqui está seu pai.

Efetivamente, o pobre cego estava parado junto a uma esquina. Falamos-lhe e, no momento nos reconheceu e nos disse:

— Olha, é minha Dolores.

E nos apresentou uma menina que tinha nos braços. É muito parecida com Amparo, e com gracioso abandono reclinava sua cabeça no ombro do autor dos seus dias. Beijamo-la, e a pequenina nos olhou com alegre

curiosidade. Observamos satisfeita que estava envolvida em uma capinha de lã, cujo capuz resguardava do frio a cabeça daquele pobre ser, que, ao chegar à Terra, reclinava seu rosto no ombro de um mendigo cego.

Que quadro triste! Mas, de uma triteza doce, comovedora! ... Parece que ainda o vemos! Um homem jovem, na fase mais formosa da vida, pois terá uns trinta anos! Olhos hermeticamente fechados, um sorriso nos lábios e resignação no semblante! Uma menina em seus braços que contaria dois invernos, repousando tranquila e risonha no peito daquele desventurado, e um pequeno, de uns oito abris, reclamando a atenção dos transeuntes para os dois desventurados seres!

Gostamos muito de conversar com este pobre cego, e dissemos-lhe:

— Como se atreve a andar pela rua com esta pobre criatura, diante do frio que faz?

— Não se preocupe: minha mulher não dorme para arrumar a roupinha de seus filhos, porque é do que não tem, e minha Dolores está muito bem abrigada; além disso, é ela que quer vir comigo. Se está mais afeiçoada ao seu pai é coisa que não podes imaginar.

— Mas eu não sei: teria medo, temeria que me caísse dos braços.

— Alguém vela pelos filhos dos pobres, senhora, e estou certo de que, comigo, aos meus filhos não acontecerá nenhuma desgraça.

— Você tem muita fé... ! isso o salvará!

— Como não hei de tê-la! Se vejo o quanto a sorte providencial me favorece, embora para mim seja sempre noite! Do mais, não posso queixar-me. Tenho uma boa mulher, muito boa, filhas boníssimas, que nunca choram, nem se impacientam, nem se desesperam, embora passem dias e dias comendo pão frio e pão quente.

— Pão frio e pão quente?

— Sim senhora, pão com sopa e pão a seco. Têm um delírio por mim e preferem minha companhia a tudo. Esta pequena vive em meus braços e com ela não me

lembro da minha desgraça. É verdade que estou cego no auge de minha vida, mas considero que não se pode ter tudo neste mundo.

— *i* Certamente, você tem razão; não se pode ter tudo na Terra, e se você se sente amado assim, quase pode-se crer feliz.

— Sim, sim, senhora! Quando Dolores dorme, como agora deve estar dormindo, e encosta seu rostinho no meu, o calor do seu hálito parece que me reanima e me dá tino para andar, mesmo que eu siga sozinho com ela, como o farei esta noite. Quero que meu sobrinho vá já para sua casa.

Efetivamente, o menino se foi, e o pobre cego continuou:

— Pois sim, quando vou com minha Dolores, não se preocupe que eu dê um só tropeção. Vai, boa noite.

O resignado mendigo caminhou com passos ligeiros e, enquanto o olhávamos distanciar-se murmuramos:

— Que história terão esses espíritos! Aí vão entregues aos braços do destino! Ele cego... ela tão pequenininha! Mas os dois se amam e onde reina o amor a luz irradia.

Seguindo nossa espécie de monomania, outra noite nos fixamos em quatro meninos, dos quais o maior teria nove anos. íamos com uma jovem, de belíssimos sentimentos, que havia comprado um pão e que, ao ver um pequeno que lhe pedia esmola, se apressou em dar-lhe o pão. Este, feliz com sua fortuna, acelerou o passo, sem dúvida, para que seus irmãos não reclamassem sua parte no festim; mas o rapazinho foi castigado, no mesmo momento, pelo seu egoísmo, porque o pobrezinho tropeçou e caiu, machucando o rosto. Nossa amiga se interessou vivamente pelo pequeno egoísta e nos detivemos até restabelecer a paz entre aqueles traquinas. Enquanto durou o convencimento, tivemos ocasião de falar com o maior deles, que nos chamou a atenção por suas respostas razoáveis e seu modo de agir. O pobre que se machucou, tinha a carinha cheia de sangue. Seu irmão tirou-lhe o lenço que levava ao redor

do pescoço para limpar-lhe o rosto e, diante disso, minha amiga protestou.

— Por que lhe tiras o lenço do pescoço? Não vês que se constipará? Limpa-o com a blusa.

— Pois sim — disse o jovem zangado. Saiba que hoje todos os quatro estamos estreando estas blusas, além de gorros e alpargatas, que custaram quatorze pesetas, e estas quatorze pesetas custaram muito suor à minha mãe. Você quer que se limpe com ela para manchá-la? Não faltava mais nada, quando minha mãe quer guardá-la só para um grande dia.

Nossa amiga levou o menino a uma fonte vizinha para lavar-lhe o rosto, enquanto continuamos falando com o chefe daquela infantil família que nos disse, ao perguntarmos se tinha pai:

— Sim, senhora, tenho; mas tem uma das mãos doente e não pode trabalhar. A pobre de minha mãe tem que fazer o trabalho dos dois. Cuida de meu pai, de um outro enfermo, e nos manda à rua para ver se recolhemos algum dinheiro. Hoje andamos muito...

Muito!... e não ganhamos mais do que o pedaço de pão que essa senhora deu ao meu irmãozinho.

Nossa amiga pacificou o quanto pôde os pequeninos, dando-lhes, novamente do manjar dos pobres, conhecido pelo nome de pão. Fiz que dessem as mãos e os vimos partir agradecidos, murmurando:

— Pobres seres! Na infância, quando tantos cuidados são necessários, tantas precauções, a miséria os arroja na rua e os expõe a toda classe de perigos. Têm uma mãe que os ama, que se compraz em vesti-los com tanta limpeza e que, depois de contemplá-los, com profunda tristeza, sem dúvida, dirá:

— Ide, filhos meus, mendigai vosso sustento, pois ainda sois pequenos e não podeis trabalhar.

Os pobres meninos se aventuram, cruzam as ruas da cidade populosa, se salvam por milagre de morrerem atropelados entre as rodas de um carro, regressando, à

noite, para seu lar, fatigados, sem que um olhar caridoso haja se fixado neles.

Que meninos infelizes! Se recebem os beijos de uma mãe, estes beijos estão umedecidos pelas lágrimas! Para os meninos pobres não há infância! Um pequenino de nove anos tem de pensar no valor do dinheiro e no cuidado com a roupa. O mais leve prazer lhe é negado.

Sempre recordamos com profunda pena duas crianças de sexo diferentes, muito pobres e muito boas, que vimos crescer entre lágrimas. Ela se chamava Lola e ele Júlio. Um dia, encontraram na rua um cãozinho recém-nascido, e levaram-no para casa muito contentes, enrolado em um lenço de Lola, e disseram à sua mãe:

— Olha, mamãe, temos um companheiro para brincar; o criaremos com leite.

Sua mãe os olhou tristemente e disse:

— Meus filhos, pobres como somos, não podemos aumentar os gastos; se não tenho pão para vós, terei muito menos para esse pobre animal.

As duas crianças se olharam, falaram entre si, e, por fim, Lola disse:

— Olha mamãe, nos das pão e leite pela manhã, deixamos repartir nossa ração com o nosso cãozinho.

Depois de o terem trazido, quem terá coração para tirá-lhes? Sua pobre mãe aceitou e o cãozinho abandonado é, hoje, companheiro inseparável dos dois pequenos. O mais gracioso deste simples e verídico caso, é que, no mesmo dia em que as crianças levaram o cãozinho, uma formosa gata, que era o passatempo das crianças, deu à luz quatro gatinhos, e Júlio, vendo o que aquilo representava, disse gravemente:

— Olha mamãe, à gata não deixaremos mais que um gato, e em lugar dos três gatinhos poremos o cãozinho, porque é preciso que ela também nos ajude na boa obra. A bem da verdade, a dócil gata não defraudou as esperanças de Júlio, repartindo seus cuidados entre seu filho e o protegido dos meninos. Nada mais doce, mais

comovedor e mais alegre, a uma só vez, que ver as crianças repartindo seu escassíssimo almoço. Lola dava uma parte de sua ração ao cãozinho e Júlio à gata, dizendo, muito formalmente, que sendo a gata a ama-de-leite do cão, devia estar bem nutrida. E aquelas inocentes criaturas para extravazar seu generoso sentimento, para difundir seu carinho, para satisfazer-se com o pão da alma, tinham que carecer do pão do corpo. Há episódios tão doces e tão tristes na história dos meninos pobres!

Os espíritos não se permitem nem uma hora de descanso. Vêm à Terra para ganharem muitos séculos perdidos!

Têm uma herança de lágrimas!

Têm um passado doloroso!

Têm um futuro cheio de tropeços!

Pequeninos da Terra! Mendigos infantis! Que fizestes, ontem?

Por que tendes que viver hoje no seio da nudez e da fome?

21 SOMBRAS E LUZ

Perguntando a um espírita se fazia muitos anos que havia deixado suas crenças de criança, disse-me:

— Muitíssimos, porque, quanto às religiões positivas, observei o fruto que davam e, quanto ao catolicismo, bastou-me ver, para deixá-lo, o que vou contar:

Junto à minha casa, vivia um casal, honrado ao extremo. Marido e mulher, trabalhando dia e noite, lograram reunir um capital mais do que regular, que destinavam ao seu único filho, o jovem Jacinto, rapaz ingênuo que amava a seus pais e ao padre da igreja vizinha, a cujo lado estava quase sempre, servindo-lhe de coroinha, sineiro e camareiro de todos os Santos Cristos e Virgens que havia nos velhos altares. Tanto se afeiçoou às coisas da Igreja, que pediu permissão aos pais para entrar na Companhia de Jesus. Os pobres pais não se atreveram a contrariar sua vocação decidida, e Jacinto, cumprindo

seus desejos veementes, ausentou-se da terra natal para seguir seus estudos religiosos.

Seus pais, já de idade avançada, que o queriam com delírio, que haviam trabalhado sem descanso toda a sua vida para que o filho vivesse como um príncipe, ao verem-se sem ele, se entristeceram ao extremo. O pobre velho ficou prostrado na casa, sem poder dar um passo; toda a sua atividade, toda a sua energia, ficou reduzida à inanição mais completa, e, olhando sua atribulada companheira, dizia-lhe que a ausência de Jacinto o levaria rapidamente à morte.

Sua esposa escreveu uma carta ao filho ausente, rogando-lhe pelo céu que voltasse para ver e consolar seu pai. Mas o jovem jesuíta respondeu que já pertencia a Deus de corpo e alma, e que sua família da Terra havia morrido para ele.

Quando o infeliz pai concluiu a leitura da carta, à semelhança de Jesus, murmurou: “Perdoa-lhe, Senhor, pois não sabe o que faz”.

Em poucos dias, morria chamando o filho ingrato, inutilmente...

A esposa, ao ver-se sem marido e sem o filho amado, tomou a escrever a Jacinto, pedindo-lhe compaixão para a sua angustiosa soledade.

Esta carta obteve uma resposta não menos cruel do que a anterior. O jesuíta havia rompido todos os laços e parentescos que antes o uniam ao mundo, e seu coração pertencia inteiramente à Ordem, à Igreja e a Jesus.

Assisti aos dois enterros, e, diante das desastrosas consequências da ingratidão religiosa, continuei crendo em Deus, mas sem aceitar religião alguma. Acabou de separar-me delas um diálogo que tive com um jesuíta, que tinha fama de ser muito entendido, eloquente pregador e conselheiro, vinculado a muitas famílias ricas. Uma tarde, tive que ir a um colégio da Companhia, onde falando com o aludido discípulo de Loyola, depois de alguns circunlóquios e rodeios, disse-me:

— Tenho entendido que você é uma ovelha desgarrada, que não crê em nenhum mistério religioso e nega as sagradas revelações que formam a base da religião Católica Apostólica Romana.

— Efetivamente — respondi-lhe —; se pelo fruto se conhece a árvore, a religião católica é uma árvore seca, sem folhas, sem flores e sem fruto. Não dá sombra porque seus ensinamentos dividem e desnaturam a família. Não dá perfumes, porque seca as flores do sentimento. Não dá frutos, porque seus ministros têm de viver em um estado antinatural, fora das leis da Humanidade: o celibato é a violação da mais formosa das leis da Natureza. Infringi-la, violá-la, é o dever do clero secular e dos institutos monacais, cujo celibato não pode ser outra coisa do que pedra de escândalo, escárnio da Natureza e do voto.

O voto leva a ultrajar a Natureza, e a Natureza a passar por cima de votos antinaturais. Por isso a história do clero recorda a da prostituição, e a de muitos conventos as aberrações obscenas de Sodoma. A família é a base da sociedade, e o voto que obriga ao celibato é um rude ataque à organização e santidade

da família.⁶

Deixando este ponto, e passando para outra ordem de considerações, digo que é o absurdo dos absurdos o dogma das penas eternas. Deus, em sua glória, rodeado dos seus anjos, desentendendo-se do eterno tormento de uma grande parte de seus filhos, seria o horrível divinizado. Negar a Deus é mil vezes preferível a crê-lo tão monstruosamente cruel.

•— Meu amigo, — disse-me o jesuíta — suas palavras provam-me quão acertada esteve a Igreja em proibir, aos seus fieis, o estudo e até a leitura dos livros sagrados. Ao cristão basta *crer*. Só os ateus necessitam entregar-se à *perigosa mania de pensar* em que não entendem. Parece-lhe que as penas eternas são o absurdo dos absurdos, quando elas demonstram, de modo mais evidente, a

grandeza e a justiça de Deus. Ve- jamo-lo com exemplos práticos:

Um homem do povo, num ímpeto de ira, movido por aïguma paixão insensata, ou algum estímulo brutal, produz em outro da sua classe, uma ou duas feridas graves; é preso, processado e condenado a uns quantos anos de prisão. Que o ferido gravemente seja um dignatário da nação, um título ou um personagem influente! O agressor não pagaria com menos do que cadeia perpétua pelo atentado. E se o agredido é o Soberano? Oh! então o delinquente só com a vida paga o crime de lesa-majestade, não escapando do cadafalso e do verdugo. Pois bem. Que significa essa gradação de penas para um mesmo delito? Significa que a gravidade da ofensa e do castigo aumenta com a categoria do ofendido.

Não é, portanto, justo, que, sendo Deus o ofendido, o pecador expie etemamente seu pecado?

O jesuíta não compreendia, ou não queria compreender, que a justiça divina não admite comparação com isso que se chama justiça humana; que Deus não pode ser ofendido pela criatura; e que as faltas são apenas infrações à lei moral, que na mesma lei têm seu necessário corretivo. E este é o homem sábio? Este è o diretor espiritual que dispõe da tranquilidade de muitas famílias? Este é o mestre da virtude e guia das consciências...? Não quis perder tempo opondo meus argumentos aos seus, mas meu sorriso e a expressão dos meus olhos disseram-lhe com toda clareza que não havia logrado me convencer. Os argumentos do ateu são mil vezes mais lógicos.

Lá pelos anos de 1857 ou 1858, li as obras de Allan Kardec. Já faz meio século. Meditei sobre elas e, como se meu cérebro estivera envolto em múltiplos véus, parecia-me que iam caindo e deixando penetrar nele a claridade. À medida que avançava em minha leitura, meus pensamentos sucediam-se uns aos outros, cada vez mais luminosos. Como os magos dos contos orientais,

possuía uma varinha mágica, uma chave misteriosa, que abria todas as portas e penetrava nos lugares mais recônditos, antes inacessíveis aos olhos da minha alma. Desde então, minha amiga, sou espírita racionalista e, desde então, sei porque vivo, porque sofro, porque trabalho, porque espero, e creio na lei do progresso indefinido, sem o qual não poderia explicar-me a razão da vida. Não admito nem o mistério, nem o milagre. Para mim não há mais do que a ciência, disposta sempre a difundir os raios luminosos sobre aqueles que se consagram ao seu culto, pela investigação da Natureza, de suas leis e fenômenos. Duas ambições agitam meu espírito: quisera ser sábio para ser grande; quisera ser bom para ser justo.

Que recordação tão agradável deixou em minha mente o relato do meu bom amigo! Se todos os homens tivessem semelhantes aspirações, quão rápido se verificaria o progresso da Humanidade terrestre!

Os sábios ensinando e ilustrando a Humanidade; os Dons secando o pranto dos atribulados. A ciência e o amor universal dominando em todos os espíritos...

que sonho formoso!

Quando, quando será um fato o triunfo da ciência do amor, da verdadeira fraternidade!

22 ANTÔNIO !

A generalidade dos homens fixa sua atenção nesses grandes personagens que deixam seu nome na História, pelas suas proezas nos campos de batalha, pela sua sagacidade maquiavélica no terreno político, pelo seu engenho nas belas artes, pelos estudos, descobrimentos e invenções científicas. Todavia, deixam passar despercebidos inumeráveis seres cuja vida é um heroísmo constante, um sacrifício perpétuo, cuja abnegação irradia resplandecente.

Sem querermos, com nossas palavras, contrariar a opinião geral, com nossas ações, agimos, quase sempre,

contrariamente à Humanidade, porque ela olha os homens que parecem grandes e nós olhamos, com inexplicável interesse, os pequeninos da Terra, os que parecem pequenínissimos por sua posição social.

Quando vimos desfilar as grandes tropas de exércitos vitoriosos que voltavam do campo de batalha, nossos olhos não procuraram os chefes mais renomados, mas os pobres soldados, e dissemos: quantos heróis sem glória!

Com respeito aos grandes políticos, nos disse certa vez um conhecido homem de Estado: creia, minha amiga, que a alma dos ministérios não são os ministros, mas seus secretários particulares; que no teatro do mundo os primeiros atores, frequentemente, são os que figuram como subalternos.

Convencidos dessa verdade, sempre procuramos nas classes humildes esses mártires do trabalho e do sofrimento, cujo nome não é consagrado pela fama e em cuja memória não se levantam monumentos de mármore ou de bronze. Mas, que importa o mundo não registrar seus feitos se tudo fica gravado na luz perene de sua eternidade?

Quem, por exemplo, presta atenção a um desses meninos que vendem jornais pelas ruas? Quem, ao ouvi-los apregoando sua mercadoria, lembra considerar que aquela voz pode ser o eco de um coração magnânimo? Nós, antes de sabermos que o célebre Édison, o inventor do fonógrafo, da lâmpada elétrica, do microssatímetro, que dividiu em dez mil isqueiros uma só luz elétrica, esse gênio mecânico, primeiro do nosso século; antes de sabermos, repetimos, que Édison foi vendedor de jornais em uma estrada de ferro, já olhávamos com certa simpatia os pequenos veiculadores de ideias. Entre eles, encontramos um herói de trabalho, de abnegação e sacrifício.

Quando morávamos em Madri, tínhamos o costume que têm quase todos os habitantes da Corte: comprar *A Correspondência da Espanha*. Um garoto de 9 a 10 anos era o encarregado de nos trazer os jornais todas as

noites, deixando-os em todos os quartos da casa. Sempre nos alegrávamos em ver aquele rosto risonho, adornado de grandes olhos brilhantes e expressivos.

Certa manhã, ao entrar em uma capela evangélica, nos surpreendeu ver o pequeno distribuidor, o simpático Antônio, sentado em um banco e escutando, com atenção superior aos seus poucos anos, o discurso do pastor.

À noite, ao vê-lo, dissemos-lhe: olha! és protestante ou apenas vendes algum jornal luterano?

— Minha mãe pertence àquela congregação, e eu também —, respondeu o pequeno com certa gravidade. Como você sabe, somos irmãos em Jesus Cristo.

Essa identidade de ideias nos aproximou mais do pequeno Antônio, e sempre lhe fazíamos perguntas pelo prazer de ouvir suas judiciosas respostas.

Uma noite, em que chovia torrencialmente, Antônio não nos veio trazer *A Correspondência* na hora do costume. Às dez horas, fecharam a porta da casa mas, daí a pouco, tendo ouvido chamar à porta do nosso pavimento, saímos para atender e deparamos com Antônio acompanhado do guarda noturno. Recebemos o jornal e não pudemos, pelo menos, deixar de dizer-lhe:

— Menino, onde vais com essa noite tão cruel? Não podias trazer o jornal pela manhã?

— Pela manhã eu tenho outras coisas a fazer.

— Este *homem* tem muitas obrigações — disse o guarda a rir — já vê se terá quando me obriga a acompanhá-lo, a fim de ir abrindo as portas.

— E tenho muitas — disse Antônio — e você sabe disso melhor que ninguém.

— Sim, homem, sim, já o sei. Aqui neste lugar — disse-nos o guarda — encarregou-se de manter uma criança.

— A uma criança?

--- Sim senhora, a uma criança.

— E como foi isso? Conte-me.

— Muito simples. Certa noite, há uns três meses, cerca de meia noite e meia, estava eu perto da casa de

Antônio, quando este veio e me disse: “Olha, junto à porta do convento deixaram uma criança que chora” .

Acompanhei-o e, efetivamente, enrolada em um pano preto havia uma menina que contava uns oito dias de idade, e estava muito bem vestida. Antônio tomou-a nos braços e me disse: “Venha comigo à minha casa, pois quero ficar com esta criança”. — Estás louco! — disse-lhe —| para aumento de família tens tua mãe...

— Não importa, não importa —; insistiu Antônio — venha comigo e o resto corre por minha conta.

Fomos à sua casa e a mãe de Antônio — que é ajudante de lavadeira — ao ver-nos com a enjeitada que trazíamos, tomou-a nos braços, beijou-a; Antônio se abraçou a ela e soube ajustar tão bem as coisas, que sua mãe ficou com a menina, responsabilizando-se ele pelo pagamento da ama que dela cuidaria, com o que ganhava. Por isso, tem de trabalhar tanto, ainda não tem dez anos e já se converteu em pai de família.

— Vamos, até amanhã, que tenho pressa — disse Antônio saindo com o guarda.

Se o pequeno jornaleiro nos era simpático, desde aquela noite, sentimos por ele admiração e carinho.

Na noite seguinte, quando chegou, perguntamos-lhe pela menina e dissemos:

— Queremos que nos fale com vagar de tudo isso.

—i Bem, amanhã, vá cedo à capela e eu contarei.

Não faltamos ao encontro, e Antônio já nos esperava lendo em sua Bíblia. Parecia um homenzinho. Perguntamos por sua protegida, e lhe ponderamos sobre a grande obrigação que contraiu.

— Jeová me protege, porque lê em meu coração — replicou o menino. Parece-me que Jeová pôs Raquel naquele lugar para que eu a recolhesse, porque ao ouvi-la chorar, senti uma pena tão grande quanto quando morreu meu pai, e não fiquei tranquilo até minha mãe achar quem a criasse. Justamente uma nossa vizinha se encarregou dela e, por isso, pago-lhe dois duros todos os meses. Se você visse como está formosa!... Eu pedi

roupas à senhora do pastor e ela me deu muitas coisas; minha mãe lava-lhe os vestidos e sempre Raquel está mais branca que uma pomba. Precisas ver como a menina me conhece! Pobrezinha! — e o olhar de Antônio irradiava felicidade.

— Mas terás que trabalhar muito...

— Que importa! À noite, vendo *A Correspondência* e pela manhã outros periódicos; depois, vou à casa de um editor para dobrar e separar entregas. Desde que tenho Raquel em casa, tudo vai bem. Vendo o dobro de antes e, à noite, quando me retiro, e às vezes muito tarde, já não tenho medo como acontecia, parecendo-me ver sombras e fantasmas. Parece que me dizem ao ouvido: *Jeová está contigo!*... e me rodeia uma luz tão linda!... vejo meu caminho tão claro!... Contei à minha mãe e ela ri, respondendo-me que isso é impossível; mas estou persuadido de que é verdade, porque ocorre todas as noites e sem exceção de nenhuma. Estou certo de que não me engano.

— Não, meu filho, não te enganas. Às almas boas como a tua, Jeová sempre acompanha. Não duvides disto: Jeová está contigo.

— Me alegraria — ajuntou Antônio sorrindo — que minha mãe te ouvisse; veria assim que é ela quem se engana, e não eu.

Tendo aparecido o pastor, dispôs-se a escutar, atentamente, seu discurso.

Enquanto permanecemos em Madri, continuamos a ver Antônio, admirando cada vez mais a grandeza de sua alma.

Quem diria — vendo aquele menino correndo pela rua, apregoando sua mercadoria — que era o amparo de um pobre ser abandonado sobre a Terra!

Quem diria que aquele menino era um herói por sua abnegação e sua caridade!

Quem diria — ao vê-lo com sua blusinha azul e seu gorro verde — que a própria irradiação do seu espírito iluminava seu caminho, e a voz do seu guia,

indubitavelmente, murmurava em seus ouvidos: “Jeová está contigo”!

Antônio! Alma boa! Tua lembrança vive em nossa memória, e sempre que vemos um pequeno jomaleiro, nos lembramos de ti e da tua amada Raquel.

Que ação tão linda! um filho do trabalho, um pequenino que não teve infância, converter-se em protetor de um ser abandonado no meio da rua.

Que espírito tão evoluído! Que instintos tão generosos! Que abnegação tão pura!

Bendito sejas, Antônio! Bendito sejas!

23 CAROLINA !

Sabeis quem era Carolina? Era uma espécie de pequena livre pensadora, que deixou a Terra depois de ter visto florescer cinco vezes as amendoeiras!

Era uma menina de feições simpáticas e expressivas, de olhar doce e risonho, de andar apressado! Em tudo refletia a vida e a exuberância da vida! Parecia que adivinhava, que pressentia a brevidade da sua passagem por este mundo, e queria viver depressa, com muita pressa...

Adorava fixar-se nas letras, e seu passatempo mais agradável, sua recreação favorita, era fazer grandes somas e escrever garatujas, às quais olhava com encantadora complacência.

Nada mais gracioso do que vê-la com seu rostinho corado, com seus olhos alegres, muito alegres, falando por eles, como se costuma dizer. Seus cabelos ruivos em encantadora desordem, levantados continuamente pela sua pequena mãozinha, apoiados os cotovelos na mesa, olhando a quantos a rodeavam com olhar investigador, tão intencionada e tão significativa, que se desejava beijar aquele lindo rosto de boneca cor de rosa.

Era o encanto de sua mãe que, querendo educá-la, desde muito cedo, colocou-a em um colégio católico bem perto da sua casa. Carolina (não sabemos por qual

coincidência), certo dia foi a um colégio protestante e, desde então, com vontade decidida, disse à sua mãe que queria ir para aquele colégio. Sua mãe recusava-se a transferi-la, porque dita escola está muito longe da sua casa; mas Carolina teve astúcia bastante para se tomar insuportável no colégio católico, pois quando sua mãe a levava, assim que entrava na classe, a pequenina começava a entoar os cantos dos reformistas.

A diretora, como é natural, não podia tolerar aquela infração ao regulamento, e a pequena agitadora conseguiu seu desejo de ser expulsa da escola católica e admitida entre os luteranos, onde a menina cantava, rezava e era acariada pelas suas infantis companheiras.

Carolina era um desses seres afetuosos por excelência. Conheceu uma juvenzinha, pouco conviveu com ela, e lhe tomou tanto carinho que, embora a jovem se mudasse para outro povoado, a menina a recordava e pedia para ir vê-la: era uma dessas almas, muito raras na Terra, que não sabem esquecer.

Certa manhã, sua mãe percebeu que a menina tinha dificuldade em respirar, faltava-lhe o ar. Aterrada, a pobre mulher viu abrir um abismo aos seus pés e, correndo como uma louca, foi pedir a um homem sábio a vida da sua filha. O médico acudiu solícito e tremeu; certificou-se que sua ciência era impotente, e não soube o que àizer àquela mãe desesperada, que exclamava com acento delirante:

— Salvai! Salvai minha filha! Eu não quero que ela se vá! que farei no mundo sem ela?

Mas a menina piorou, sem perder com isso a consciência; olhava e beijava sua mãe com tema efusão, dizendo: “Quero pão, mamãe!” Trouxeram o que a enferma desejava e Carolina, ao ver que seu irmão lhe trazia, o que com tanto afã havia pedido, sorriu amorosamente, partiu o pão em dois pedaços e, com olhar temo, ofereceu ao irmão um pedacinho do último manjar que tomava na Terra. Chamando carinhosamente sua mãe exclamou:

— Quero dormir contigo!

Carolina tinha o costume, sempre que sentia sono, de dizer à sua mãe: “Vamos dormir”. Quando a menina semicomatosa se achou reclinada no seio materno, repetiu a mesma frase.

Aquele desejo horrorizou a pobre mulher, porque compreendeu que sua filha iria dormir o sono da morte.

E assim sucedeu... Carolina cerrou seus olhos formosos para despertar no espaço. Pobre mãe!

Nenhuma esperança sorri naquele pensamento sombrio!

Nenhuma crença se alberga naquela mente exaltada pela dor mais horrível da vida!

Quisemos ver Carolina pela última vez; que quadro dilacerante se apresentou aos nossos olhos!

Sobre um níveo leito, estava a menina reclinada, vestida com um traje branco adornado com laços da cor do céu.

Seu gracioso sorriso ainda se desenhava em seus lábios pálidos; parecia que repousava sonhando com sua mãe.

Esta, de pé junto a ela, a olhava de espaço a espaço, e nos dizia com voz entrecortada:

— Parece um sonho! Devem ter envenenado minha filha!

A pobre mulher lançava, em tomo de si, um olhar ameaçador, buscando o inimigo invisível que lhe arrebatara a felicidade. Depois, com voz doce, nos contou tudo o que sua filha lhe havia dito antes de dormir, e nós murmurávamos intimamente: pobre mãe!

A angústia daquela infeliz penetrava a nossa mente como chumbo derretido, parecendo nos queimar o cérebro.

Sem dirigir-lhe uma palavra de consolo, lhe dissemos:

— Sim, sim; chore muito! chore... Porque não se vem à Terra senão para chorar!

Aturdidos, oprimidos com tão amargas sensações, espantados ao ver aquele sofrimento terrível, quando nos vimos a sós, na rua, choramos com profundo desconsolo.

Não conhecendo o Espiritismo, quanto deveria sofrer aquela pobre mulher contemplando sua filha morta! É tão triste ver uma criança a dormir com esse sonho

supostamente eterno!

Tanta vida! tanto movimento! Tanta atividade! Tudo reduzido a um corpo imóvel! A um silêncio aterrador!

Pobre mãe!...

Quanto à Carolina, feliz, dela! Espírito ativo, amante do progresso, expressivo, carinhoso, muito carinhoso, quanto teria sofrido!

Pobre menina! hoje *dormiu* nos braços de sua mãe, e antes, quem sabe onde reclinou a cabeça para morrer?...

De pronto, enquanto a contemplávamos há algum tempo, entre a morta e nós se apresentou a imagem de uma jovem muito bonita, que conhecemos certa vez no cárcere de Barcelona e pensamos: para ver Carolina em lugar tão triste... mais vale que hoje sua mãe a chore!

Depois nos apareceu a sombra de uma mulher que se suicidou em Madri, jovem elegantíssima, de longa história, que teve que morrer para testemunhar seu amor a um homem. Ao vê-la, com amargo sorriso e olhar triste, comparamos aquele rosto violentamente contraído, com o semblante risonho da menina morta, e dissemos: Para chegar a sucumbir assim... é preferível que sua mãe hoje a chore! Mas nos decidimos não comentar com ninguém aqueles instantes.

Onde não há crença, a dor se converte em hidrofobia! O amor da Terra, que é o mais sublime dos egoísmos, mas afinal egoísmo, não transige com nenhuma espécie de considerações, rebelando-se diante de tudo. É a mais inofensiva das loucuras, mas, afinal, loucura! Por isso emudecemos e, ao sair daquele aposento, choramos oprimidos com o peso da dor alheia.

Aquela mulher sem crenças nos torturava a alma, porque é horrível viver na Terra sem crer, sem provar os doces consolos que o Espiritismo nos oferece.

Esta é a única crença que pode tirar o horror da morte. Sem ela, o coração se tritura em mil pedaços, quando vê o cadáver de uma menina tão simpática quanto Carolina.

24 O MENINO JESUS

Um dos quadros mais belos que a Natureza apresenta ao homem que pensa: uma criança nos braços de sua mãezinha.

Nunca esquecerei um pequenino que contará dois anos: sua cabecinha está coberta por dourados e sedosos cabelos, seu rosto é muito simpático, e seu olhar tão expressivo que não vi outros olhos que revelem a felicidade como os olhinhos desta criança.

Quer muito bem à sua mãe e, uma tarde, diante de mim, conseguiu sentar-se em seu regaço, todo encolhidinho, reclinando a cabeça sobre o peito daquela que o carregou em suas entranhas.

Suas faces pálidas adquiriram a suave cor das rosas; em sua boquinha se desenhou o mais doce sorriso, e seus olhos irradiaram um prazer imenso.

Sua jovem mãe olhava-o sorrindo, como só as mães sabem sorrir.

Eu que, como o nobre russo do conto, vou pelo mundo à procura de um homem feliz, senti-me tão atraída pela expressividade daquele quadro, que não podia dele desviar meus olhos: queria fotografar em minha mente aquele admirável grupo, em especial o rosto do menino, expressivo e sorridente sob todos os aspectos.

O menino observou que eu o olhava fixamente: contente e risonho, escondia sua ruiva cabecinha no regaço maternal, e logo voltava a olhar-me como dizendo, com seu sorriso:

I Sim, sim, sou feliz; a felicidade existe na Terra". E repetia suas carícias, mas tão graciosamente, que sua mãe o cobria de beijos, ao mesmo tempo que murmurava!

— Não vês quão belo é meu filho?

— Oh sim, é muito belo! Eis aqui um menino-Jesus mais belo do que todos os que vi nos quadros dos pintores místicos. Grande é a arte, mas a Natureza é maior ainda.

E continuei olhando a criança para recordar, em minhas horas de amargo desencanto, aquele quadro encantador da felicidade humana, reflexo, sem dúvida, da felicidade inefável que se deve fruir em outros mundos melhores.

No olhar daquele pequerrucho, não havia somente essa inocência infantil, essa alegria simples peculiar de quase todas as crianças. Não. Havia muito mais: uma expressão inteligente, inexplicável.

E como o pensamento voa com mais rapidez do que todas as águias, e do que todas as ondas sonoras ou luminosas, aquele menino-Jesus trouxe, à minha mente, a recordação de uma história que não apreciei, em todo o seu valor, antes de conhecer o Espiritismo. Hoje, que comungo esta consoladora doutrina, a recordação daquele fato me comove, e vou contá-la, crendo

ser útil ensinamento, o

Conheci Aurora Montejo, jovem de bons sentimentos, mas fechada no cárcere estreito do fanatismo religioso, como se toda a sua família se compusesse de monjas e de frades, como se diz vulgarmente.

Casaram-na com um primo, mais para somar fortunas do que para enlaçar corações; e um menino veio alegrar, mais tarde, o lar triste e solitário.

Aurora enlouqueceu de alegria, e rodeou seu filho das mais temas atenções. Não obstante, seus amorosos cuidados foram inúteis: antes de completar dois anos, o pequenino deixou a Terra e Aurora acreditou morrer de tristeza.

— Meu Deus! — exclamava —. Que vou fazer, que vai ser de mim sem o meu menino-Jesus... !

O pequerrucho era tão precioso, tão humilde e tão bom que toda a família lhe dava o nome de Redentor. Vendo Aurora desesperada, um seu irmão lhe disse:

— Queres encontrar consolo?

— Diga-me o que devo fazer porque não posso viver assim: até duvido da misericórdia de Deus.

—« Ouça, teu menino-Jesus foi para o céu, mas a imagem do menino perdido se venera em nossa igreja. Encarrega-

te de cuidar de um altar do menino-Jesus, e verás como a tua alma se tranquilizará. Teu filho ficará muito feliz contigo e, em sua glória, intercederá com nosso divino Pai, e serás ditosa por sua mediação. Aurora se encarregou, em seguida, de cuidar de um altar do menino perdido, preciosa imagem de rosto encantador e ruiva cabeleira, que vestiu com uma túnica de seda de prata bordada, com pérolas e diamantes, fazendo construir-lhe uma capela, em cujo altar, diariamente, se celebravam missas, que Aurora ouvia com místico recolhimento.

Como era imensamente rica, obteve do Papa uma bênção apostólica, e a concessão de quarenta dias de indulgência a todos os fieis que, diante do altar do menino perdido, rezassem o rosário, às dezoito horas.

Aurora dirigia a oração; mas, apesar de toda a sua devoção, quando via um menino da idade do seu, se entristecia e chorava em profundo desconsolo, o Um dia Aurora veio visitar-me e disse-me:

— Ah, Amália! Acho que vou enlouquecer. Há algumas noites que, ao deitar-me, ouço uma voz que murmura em meu ouvido: “Procura o menino-Jesus”.

Quando entro na capela, por mais procure entregar-me à oração, a mesma voz me perturba dizendo:

“Não é este o caminho; procure o menino-Jesus em outra parte.”

Tendo me referido a isso ao meu confessor, disse-me que estou sendo perseguida pelos maus espíritos, ós quais só poderei afugentar pela penitência. E aqui me tens ignorante do que se passa. A verdade é que, desde a morte de meu filho, não sei o que é ter sossego. Ao ver a imagem rígida e fria do menino-Jesus, recordo meu filho, que era tão carinhoso e brincalhão, e as lágrimas correm pela minha face.

Passados alguns dias, Aurora voltou a visitar-me, pedindo-me que a acompanhasse, pois deveria ir, por encargo do seu confessor, levar uma coroa à Virgem das Angústias. Acedi prazerosamente. Andamos longo tempo antes de subirmos à carruagem, chegando, por fim, a um

desses templos humildes e solitários, que são os mais agradáveis àqueles que vão ao templo para orar.

O pároco não estava, e o sacristão recebeu o presente. Ao sair da igreja, me chamou a atenção um homem de idade mediana que estava podando um roseiral de trepadeiras: seus olhos avermelhados demonstravam que havia chorado muito, e, em seus menores movimentos, se notava o desfalecimento da dor.

— O que tem esse infeliz? — perguntei ao sacristão.

— O que queres que ele tenha, senhora, senão penas e misérias. É meu irmão e perdeu a esposa, que era boa mulher, deixando-lhe cinco filhos, cabendo todos debaixo de uma cadeira. Ele está sem trabalho, e como a época é má e não posso ajudá-lo muito, o pobre não sabe como fazer para seguir adiante.

Aurora, ouvindo falar de crianças, prestou atenção. De pronto a vi empalidecer e estremecer, para depois, olhando por todos os lados como se estivesse assustada, me perguntar em voz baixa:

— Ouviste?

— Sim, é uma história triste.

— Não é isso; ouviste o que acabam de me dizer?

— Não sei do que me falas; refiro-me ao sacristão.

— Pois bem; enquanto ele falava disseram-me ao ouvido: “Ai está o menino-Jesus, corre em sua procura”. Vou ficar louca; quando ouço essa voz não sei o que se passa comigo.

— Tranquiliza-te e faça uma boa obra, deixando uma esmola a esse infeliz, para que dê pão aos seus filhos.

Aurora se aproximou do irmão do sacristão e lhe disse:

— Você mora muito longe?

— Não, senhora; aqui na esquina.

— Pois acompanhe-me até sua casa, que quero ver os seus filhos.

O pobre homem suspirou angustiado, e começou a andar. Chegamos a uma casinha humilde, em cuja porta apareceram cinco crianças, o maior de sete anos, e o menor de dois: três meninas de seis, cinco e quatro anos,

brincavam fazendo comidinhas, enquanto o maior recortava gravuras, e o pequenino se entretinha desmontando um cavalo de pau e destruindo um carro de papelão.

Nada mais linda do que esta última criatura. Parecia um desses anjos que rodeiam a Virgem no mistério da Conceição. Olhos azuis, cabelos dourados, rosto de neve, faces rosadas e lábios vermelhos como o rubi.

A chegada do pai, abraçou-se-lhe aos joelhos, o que bastou para que Aurora prorrompesse em pranto copioso. Vendo-a, o pequenino, como se a conhecesse, pegou-lhe o vestido, enquanto lhe dizia com acento carinhoso:

“Porque choras? Pobrezinha! Não chores, porque eu te quero bem”.

Aurora tomou-o em seus braços e, enchendo-o de lágrimas e de beijos, perguntou como se chamava.

— Jesus — respondeu o pequenino.

— Valha-me Jesus! — replicou Aurora. E, deixando-se cair em uma cadeira, ficou muito tempo pensativa, com o menino nos braços, que ria alegremente, colocando as mãos sob a peça de pele que Aurora vestia.

As demais crianças a rodearam, olhando-a com inocente curiosidade. Eu contemplava aquele quadro com inefável emoção.

Aurora, que acabava de tomar sua resolução, levantou a cabeça e, dirigindo-se ao irmão do sacristão, disse-lhe:

— Você muito perdeu com a partida da mãe dos seus filhos, mas o providência de Deus é inesgotável. Perdi meu único filho e, desde que morreu, vivo em angustiante solidão. A voz deste menino me fez sentir o que não havia sentido desde que perdi meu filho. Deixe que ele ocupe, em meus braços, o lugar que o anjo da minha vida deixou vazio, e eu lhe prometo educar seus filhos e ajudá-lo para que sua carga não seja tão penosa.

O pobre homem ficou olhando-a, murmurando tristemente:

— Exiges muito de mim, senhora. Desfazer-se de um filho, e de um filho como meu Jesus, é sacrifício superior às minhas forças; mas sou tão pobre e quero tanto bem aos meus filhos que, por seu amor, sofri até o martírio. Disponha, senhora, e eu a obedecerei, bendizendo sua caridade.

Aurora não quis separar-se do menino; deixou algum dinheiro ao pai atribulado, dando-lhe várias instruções, e subimos na carruagem com Jesus, que confiava que o autor dos seus dias mais tarde iria vê-lo.

O pequenino, com o movimento da carruagem, adormeceu nos braços de Aurora.

— Estou atordoada — dizia —, não posso descrever-te o que se passa comigo. Meu confessor assegura que estou possuída pelos maus espíritos, e esta é a causa das vozes que ouço. Sem dúvida, a essas vozes devo o bem que acabo de fazer e as doces emoções que experimentei. Enquanto abraçava este menino, pareceu-me que me davam um beijo no rosto, ouvindo estas consoladoras palavras: “Bendita sejas, minha mãe!” Se estas emoções e estes sentimentos são produzidos pelos maus espíritos, devo confessar que não os produzem, tão temos e agradáveis, os bons espíritos. Este menino, tão lindo como o meu, dever-me-á sua felicidade. Sempre olhei as riquezas com indiferença, mas, hoje, alegro-me em ser rica para cumular este menino de bens.

— E se amanhã tiveres filho?

— De acordo com os médicos, não voltarei a ser mãe, e este menino lucrará com isso. Diga meu confessor o que quiser, mas se desfruta muito mais fazendo o bem do que levantando templos e vestindo imagens, o Desde aquele dia, Aurora renasceu para a felicidade. Sua casa, até então triste e solitária e cheia de Cristos, de Dolorosas e de santos, foi albergue risonho de cinco crianças, porque o pequeno Jesus havia imposto a lei do carinho e, sem seus irmãos, não queria ficar com Aurora. Seu pai foi nomeado mordomo, único meio para que, ao pequeno Jesus, nada faltasse e fosse feliz.

Aurora não teve do que se arrepender pela sua boa obra: viveu e vive ainda amada pela família que tirou da miséria.

Quase ao mesmo tempo que eu, conheceu e estudou o Espiritismo, vindo a saber então que devia sua salvação ao seu filho, pois era sua a voz que a separou do templo e a levou à caridade verdadeira.

No dia em que a voz dos espíritos ressoe na Terra, compreender-se-á que não há nada melhor do que amparar os órfãos.

25 A NOITE DE NATAL

Conhecemos em Madri uma excelente mulher, dessas mulheres do povo cheias de sentimento e de amor à Humanidade, zeladora de um casarão.

Onde haja um enfermo para velar, aí está ela; onde haja a escassez da miséria, ela é a primeira que acode e providencia recurso, pedindo a este, suplicando àquele, convertendo-se em verdadeiro agente providencial Casada e sem filhos, todos os desventurados são seus filhos, podendo-se dela dizer, com razões de sobra, o que dizia o Padre Germano: que a mulher sempre é mãe.

Durante algum tempo vivemos na casa que ela zelava, e tivemos ocasião de admirar os belíssimos sentimentos daquele ser de aspecto vulgar, mas que encantava quando falava, porque se expressava com nobre entusiasmo, defendia com tanto calor os pobres, e tomava parte tão ativa nas dores dos seus vizinhos, chorando com a viúva desolada, gemendo com a criança órfã, repartindo seu escasso pão com o operário sem trabalho, que adquiriu renome honroso entre seus conhecidos, pois ninguém a chamava simplesmente Ramona, mas a boa Ramona.

Seu marido dizia que havia se casado com uma irmã da Caridade. Reconhecia a grande superioridade moral que tinha ela sobre ele, e a olhava com certo respeito, impróprio para um homem do povo.

Ramona não sabe ler, mas gosta muito de ouvir a leitura de um bom livro. Muitas noites, quando fechava a porta, subia ao nosso quarto para ouvir-nos ler um pouco, apreciando ao extremo as obras de Kardec e Flammarion.

No último ano que vivemos em sua casa, uma amiga nos deu cem reais para que os déssemos, na Noite de Natal, a uma família verdadeiramente pobre, e, como Ramona conhecia a todos os infelizes do bairro, chamámo-la e tivemos com ela o seguinte diálogo:

— Ramona, você vai ouvir uma boa notícia. Dispomos de cinco duros para dar a uma família muito pobre, hoje | noite, pois devem ser entregues na Noite de Natal, e queremos que você nos indique um pobre realmente necessitado.

— Não teremos de ir muito longe — respondeu ela com certa tristeza. Sobre este mesmo quarto está o sótão número 2, onde estão morrendo aos poucos um casal e dois filhos. O pai é cego, a mulher está parálitica, a filha está tísica em último degrau, e seu irmão, pedreiro, a caminho disso, sendo que os mestres não lhe dão trabalho por vê-lo tão enfermo, passando os infelizes por amarguras inenarráveis. Ah! se as paredes desse sótão pudessem falar, creia que haveria assunto para escrever muitas histórias, podendo se formar um riacho com as lágrimas que foram derramadas dentro dessa habitação. Sempre que lhe cobro o aluguel, creia, se me oprime o coração. Ramona começou a chorar com profundo sentimento.

— Que tem você? Ocorre-lhe algo desagradável?

— Não, senhora, nada me acontece; mas quando chega a Noite de Natal, lembro-me de uma tragédia que aconteceu nesse sótão, que nunca esqueço, embora a recorde mais no dia de hoje. Não fora por ter de estar entre as pessoas, creia que choraria sem descanso. Ah! senhora, quanto sofrimento há no mundo!

— E que história é essa? Conte-me...

— É muito longa para contar; contar-lhe-ei outro dia.

— Esta noite, quando fechar a porta, suba, mesmo porque hoje é o aniversário...

— Sim, sim, e disso me alegro, porque desde que se passou aquilo, há quatro anos, nenhuma Noite de Natal me diverte.

Meu marido se aborrece, mas nada posso fazer. Quando ouço cantar e rir, parece-me ver Feliciano, e sinto-me angustiada... Meu marido irá à casa de sua irmã e virei contar-lhe essa história. Estarei muito mais contente do que entre o barulho que tanto me entristece.

Naquela noite, subimos ao sótão e entregamos | pobre paralítica os cinco duros que nossa amiga nos havia dado, impressionando-nos penosamente o quadro triste que apresentava aquele aposento, onde quatro seres morriam pouco a pouco, como dizia Ramona. Logo esta subiu muito contente e agradecida ao seu marido, que lhe disse: Vá, vá para cima, que esta é uma noite muito ruim para ti.

Fizêmo-la sentar junto a nós, e dissemos-lhe: Vamos, comece essa história, que despertou poderosamente nossa curiosidade.

— Você verá. Faz cinco anos, estando eu na portaria, vi chegar uma jovem vestida de negro, com uma roupa e uma manta que nem um trapeiro haveria de querê-las, levando pela mão um menino de cinco anos, que era o retrato da mãe. Os dois eram muito brancos, com olhos tão tristes... que dava pena olhá-los. Tão magros! tão pálidos!... Ela me perguntou se havia algum sótão para alugar; ao ouvi-la, senti-me comovida, com desejos de abraçá-la, tendo de conter-me para não fazer uma tolice. Enfim, para abreviar, lhe direi que alugou o sótão número 2. Como se fosse minha filha, tomei tão grande interesse por ela, e pelo menino, que meu marido me dizia: “Se Tereza fosse homem, teria ciúmes.” Eu não tinha maior prazer nem maior alegria do que estar com Tereza quantos momentos podia. Eu chamava ao menino meu Feliciano, e o pobrezinho chamava-me de avó. Teresa não conhecia ninguém; a pobrezinha acabava de

chegar de Sevilha, como me disse, e eu lhe proporcionei trabalho, pois bordava divinamente. Eu ia à loja e fazia-lhe as compras; enfim, eu me dedicava a ela, e Teresa me dizia:

— Você é minha mãe. Não conheci a minha, e a sorte me protege, em se compadecendo você de meus tropeços. Obrigado por sua solicitude carinhosa, minha boa Ramona!

— Era viúva, mal casada, ou vítima de algum engano...?

— Você já verá; eu também tinha essa mesma curiosidade, porque Teresa era muito reservada e não falava da sua vida passada. Eu sabia que era pessoa muito fina, muito prudente, e incapaz de abusar de alguém. A infeliz não comia, por não dever. Sempre estava muito triste e olhava seu filho com pena... À noite, em particular, quando o deitava, ao beijá-lo, chorava em silêncio, e lhe dizia:

— Reza por teu avozinho, meu filho!

Uma noite, Feliciano brincava comigo e, à hora do costume, Teresa fez com que o menino se deitasse, dizendo-lhe, como sempre: — Reza por teu avozinho, meu filho! — O menino rezou e logo, reclinando o corpo sobre o colchão de palha que lhe servia de cama, exclamou:

— Mamãe, sabe o que estou pensando?

— O que, meu filho?

— Que nunca me dizes para rezar por meu pai, apenas por meu avozinho.

— Filho meu, as vítimas não necessitam de orações — disse Teresa com voz embargada.

— E meu pai é uma vítima? De quem?

— Cala-te, meu filho, cala-te — disse Teresa, em tom suplicante —; reza por teu avozinho, e pede ao céu que te dê um bom sonho.

Feliciano dormiu, e eu não fazia mais do que olhar para Teresa. Esta leu, nos meus olhos, meu pensamento e,

dobrando um pano que estava bordando, olhou-me sorrindo e me disse:

—, Pobre Ramona! Você me olha com dolorosa curiosidade; sabe que sou muito infeliz e deseja saber algo da minha história. Devo-lhe muito, e é justo que pague com a minha confiança o verdadeiro carinho que encontrei em você. Há alguns dias pensava falar-lhe, porque se aproxima um dia fatal para mim, e, se me acontecer alguma tragédia saiba você a quem amparou.

Feliciano deu meia volta, e Teresa levantou-se para ver se dormia; beijou-o, exclamando: pobrezinho meu! Voltou a sentar-se à minha frente, dizendo em tom solene: — Você é a única pessoa que, por meus lábios, saberá minha história.

Quando nasci, minha mãe morreu, e meu pai casou-se, dentro de poucos meses, com uma mulher de maus sentimentos, que se alegrava em atormentar-me, todo o tempo que vivi ao seu lado. Meu pai, de elevada posição social, sempre envolvido em política, estava em guerra contínua com a família de um nobre, cujo primogênito me quis desde menino, e eu a ele, ao ponto que, apesar de toda oposição da sua família, e da minha, a lei nos amparou e me tiraram da casa do meu pai na véspera do Natal, à noite. Meu pai procurou reprimir sua ira, mas ao ir-me, disse-me ao ouvido: “Lembra-te sempre da Noite de Natal!”

Tremi, ao ouvir aquela ameaça, porque sabia que meu pai era um inimigo terrível; mas nunca disse uma palavra à respeito ao meu esposo, para não despertar mais ódios. Estive depositada na casa do juiz por um mês, e depois me casei com o amado da minha alma. Onze meses vivi num paraíso, mas nem um dia deixava de lembrar-me da ameaça do meu pai.

Chegou a véspera de Natal, e tratei de reter meu marido em casa o dia todo. Tinha medo em separar-me dele. Afinal, percebeu que se passava algo comigo, e tanto me perguntou, que lhe confessei meus temores.

Ele se riu, e disse-me que era uma tonta, que não tinha confiança na vida; animou-me com suas carícias I afinal, me fez sair com ele à noite para comprar meus doces favoritos. Quando voltávamos, fazendo planos para o futuro, falando do nosso filho, pois estava prestes a dar à luz, passamos diante da catedral e, como o coração nunca se engana, disse ao meu esposo: — Daremos a volta; não quero passar por aí, pois este lugar é muito solitário. — Não sejas criança! — disse-me ele —. Que ganhas em dar uma volta quando estamos tão perto de casa?... E, a contragosto, me fez passar por aquela paragem sombria. Não havíamos dado cinqüenta passos, quando senti que meu marido caía dizendo:

— Ai, Teresa minha! Estou morto!... No mesmo instante, mão de ferro segurou meu braço... e ouvi a voz do meu pai, que me disse: “Lembra-te da Noite de Natal! Hoje teu marido! Amanhã teu filho!”

Que ocorreu comigo?... Não o sei. Perdi o sentido e, quando recobrei a memória, encontrei-me em meu leito, rodeada de pessoas estranhas. Reconheci minha criada, que tinha uma criança nos braços; mil ideias confusas torturaram meu cérebro, e minha criada entregou-me meu filho, que era a criança que tinha contra o peito. Renuncio em pintar-lhe minha dor, quando recordei tudo o que havia acontecido, e mais ainda, quando vieram perguntar-me se havia reconhecido o assassino, que a polícia não encontrou.

Disse que não vira nada. A primeira vez que saí de casa, foi para ir ao cemitério, rezar na tumba do meu marido. Ali me aconteceu uma coisa rara: estava só, 1 sentei-me sobre um sepulcro perto do de meu marido; senti um frio intenso e pareceu-me que sonhava desperta. Vi meu marido que, levantando-se da sua sepultura, se acercou de mim e disse-me: “ Não rezes para mim; reza por teu pai e ensina nosso filho a rezar por ele, que te deixou sozinha no mundo. Os ver- dugos necessitam de súplicas; as vítimas ficam purificadas. Roga sempre por teu pai,

Teresa, pois tua missão na Terra é alcançar seu arrependimento.”

Experimentei uma emoção violenta e vi, junto a mim, o guarda do cemitério, que me perguntava:

— Estás enferma, senhora?

Desde então, todo os dias, rezo por meu pai e, como você viu, ensino meu filho a rezar, e faço-o beijar o retrato do avô, que conservo, seguindo fielmente as instruções de meu marido, com quem continuo a falar com frequência.

— Você fala com o morto? disse-lhe.

— Sim, com seu Espírito, que se comunica comigo. — E então me contou o que é o Espiritismo e, por isso, gosto de ouvir ler as obras de Kardec, porque Teresa as tinha e leu-me algumas delas.

— E que mais lhe disse?

— Que a pobre, odiada por seu pai e pela família do seu esposo, se encontrou só com seu filho. Foi vendendo o que tinha, pôs-se a bordar e consumiu sua vida trabalhando sem descanso, sempre com medo da Noite de Natal, pois, por mais lhe dissesse o espírito do seu marido para tranquilizar-se, ela sempre temia pela vida de seu filho, a ponto de resolver mudar-se para Madri, fugindo do pai, que nunca voltou a ver. Com mil dificuldades, reuniu dinheiro para a viagem, e fui a primeira pessoa com quem ela falou ao chegar à Corte.

— Logo chega a Noite de Natal, — disse-me por último — e tenho um medo horrível, por mais me diga meu marido que meu pai está arrependido, que é muito infeliz e deseja pedir-me perdão, e, sobretudo, que Feliciano rogue por seu avô, porque suas orações atraem o assassino para o arrependimento e para o bem. Mas sofri tanto, Ramona da minha alma, tenho tão gastas as forças da minha vida que, se chegasse a ver meu pai, creio que a impressão me mataria. Não quero deixar meu filho. Meu pobrezinho!

Desde aquela noite, Teresa e eu falávamos sempre dele e, sem saber porque, eu dizia a Feliciano: — Olha, teu avô virá e te trará muitas coisas.

— Virá na Noite de Natal? — dizia Feliciano —. Vou cezar muito por ele, para que venha logo e me traga muitos cavalos.

Tereza, ao ouvir isso, estremecia, olhava-me e eu tratava de animá-la. Mas via que Teresa se acabava por momentos, e eu me acabava com ela, pois o que sofri então não é para se dizer.

Chegou a véspera de Natal, e Teresa não pôde se levantar. Feliciano, o pobrezinho, abraçado à sua mãe, dizia-lhe:

— Mamãe, levanta-te, pois vendo-te deitada fico muito triste! — Mas Teresa havia chegado aos seus últimos momentos.

Chegou a noite e a infeliz, embora fizesse esforços para falar com seu filho e encarregar-me de várias coisas, quando melhor estava, deixou-se ficar como morta. Logo se reclinou no leito, indicou a porta, e me disse com voz firme:

— Meu pai! Meu pai está subindo!

— O avozinho! — gritou Feliciano com alvoroço, e correndo abriu a porta, saindo pela escada gritando —: Avozinho! avozinho! avozinho!...

Ao ouvir os gritos do menino, Teresa experimentou violento abalo; seu rosto se iluminou e parecia que lhe circundava a cabeça uma auréola de santidade. Ela e eu olhávamos a porta, através da qual não tardou em aparecer Feliciano, agarrado ao braço de um senhor velho, gritando:

— Mamãe, mamãe! Levanta-te, que aqui está o avozinho!

Teresa, porém, não pôde levantar-se, porque, ao ver o pai, morreu. Este se abraçou a ela, e Feliciano, não compreendendo que havia perdido a mãe, a julgava dormindo tranquilamente.

—i Avozinho! — exclamava —i; deixa-a dormir, pois que está enferma e terá sono. Por que demoraste tanto a vir? Eu me cansava em chamar-te em minhas orações; mas

mamãe sempre dizia: Reza pelo avozinho, reza pelo avozinho!

AO ouvir as palavras do menino, o pai de Teresa tomou o neto e apertou-o contra o coração. Que quadro aquele, que quadro! Creia que nunca o esquecerei. Teresa parecia irradiar luz, e seu pai e o menino abraçados a ela formavam um grupo... que ainda parece que o vejo.

Que Noite de Natal tão má tivemos! Quando Feliciano compreendeu que sua mãe não despertava, pobrezinho! partia o coração escutá-lo, pois aquela criatura tinha um entendimento que assombrava; mas, quem me causava mais lástima, era o pai. Como eu sabia toda a história, conhecia muito bem o tormento daquele homem, que estava aterrado.

À sua filha, fez um enterro que não ficou em Madri um só padre que não foi. Inteirou-se de como vivera e, cada vez que eu lhe dizia: — Sabe-se que a senhora lhe queria muito, ele replicava: — Minha filha foi uma santa!

— E o velho foi ao enterro de Teresa?

— Sim, senhora, e não se separou dela até vê-la enterrada. Quando saímos do cemitério, e dei o último beijo

em Feliciano, parecia que me arracavam a vida.

— E o menino?

— Pobrezinho! Ele me dizia: “Não chores, tonta, não vêes que me vou com meu avozinho, que me comprará muitos cavalos?”

— E você não voltou a saber dele?

— Não, senhora; mas creia que Teresa e seu filho vivem em minha memória; e para mim, a Noite de Natal é uma noite muito ruim.

Que luta sustentou aquela débil mulher! Só, enferma e pobre, adorando a memória do marido, tremendo ante a lembrança terrível do seu pai e despertando em seu filho o mais vivo carinho para com o criminoso que o havia deixado órfão...! Só a comunicação com o Espírito do seu marido era o que lhe dava alento!

Quão necessária é a comunicação espiritual! Ela desperta o sentimento, nos induz a perdoar ao que nos fere e nos faz retribuir ao mal com o bem.

O Espiritismo vem recordar aos homens a única lei eterna: o amor!

Notas

[←1]

(1) Diz-se parricida quem tira a vida a ascendente. No caso, o termo foi mal empregado. (Nota do Tradutor)

[←2]

(1) A nosso ver, o distúrbio de conduta de Pedro decorre da super-proteção materna e conseqüente falta de punição, apontada por Jean Piaget. Consultemos as seguintes obras, a fim de que possamos nos inteirar quanto à atualidade do texto ora em análise: 1) C. M. Charles, Piaget ao Alcance dos Professores, Trad. da Profa. Ingeborg Strake, Ao livro Técnico S/A — Indústria e Comércio, Rio de Janeiro, 1975, pp. 12 e 20; 2) E. F. Skinner, Tecnologia do Ensino, Trad. de Rodolpho Azzi, Editora Herber / Editora da Universidade de São Paulo, 1972, pp. 91-92; 3) Francisco Cândido Xavier, Espírito de Humberto de Campos. Reportagens de Além-Túmulo, FEB, Cap. 6; Lázaro Redivivo, FEB, Cap. 15; 4) Rodolfo Calligaris, A Vida em Família, IDE, Araras (SP), segunda parte — “Relacionamento entre pais e filhos”. — Nota do Revisor

[←3]

(2) Por ultrapassar o sentimento amoroso os umbrais da mori*e, não quer dizer que o cônjuge que permaneça no Plano Físico deva esquivar-se a novo casamento, havendo circunstâncias favoráveis para isso. Em grande número de casos, o cônjuge desencarnado, desde que em posição espiritual satisfatória, encaminha, ele mesmo, o elemento que venha a suprir-lhe a falta física, dando forças para a pessoa continuar vivendo no mundo. Exemplo típico temos nos capítulos 11 e 12 da obra *Entre Duas Vidas*, recebida pelo médium Chico Xavier e por nós comentada (2.a edição CEC, pp. 32-40)- — Nota do Revisor.

[←4]

(3) A propósito, consultemos o item 20 do Cap. VIII de O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec, expressiva mensagem de Vianney, Cura d' Ars, datada de Paris, 1863. — Nota do Revisor.

[←5]

(1) Tradução literal: Do pobrezinho cego / a pena consolai! / Senti do amor o fogo / e fazei caridade! / Ao pobre pequenino / que não viu a luz / ajudai-o um pouquinho / a levar sua cruz! / Consolo necessita / quem vive na dor; / dai-me uma esmolinha / com carinho e amor!

[←6]

(4) Respeitando a palavra de Amália Domingo Soler dentro do contexto histórico do Espiritismo, julgamos de bom alvitre oferecer ao leitor as palavras textuais do médium Francisco Cândido Xavier, em resposta a um médico ubera- bense que lhe fez a seguinte pergunta: “ — Chico, acha você bom para o Espiritismo os seminários católicos estarem quase todos se fechando?” Eis a resposta lapidar do médium do Parnaso de Além-Túmulo: “ — Meu amigo, diz nosso Emmanuel que a cada seminário que cerra suas portas, pelo menos dois sanatórios para doenças mentais devem surgir para comportar o número de desequilibrados do espírito. Que surjam sempre novos institutos de educação religiosa, para que novos pastores da alma se formem, com segurança, a fim de ampararem os corações aflitos, porque as religiões, em si, são caminhos que se continuam uns aos outros, até que venhamos a chegar todos, devidamente irmanados, na estrada real do conhecimento superior que nos reunirá na integração com Deus.” — Nota do Revisor.